FUTURO DA UNESCO DECIDE-SE NA ELEIÇÃO DO DIRECTOR-GERAL

Sá Machado com hipóteses reduzidas face ao avanço de Amadou M'Bow

Pág. 4

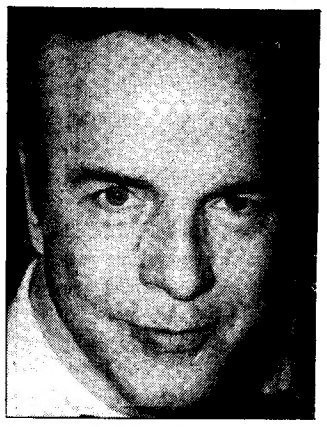
Dois mísseis iranianos disparados contra Bagdad

Bagdad, capital do Iraque, foi atingida por dois mísseis iranianos, disparados, aparentemente, como retaliação pelos últimos ataques iraquianos contra alvos do Irão. Notícias da capital iraquiana dão conta de elevados estragos e de vítimas entre a população civil. Não se trata do primeiro ataque deste tipo perpetrado pelo Irão.

Págs. 12 e 13

Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 481 Terça-feira, 6 de Outubro de 1987 Preço 45$00



«Toscanini» tem guião roubado a brasileiro

Zefirelli foi proibido de filmar em Lisboa

Uma decisão judicial, cuja notificação deverá ser entregue hoje a Franco Zefirelli, deverá inviabilizar as filmagens de «O jovem Toscanini» que têm estado a decorrer em Lisboa. A queixa foi apresentada pela Sociedade Portuguesa de Autores.

Pág. 6

Por ter levantado suspeitas de corrupação

Van Hoff Ribeiro afastado da EPAL

O presidente da EPAL foi demitido das suas funções pelo Conselho de Ministros, na sequência de um pedido de inquérito que fez à Alta Autoridade Contra a Corrupção. Pretendia que fosse investigada a sua actuação à frente daquela empresa pública, como forma de ser questionada a ligação do anterior secretário de Estado do Ambiente, e outros membros do Governo, ao Centro de Estudos Económicos de Energia dos Transportes e Ambiente.

pág. 24

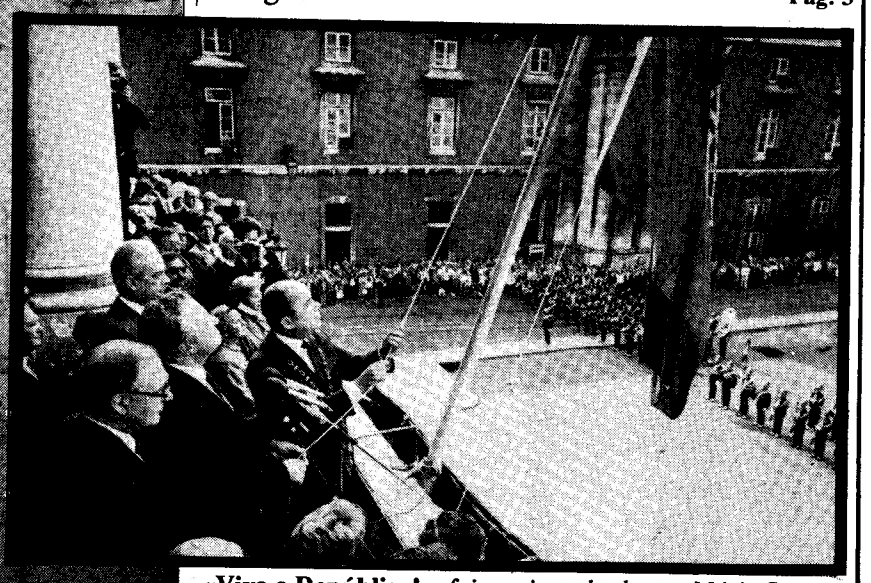
Evocando 1910 com os olhos em 1987

DESENVOLVIMENTO TEM DE SER PARA TODOS

— defendeu o Presidente Mário Soares que associou o 5 de Outubro ao 25 de Abril

Mário Soares teve de recorrer ao tempo de antena da Presidência da República para ver uma parte substancial do seu importante e significativo discurso, comemorativo do 5 de Outubro, transmitido pela RTP para a generalidade dos portugueses. Para Cavaco Silva(ausente no Algarve e representado por Eurico de Melo nas principais cerimónias), o discurso presidencial, que associou a importância história da implantação da República em 1910 e da queda do fascismo em 1974, deixou o visível «recado» de que uma República moderna, na qual, frisou, se tem «pessoalmente empenhado», implica a formação de «largos e duráveis consensos» e um «propósito claro de desenvolvimento ao serviço de todos os portugueses e não só de alguns».

Pág. 3



«Viva a República!», *foi o grito soltado por Mário Soares no final da cerimónia ontem de manhã realizada junto ao monumento ao memória de António José de Almeida.* Ao lado: *um aspecto do içar da bandeira nos Paços do Concelho, em Lisboa*

Crónica de Economia Política

PARA ONDE VAI A DEMOCRACIA PORTUGUESA?

Mario Murteira

A espectacular, e inesperada nas suas proporções, vitória de Cavaco Silva nas últimas eleições parlamentares justificou algumas interrogações sobre os caminhos da democracia portuguesa.

Certo factos saltam à vista e foram profusamente comentados. Assim, quanto à personalização das escolhas do eleitorado, e indiferença perante as ideologias; quanto à vitória **sobre** o PRD e à derrota **sob** o PSD do PS de Vítor Constâncio; quanto ao fim da curta e infeliz carreira do general Eanes como «leader» partidário; quanto ao declínio do PCP, ainda sustentado pelo carisma crepuscular de Álvaro Cunhal; quanto à implacável lógica do **voto útil,** em detrimento dos pequenos partidos, etc.

Mas há outras questões, bem mais profundas, que desafiam a nossa capacidade de interpretação da realidade portuguesa actual. Talvez que as principais respeitem às seguintes perguntas:

1) — O facto de, pela primeira vez desde 1975, a esquerda ter cedido à direita a «maioria sociológica do País, significa uma viragem histórica do eleitorado português?

2) — Que factores foram determinantes da triunal carreira de Cavaco Silva como «leader» partidário e chefe do Governo, facto tanto mais assinalável quanto não possui qualquer experiência política anterior à sua presença no governo de Sá Carneiro?

3) — O que será efectivamente relevante no debate teórico-prático sobre a reconstrução da esquerda ou das esquerdas em Portugal?

4 — **Last but not the least,** a conjuntura económica internacional de que Cavaco Silva tanto beneficiou vai permitir, nos próximos anos, ao mesmo tempo que se asprofunda a integração formal de Portugal na CEE, o prosseguimento deste **tempo de vacas gordas** (ou menos magras) de que boa parte dos portugueses sentiu efeitos e que condicionou a sua opção eleitoral?

Vamos então por partes, e sem nenhuma pretensão de ter o segredo das respostas certas a tais interrogações.

Quanto à questão 1), parecem pacíficas algumas considerações prévias.

A primeira observaço é de que o voto maioritário do eleitorado não pode ser interpretado, de forma alguma, como desejo do regresso ao passado, ou de contestação do regime democrático vigente. De certo modo, poderia talvez afirmar-se o contrário; a maré enchente o eleitorado do PSD pode explicar-se, em larga medida, pelo desejo de permitir o funcionamento regular e eficaz das instituições democráticas. Não foi tanto uma escolha entre governar **desta** ou **daquela** forma que se ofereceu ao eleitorado, mas entre **ter** ou **não ter governo** digno desse nome (isto é, estável e determinado). Neste sentido, ainda, o triunfo de Cavaco Silva obedece à lógica do voto útil — útil, para conquistar e exercer cabalmente o poder. Não se tratava (como não se tratará no futuro) de **namorar o poder, mas de possuí-lo.**

Parece que compreender este ponto é fundamental para uma reflexão relevante sobre o comportamento da esquerda em Portugal.

A segunda observação é que, em Portugal como noutros sítios, não é fácil demarcar com precisão ode acaba a esquerda e começa a direita (ou vice-versa). Cavaco estará **à esquerda** de Freitas do Amaral? E à **direita** de Soares? A política económica de Cavaco é mais **à direita** do que a política económica de Constâncio no governo PS com apoio CDS? Ou à **esquerda** da política de Hernâni Lopes no governo PS-PSD? Subjectivamente, Cavaco será mais ou menos social-democrata do que Constâncio? E que Soares?

É evidente que não se vai a lado nenum com interrogações deste teor. Seria preciso definir com rigor os suportes sociológicos e os objectivos políticos dos projectos em confronto (supondo que existem) para chegar a alguma conclusão. E isso é terrivelmente difícil de identificar, por razões mais ou menos óbvias, tanto mais que o cidadão português (e noutos lugares acontece o msmo) tende a votar mais pelas caras, digamos assim, do que pelos discursos de intenções. E quem lhe negará sabedoria? A experiência de uma dúzia de anos de ida às urnas mostra-nos bem que o políticos raramente fazem o que prometem; não só por culpa própria mas também porque de facto nunca podem saber exactamente o que os espera. É preferível, assim, para o eleitor escolhar em função da imagem da personalidade que se tm em vez da qualidade do verbo que exibe. (Aliás, parece que Vítor Constâncio não compreendeu este ponto, tão simples como decisivo numa carreira política).

A terceia observação respeita ao comportamento da «esquerda» — chamemos-lhe, assim, por comodidade — no poder, a partir dos governos constitucionais. (Antes disso, ao tempo dos precários governos provisórios, não havia simplesmente condições para governar — o poder estava literalmente na rua, não em S. Bento).

Na realidae, por isto ou por aquilo, se a **esquerda no poder** (leia-se PS) depois de 1975, teve algum sgnificado preciso para o eleitor comum, só pode ter sido de esperança adiada ou decepção profunda. É honesto reconhecer que Cavaco Silva trouxe um renovar de esperança a grande parte dos portugueses — e o futuro dirá se, ainda uma vez, só ficará da eurofia do momento ais uma frustração no caminho.

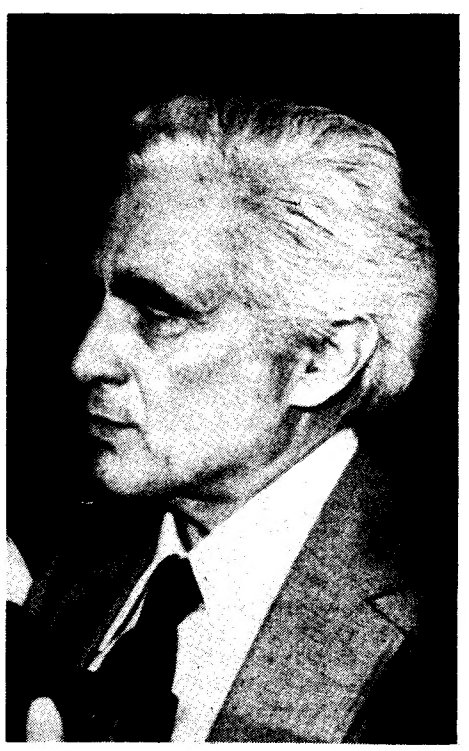
Tudo somado, parece infundada a afirmação de que houve profunda mudança no comportamento político do eleitorado. Este, uma vez mais, orientou-e apenas pelo que o bom senso lhe apntou ser do seu próprio interesse. A maioria ter-se-á equivocado? Demite-se o povo?

A fulgurante carreira política de Cavaco Silva explica-se por razões fáceis de compreender. Mas há um significado global e profundo do seu triunfo pessoal que já não é talvez tão transparente. Porque esse significado representa uma dura crítica do comportamento típico da chamada «classe política» nacional, crítica que indubitavelmente colheu bons frutos eleitorais.

O fenómeno político, nas democracias ocidentais, é uma concorrência pelo poder que está condicionada pelos votos do eleitorado. Este processo cria situações complexas em que mais frequentemente o político se impõe pela sua **habilidade em conquistar e manter o poder** do que pela sua **capacidade de exercer o poder** ao serviço dos interesses nacionais (seja qual for, o entendimento que o político fz destes interesses). Mário Soares é um excelente exemplo do êxito na carreira política pelo talento do primeiro tipo. Paradoxalmente, esse êxito — que marcou profundamente a democracia portuguesa em 1975/85 — criou a necessidade de compensação por um êxito do segundo tipo, caso de Cavao Silva. Claro que o êxito do «segundo tipo» não dispensa alguma capacidade do «primeiro tipo», mas esta pode prescindir largamente da outra; o que significa ser o êxito do «segundo tipo» de algum modo mais vulnerável e (digamos) conjuntural, enquanto o outro talento é característico dos corredores de fundo profissionais na política, como Soares ou Mitterrand. (Já Freitas do Amaral como o malogrado Mota Pinto parecem bons exemplos da falta de talento dos dois tipos).

Se esta análise é exacta, o largo triunfo de Cavaco Silva é, em grande parte, o reflexo do descrédito de certo comportamento político. Como se viu, as críticas das oposções à «arrogância» e «incapacidade de diálogo» de Cavaco Silva não tiveram qualquer efeito. Essa arrogância e incapacidade, se existiram, foram antes interpretadas maioritariamente pelo eleitorado como vontade de governar por objectivos próprios, bem definidos (supõe-se) e não negociáveis. Como quem diz: só me interessa o poder, se posso exercê-lo segundo o que entendo ser o interesse do País. Exactamente o contrário de quem não diz mas evidencia praticar outro princípio: faço tudo, mas mesmo tudo, o que for preciso para estar no poder.

A oportunidade de figuras deste estilo, numa «classe política» globalmente descreditada perante o eleitorado, explica não só a ascensão de Cavaco Silva como também o mais ou menos episódico relevo adquirido por figuras como Ramalho Eanes e Vítor Constâncio. Mas, sem dúvida, que até agora o género Cavaco Silva teve nele próprio o melhor expoente.



Mário Cal Brandão e Aboim Inglês, o segundo recebendo a distinção que, a título póstumo, foi atribuída a Maria Isabel Aboim Inglês

"Recado" de Soares no 5 de Outubro para Cavaco:

'UMA REPÚBLICA MODERNA DEVE ESTAR AO SERVIÇO DE TODOS OS PORTUGUESES'

Mário Soares juntou ontem, na varanda dos paços do concelho de Lisboa, na mesma homenagem, os heróis do 5 de Outubro de 1910, os militares de Abril de 1974 e o povo anónimo presente e activo nas duas históricas datas e enviou alguns «recados» ao Executivo de Cavaco, nomeadamente ao frisar que o desenvolvimento económico e o progresso do País «devem ter, necessariamente, uma eminente preocupação social e uma dimensão humana» e que a «República moderna» em que se tem «pessoalmente empenhado» deve estar «ao serviço de todos os portugueses e não só de alguns...».

Soares discursando na atribuição da «Ordem da Liberdade»

Sobre a revisão constitucional, tema do discurso mais salientado pela TV e pela Rádio, Soares limitou-se a referir que ela será «o momento e o lugar próprios para a afirmação dos grandes consensos possíveis, em ordem a retirar o conteúdo polémico à nossa lei fundamental e à afirmação de uma República moderna».

Ladeado por Vítor Crespo, presidente da AR, Eurico de Melo(em representação de Cavaco, que foi até ao Algarve...), Nuno Abecasis, Maria Barroso, Vítor Constâncio, Correia Afonso(líder parlamentar do PSD), Magalhães Godinho, vereadores da câmara de Lisboa, membros da Assembleia Municipal e da Maçonaria portuguesa, o Presidente da República considerou o 5 de Outubro não «uma simples revolta militar e civil contra instituições caducas», mas sobretudo a «assunção de um novo rumo para Portugal, visando o país de todos, o viver concreto dos cidadãos, a reforma das mentalidades e das estruturas da própria sociedade».

«Nisso se assemelha ao 25 de Abril, representando igualmente o coroar de um longo e persistente combate cívico de resistência política, cultural e de afirmação moral, pela liberdade, pela justiça e pelo progresso», vincou ainda o PR não sem «avisar» que o vivermos hoje em liberdade «tem de constituír uma vontade de participação consciente dos cidadãos, uma maneira de dizer sim à construção da sociedade livre, democrática, pluralista e de progresso social em que estamos empenhados e que a República continua a simbolizar».

Soares lembrou, a propósito, as acções mais significativas da primeira República, como a reforma do ensino e da universidade, a luta em defesa da cultura popular, as preocupações pela situação social dos trabalhadores, as leis de protecção da família e o aprofundamento dos direitos cívicos e políticos dos cidadãos».

«O 5 de Outubro e o 25 de Abril estão irmanados num mesmo desígnio de liberdade, de progresso e de modernidade», acentuou também o PR ao evocar a tradição democrática portuguesa que esteve ainda na base da nacionalidade, da luta pela independência(1383/85), da Expansão, da Restauração de 1640 e da Revolução Liberal de 1820.

Recurso ao direito de antena!.

Mário Soares, que teve de recorrer ao seu próprio tempo de antena para obrigar a RTP à transmissão de boa parte do discurso(segundo apurou o DL, Soares pretende valorizar a importância histórica e política da data e recorrerá sempre, para o efeito, nos próximos anos ao seu tempo de antena), frisou logo no início o seu desejo de que os portugueses «sintam que comemorar o 5 de Outubro não é um acto retórico, de cunho passadista ou um mero ritual sem vida».

O PR assinalou, por fim, as raízes do país, «europeu de vocação universalista», que «tem de saber participar activamente nas grandes mudanças contemporâneas» e de «partir da valorização do homem português, onde quer que se encontre, apostando no acesso de todos à cultura e a uma informação isenta, na defesa da qualidade de vida, na preservação do ambiente e na salvaguarda do património».

Abecasis discursou também e aproveitou a circunstância para tornar público o apelo que fez a Soares de apoio à câmara no seu esforço de sensibilização e responsabilização dos habitantes de Lisboa pelo aspecto exterior da capital.

«Viva a República»

Antes do discurso solene, Mário Soares cumpriu uma praxe presidencial post-25 de Abril ao deslocar-se, cercas das 9 horas, até junto da estátua de António José de Almeida, onde depôs uma coroa de flores e gritou um inesperado «Viva a República».

A seguir, o PR esteve no cemitério do Alto de S. João, associando-se à romagem de algumas dezenas de pessoas ao mausoléu dos republicanos. O coronel Carlos Vilhena, um dos sobreviventes da vitória da Rotunda, depôs uma coroa de flores junto do mausoléu e Maria Helena Carvalho dos Santos e Ramon de La Féria usaram da palavra para a histórica efeméride.

Ordem da Liberdade

À tarde, no palácio de Belém, Mário Soares condecorou com a Ordem da Liberdade sete personalidades ligadas à luta contra a ditadura salazarista: Fernando Abranches-Ferrão, Francisco Vieira de Almeida, Jaime Carvalhão Duarte, Manuel Mendes e Maria Isabel Aboim Inglês, todos a título póstumo, e ainda Mário Cal Brandão(presente) e Eduardo Ralha.

O PR, que estava acompanhado dos chanceleres das ordens honoríficas portuguesas, Sofia Melo Bryner, Azeredo Perdigão e António Spínola, leu o texto do diploma da Ordem, por ele assinado em 1976 como Primeiro-Ministro.

Foram ainda condecorados com o título de membros honorários da Ordem da Liberdade, oito centros escolares republicanos: da Ajuda, Almirante Reis, Alcântara, Fernão Boto Machado, Alferes Malheiro, Alberto Costa, Magalhães Lima e Tenente Valdez.

Outras Comemorações

No Porto, houve a romagem ao monumento dos «Vencidos do 31 de Janeiro» no cemitério do Prado do Repouso, promovida, entre outros, por António Macedo, Cal Brandão, António Gomes Mota, Guerra Mota e Manuel Ramos, tendo usado da palavra o arquitecto Gomes Fernandes. À noite, num jantar igualmente comemorativo do 5 de Outubro, o prof. Fernando de Sousa proferiu uma conferência sobre o significado histórico da implantação da República.

Em Coimbra, por iniciativa da câmara, foi hasteada a bandeira nos paços do concelho e seguiu-se uma romagem ao túmulo de José Falcão e uma evocação junto da estátua de António José de Almeida. Ontem também, e em Coimbra, o PPM comemorou os 844 anos da conferência de Zamora que reconheceu Afonso Henriques como primeiro rei de Portugal, mandando celebrar uma missa por todos os reis portugueses e depondo uma coroa de flores no túmulo do filho de D. Teresa e do conde D. Henrique.

O 5 de Outubro foi também assinalado em Fafe e em Beja, por iniciativa, respectivamente, da câmara municipal e do governo civil.

Ao comemorar o 5 de Outubro

Constâncio promete firmeza na revisão constitucional

Vitor Constâncio foi ontem aplaudido em Alenquer num jantar evocativo do 5 de Outubro, quando recordou a firmeza da posição do PS em matéria de revisão constitucional e fez alusões implícitas à carta–aberta de Maldonado Gonelha.

Na ocasião, o secretário–geral do PS afirmou que o seu partido não pode aceitar que a revisão constitucional «seja apenas algo que favoreça a direita portuguesa» pelo que exigirá «que ela aperfeiçoe o funcionamento das instituições democráticas», designadamente o da Assembleia da República e direitos da Oposição, Lei Eleitoral e contas do Estado.

«Este é o nosso entendimento de uma revisão constitucional», explicou Constâncio, que alegou ser o Partido Socialista a força partidária que até ao momento definiu mais claramente a sua posição sobre a revisão.

«E quero garantir–vos que nada de interno ou externo afectará a capacidade de intervenção e negociação do PS», prometeu Constâncio, suscitando aplausos dos 200 socislistas presentes.

Depois desta promessa, entendida por alguns como uma alusão à carta–aberta de Gonelha, Constâncio frisou a necessidade da revisão de métodos e processos dentro da fidelidade aos valores essenciais.

Salientou ainda a necessidade de a renovação se processar na unidade, uma unidade não monolítica, mas que dê aos adversários a imagem da força do PS.

No seu discurso, proferido de improviso, Constâncio falou também da privatização da economia, frisou que o PS é «a única alternativa» a Cavaco Silva e considerou que este partido «é o herdeiro natural das tradições da primeira República».

Constâncio acusou o Governo de ainda não ter explicado claramente o que vai fazer quanto às privatizações e disse que neste momento o PS «não tem tabus», mas se opõe a reestruturações que impliquem despedimentos em massa, ao mesmo tempo que defendeu o papel «orientador» do Estado. O líder socialista destacou ainda a incerteza em que neste momento estão algumas empresas, desconhecendo qual o seu futuro.

Evocando «os valores da República» e o exemplo dado por Teófilo Carvalho dos Santos na luta pela liberdade e pela democracia, Constâncio prometeu que «o PS não deixará nunca de celebrar o 5 de Outubro em Alenquer». Na sua opinião, aliás, «o socialismo representa hoje a continuação natural dos objectivos da I República».

No final do jantar, os presentes entoaram em coro os hinos da Internacional e de Portugal e aplaudiram o Presidente Soares quando foi recordada a mensagem em que se associou à homenagem a Teófilo Carvalho dos Santos.

Entre os socialistas presentes, contavam–se os presidentes dos municípios de Torres Vedras, Nazaré, Alenquer, Gavião, Azambuja e Arruda dos Vinhos e ainda elementos de alguns centros republicanos de Lisboa.

«Oposição firme»

Entretanto no sábado, Vitor Constâncio reiterou a firmeza do oposicionismo do seu partido, sem prejuizo da sua disponibilidade para a revisão constitucional.

«Nada afectará a capacidade do PS para ser oposição firme», assegurou o secretário–geral dos socialistas ao chegar do estrangeiro, quando questionado sobre a situação criada pelas críticas à sua liderança formuladas publicamente, em carta–aberta, pelos dirigentes socialistas Maldonado Gonelha, Jorge Campinos e João Soares.

O líder do PS, que regressava de Bruxelas onde participou na sessão de encerramento de uma reunião dos partidos socialistas e sociais–democratas da CEE, esclareceu ainda que a atitude daqueles elementos da chamada «minoria» do seu partido será apreciada nos «orgãos próprios».

Esta afirmação constituiu o único comentário de Constâncio ao ser confrontado com a reivindicação da punição de Gonelha, Campinos e João Soares por alguns orgãos do PS.

Sobre a sua movimentação em Bruxelas, Constâncio revelou ter procedido a contactos preparatórios de uma cimeira de líderes de partidos membros da Internacional Socialista de países da CEE, a realizar em 23 do corrente, em Paris.

O líder socialista relegou também para local próprio, neste caso a reunião da Comissão Nacional do PS de domingo próximo, a apreciação das implicações nacionais das recentes críticas dos dirigentes socialistas dos Açores ao Ministro da República para esta região autónoma, Rocha Vieira.

PS da Guarda

O secretariado da Guarda do PS solidarizou–se com o Secretariado Nacional do partido contra a posição assumida em carta a Vitor Constâncio por Maldonado Gonelha, Jorge Campinos e João Soares.

O coordenador daquele orgão, Armando Reis, facultou à Lusa um documento onde os dirigentes socialistas locais afirmam desconhecer «o teor da carta–aberta entregue ao secretário–geral do PS, mas não os seus subscritores e mentores e, muito menos, a sua acção como dirigentes do PS e governantes de alguns governos».

Aos autores da carta–aberta imputa–se no documento o propósito de «na actual situação política, enfraquecerem o PS e criarem uma crise partidária».

Semana decisiva para o futuro da UNESCO

SÁ MACHADO COM POUCAS HIPÓTESES FRENTE À CANDIDATURA DE M'BOW

O Conselho Executivo da UNESCo discute, desde ontem, em Paris, o nome do candidato a Director–Geral da organização, a apresentar à Conferência Geral. Não havendo consenso em torno de qualquer dos outros candidatos oficiais, o director cessante, o senegalês Amadou Mahtar M'Bow, surge como a personalidade melhor colocada. Caso vença, M'Bow irá cumprir o terceiro mandato consecutivo. A eleição que se prepara deverá ser a mais dramática da vida da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura nos seus 41 anos de existência.

Em causa poderá estar a sobrevivência da própria UNESCO, abalada no segundo mandato de M'Bow, pela saída de dois dos países fundadores — Estados Unidos, em 1984, e Inglaterra, em 1985 —, secundada, há dois anos, pela retirada de Singapura. Estes gestos foram motivados pela política seguida por M'Bow, acusado de ser anti–ocidental, e significaram um corte de 30 por cento no orçamento da organização, forçando ao despedimento de 800 funcionários.

Agora, se M'Bow, como tudo parece indicar, for reeleito, outros países ocidentais poderão abandonar a UNESCO, provocando novos cortes orçamentais que poderão pôr em perigo a sua sobrevivência. Para já, o Japão e mais três países ocidentais, entre os quais a Alemanha Federal, anunciaram que se retirarão se M'Bow voltar a dirigir a organização. Só estas saídas provocarão um novo corte de 30 por cento no orçamento. A semana passada, a maioria dos 12 países da CEE, através dos respectivos ministros dos Negócios Estrangeiros, declarou a sua oposição a M'Bow durante a reunião que tiveram em Nyborg, na Dinamarca.

A «guerra» das candidaturas

Contra esta posição do ocidente, Amadou Mahtar M'Bow, de 66 anos, conta, à partida, com o apoio dos países africanos, comprometidos como uma resolução nesse sentido da Organização de Unidade Africana (OUA), e de diversas outras nações do Terceiro Mundo, além dos países do bloco do Leste.

Este volume de apoios poderá garantir a M'Bow, que termina o seu actual mandato a 14 de Novembro, pelo menos 19 dos 26 votos necessários na primeira volta da votação, que decorrerá esta semana. O número máximo de votações para a confirmação de um candidato a apresentar à Conferência geral, no próximo mês, é de cinco. O Conselho Executivo, presentemente reunido, tem 50 membros.

M'Bow, para além dos apoios do terceiro mundo e dos países comunistas, tem a seu favor o facto de os países ocidentais não terem conseguido, até agora, encontrar um candidato de consenso, dividindo os seus votos pelos restantes sete: o espanhol Federico Mayor Zaragoza, o equatoriano Alfonso Valverde, o tailandês Abdul Wichiencharoen, o indonésio Soedjatmoko, o búlgaro Nicolai Todorov, o paquistanês Yaqub Khan e o jugoslavo Ivo Margan.

Sahabzada Yaqub Khan, de 66 anos, ex–general e antigo ministro dos Negócios Estrangeiros do Paquistão, é, neste momento, o segundo candidato melhor colocado, reunindo o apoio de vários países ocidentais, entre os quais a França, Canadá, China e Japão.

Khan contava, à partida, com um dado favorável: no sistema de rotatividade de cargos em organismos da ONU, caberia, desta vez, a um asiático a liderança da UNESCO. Mas o seu percurso político — ex–membro de um Governo militar — e o facto de não possuir qualificações académicas, desqualificam–no para o lugar.

Por sua vez, os candidatos ocidentais — o português Vítor Sá Machado e o espanhol Federico Mayor Zaragoza — defrontam–se com grandes resistências do terceiro Mundo a que a UNESCO seja dirigida por um europeu.

Quanto aos candidatos do Leste europeu — o búlgaro Todorov e o jugoslavo Margan — também não devem chegar à fase final da votação, não só devido à oposição dos países ocidentais como também porque, face a M'Bow, a URSS deverá pressionar os seus aliados a darem–lhe apoio.

Resta a hipótese do aparecimento de um nono candidato, o que, ao abrigo dos estatutos da UNESCO, é possível até à votação final. A hipótese que se coloca é a de surgir uma candidatura latino–americana — para além da de Alfonso Valverde, do Equador — que concite apoios americanos e europeus. Fala–se na hipótese do uruguaio Enrique Iglesias, um economista perito em temas ligados ao desenvolvimento.

Hipóteses fracas para Sá Machado

Neste quadro, a candidatura do português Vítor Sá Machado não apresenta grandes hipóteses de se impor à primeira volta. Para além do apoio de Portugal — reafirmado nos últimos dias pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro — tem garantido, para já, o voto do Brasil e, no caso de uma segundo volta onde não esteja presente M'Bow, também o dos cinco países africanos de expressão portuguesa.

A única hipótese de Sá Machado reside, assim, em vir a ser, numa segunda volta, um candidato de compromisso, reunindo apoios ocidentais, africanos e latino–americanos. Esta possibilidade foi aventada pelo ministro Deus Pinheiro, que em Nyborg sondou os parceiros da CEE. À primeira vista, no entanto, não terá conseguido resultados palpáveis, tudo indicando que os «doze» esperarão pela segunda volta da eleição para, então, encontrarem um candidato de consenso, de preferência vindo de um país do Terceiro Mundo.

No encontro de ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE, que decorreu na Dinamarca, os «doze» apenas conseguiram consenso quanto à rejeição de M'Bow, cuja eleição foi considerada, nas palavras de Deus Pinheiro, como «um golpe mortal na organização». Nesta ordem de ideias, diversos países da CEE terão manifestado intenção de abandonarem a UNESCO caso o director cessante seja reeleito. Portugal, contudo, disse-o o ministro dos Negócios Estrangeiros, não partilha desta posição pois «não é saindo da UNESCO que se consegue mudar a organização».

As críticas a M'Bow

A UNESCO tem como finalidade promover a colaboração entre as nações pela educação, pela ciência, pela cultura e pela Comunicação Social, dentro do respeito mútuo, da justiça, da legalidade e dos direitos e liberdades fundamentais. Cento e cinquenta e oito nações fazem parte da UNESCO.

O cargo de Director–Geral, agora em disputa, é remunerado com 170 mil dólares anuais (cerca de 24 mil contos), e vem sendo exercido por Amadou M'Bow há 13 anos.

Os seus dois mandatos foram fortemente contestados, tendo sido acusado de parcialidade na aprovação de programas relativos à Comunicação Social (a questão da Nova Ordem Informativa Internacional) e no tratamento de questões relacionadas com os direitos humanos, feita, segundo os seus críticos, numa perspectiva alinhada e anti–ocidental, além de má gestão orçamental.

Nos bastidores da UNESCO, em Paris, circula agora o rumor de que M'Bow poderia querer a reeleição apenas para «salvar a face», demitindo–se a seguir. Uma outra versão, diz que M'Bow, que já ultrapassou o tempo de reforma, poderia, em caso de eleição, reduzir o seu mandato de seis para dois anos.

Qualquer destas hipóteses não é, porém, aceite pelas nações ocidentais que afirmam que, fosse qual fosse o tempo do mandato, M'Bow estaria sempre em condições de fazer aprovar o programa da UNESCO para os próximos seis anos, impedindo, deste modo, as reformas de que a organização necessitaria.

Em conferência do ciclo 'Balanço do Século'

KARL POPPER DEFENDEU A BIPOLARIZAÇÃO PARTIDÁRIA

O filósofo austríaco-inglês Karl Popper defendeu sábado o sistema de bipolarização partidária como forma de constituir nas democracias contemporâneas um segundo governo de maioria. Em mais uma conferência do ciclo «Balanço do Século», promovido pelo Presidente da República, Mário Soares, o pensador preferiu trocar a questão «quem deve governar», comum a todos os ideários, por um princípio que qualificou como «inteiramente prático».

Nessa perspectiva, Popper disse refutar a teoria de que a democracia é «o Governo do povo», considerando-a decorrente de «uma ideologia completamente impraticável». Antigo marxista que se apercebeu «da arrogância intelectual de Marx», Karl Popper, confessou em dado momento simpatizar «com a tentativa anarquista para responder à pergunta 'quem deve governar'». Mas na ausência de respostas fiáveis, preferiu uma outra perunta: «Qual é a melhor forma de evitar situações em que um mau governante causa demasiados prejuízos?»

As considerações que o filósofo desenvolveu perante os muitos interessados que compareceram no Grande Auditório da Gulbenkian partiram de uma hipótese de base: o que fazer se num sistema democrático a maioria vota contra a democracia. Como resposta Karl Popper adiantou que a «melhor solução» para tal cenário é «uma Constituição que permite que um voto da maioria demita esse Governo».

Democracia: uma questão de controlo

Em seu entender, as democracias ocidentais são exemplos positivos de como este procedimento prático é possível: «A minha solução não choca com as democracias constitucionais e não é realmente nova, tem quarenta e dois anos — falei dela no meu livro 'A Sociedade Aberta e os Seus Inimigos'», disse o epistemólogo e filósofo do conhecimento, que conta já com 85 anos de vida.

Popper aceitou que «nem sempre a maioria tem razão», mas, na impossibilidade de ser o próprio povo a governar, a constituição de maiorias sólidas em democracia parecem-lhe um procedimento que, apesar de imperfeito, «é o melhor inventado até agora, como Churchill dizia». Para o conferencista só existem duas alternativas: a ditadura ou uma forma de democracia e, segundo as suas palavras, não devemos basear a nossa escolha «sobre a excelência da democracia, que pode ser duvidoa, mas unicamente sobre a perversidade da ditadura» que retira a todos «as suas responsabilidades».

É pois sua ideia que a democracia não é uma questão de poder, mas de controlo, determinando ele as maiorias que se formarem e desfizerem. A noção implica que a cada maioria deva existir uma oposição, mas neste capítulo Karl Popper, velho crítico de Marx e Freud e do pensamento dogmático inerente ao marxismo e à psicalálise (conforme referência de ernando Gil ao traçar a biografia de Popper), denunciou a representação proporcional como um sistema de eleição em que o candidato procura apenas ser o representante de um partido.

O Pluripartidarismo leva à decadência da responsabilidade

A representação proporcional, disse, «retira ao eleito responsabiidade pessoal e faz dele mais uma máquina de voto do que uma pessoa que pensa e sente». Popper considerou «um argumento ideológico» a justificação de que todas as opiniões têm o direito a serem represntadas num Parlamento. O aumento do número de partidos, na sua opinião, torna mais difícil a formaão de um Governo. Para Karl Popper não é verdade que assim se consiga uma «maior distribuição da influência e do poder», já que se obriga à formação de Governos de coligação.

A existência de muitos partidos significa para o filósofo «a decadência da responsabilidade», pois «num Governo de coligação existe uma responsabilidade reduzida de todos os parceiros de coligação». A alternativa é a criação de um sistema de dois partidos, afirmou, tal como acontece nos Estados Unidos e até certo ponto na Inglaterra, um sistema que considerou «mais flexível». À objecção de que a bipolarização partidária empobrece ou impede o pluralismo político, Popper contrapôs os exemplos dos EUA e da Grã-Bretanha como «sociedades abertas».

Foi neste contexto que Karl Popper elogiou Cavaco Silva pela sua afirmação durante a campanha eleitoral nas últimas eleições de que só formaria um Governo se este fosse de clara maioria. Um «espírito de responsabilidade» que, no seu parecer, apresenta «um perigo»: o Parlamento português tem demasiados partidos.

R.E.P.

CML

"não deite papeis no chão"

BPA
1919

GERTIFICADOS DE DEPÓSITO

EMISSÃO DE
Certificados de Depósito BPA

1.ª SÉRIE

SUBSCRIÇÃO
pelo valor nominal, no mínimo de 5000 contos.

REMUNERAÇÃO
idêntica ou superior à dos depósitos a prazo a 181 dias.

PAGAMENTO DA REMUNERAÇÃO
mensal ou semestralmente.

REGIME FISCAL
dos depósitos a prazo.

TRANSMISSIBILIDADE
imediata, por endosso.

NEGOCIAÇÃO
assegurada pelos serviços do BPA.

LOCAL E PERÍODO DE SUBSCRIÇÃO
Nos Balcões do BPA a partir de 6 de Outubro.

Os títulos definitivos serão entregues no momento da subscrição.

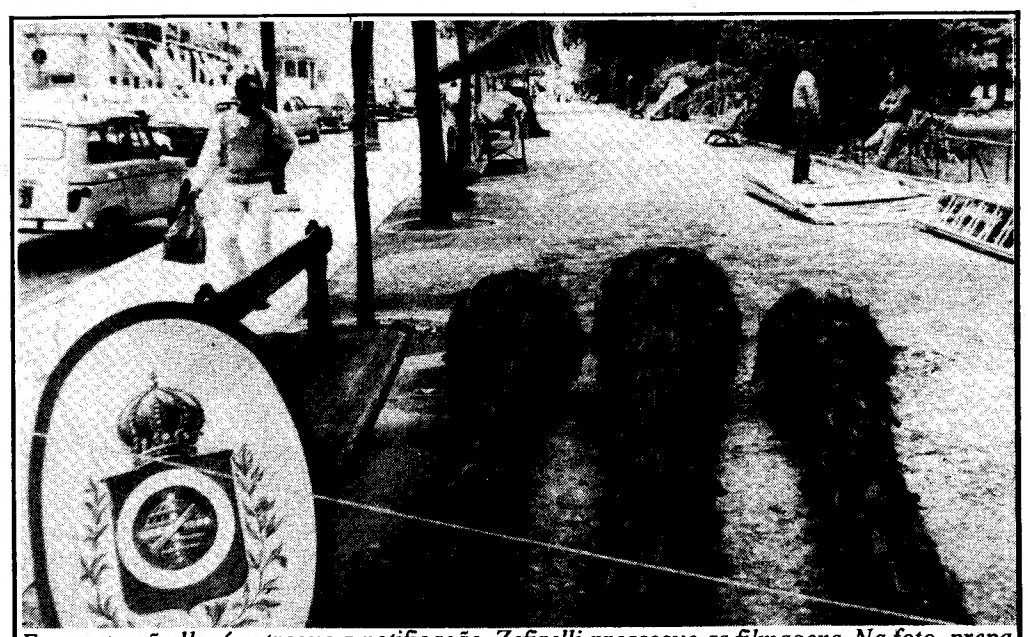
Certificados de Depósito BPA

Uma nova forma de aplicação de poupanças em títulos negociáveis que lhe oferece

- Remuneração idêntica ou superior à dos depósitos a prazo a 181 dias.
- Pagamento mensal ou semestral da remuneração, à escolha do subscritor.
- Transmissibilidade imediata por endosso.

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

Sempre na primeira linha...



Enquanto não lhe é entregue a notificação, Zefirelli prossegue as filmagens. Na foto, preparativos com esse objectivo, esta manhã no Príncipe Real

Por decisão judicial, requerida pela SPA

ZEFIRELLI NÃO PODERÁ CONTINUAR A FILMAR EM LISBOA

O escrivão do 13.º Juízo Cível de Lisboa deslocar-se-á hoje ao navio «Gil Eanes», onde decorrem as filmagens da película «O jovem Toscanini», para dar conhecimento ao seu realizador, o italiano Franco Zefirelli, de que foi proibido o prosseguimento das mesmas em território português.

A acção foi requerida pela Sociedade Portuguesa de Autores a pedido da sua congénere brasileira, a SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais) e do professor Guilherme de Figueiredo, eminente reitor da Universidade do Rio de Janeiro e conhecido dramaturgo brasileiro, autor de peças como «Um deus dormiu lá em casa» e «A raposa e as uvas», a que o juiz português reagiu prontamente.

Também no Brasil, onde as filmagens do filme de Zefirelli foram igualmente proibidas, correm acções de justiça contra o famoso realizador de cinema, que tem baseado toa a sua obra em personalidades da ópera e da música sinfónica. A razão: Franco Zefirelli terá «roubado» a Guilherme de Figueiredo um seu guião cinematográfico sobre a estreia como maestro de Arturo Toscanini; em 1866, numa orquestra do Rio de Janeiro, facto até há pouco desconhecido na biografia do director orquestral e que Guilherme de Figueiredo, aós investigações, conseguiu apurar.

O guião foi oportunamente proposto a uma empresa produtora norte-americana, mas não se deu sequência ao projecto de um filme sobre o jovem Toscanini em virtude de a sua família ter-se-lhe então oposto. Mais tarde, o professor Guilherme de Figueiredo deu conhecimento do argumento a Zefirelli, que se resolveu a utilizá-lo. Todavia, o seu verdadeiro autor não surge a assiná-lo na película do realizador italiano, pelo que a SPA, à semelhança da SBAT, surge a acusá-lo de «acção descarada de aproveitamentó de uma ideia», segundo palavras do escritor Mário Ventura, um dos responsáveis daquele organismo português, ao repórter do «DL».

Esta manhã, um telefonema preocupado, de uma empresa que estava a fornecer macacos e papagaios para as filmagens chegou à Sociedade Portuguesa de Autores: o que fazer agora de tanto macaco e papagaio?

Com tempo agradável as festas continuam

Outono é tempo de feiras no Algarve

Apesar de o Outono ter já chegado, aunciando timidamente que o Inverno não tarda, no Algarve, as temperaturas, continuam quentes, sobretudo no que respeita à animação.

Com efeito, os meses de Outono são, no Algarve caracterizados por um cartaz de acontecimentos bem recheados, do qual se destaca uma série de feiras, que concidem em alguns casos com festas e romarias populares.

Entre as feiras que assùmem maior importância nesta época, figura a quadricentária feira de Santa Iria, em Faro, que se realiza de 17 a 25 de Outubro.

Remontando a 1596, data em que Faro sofreu a invasão dos ingleses, esta feira atrai anualmente milhares de visitantes vindos de toda a região algarvia, e também de algumas localidades do Baixo Alentejo.

Instituída nessa altura com os propósitos de «salvaguardar o erário régio», «restabelecer o surtoeconómico da região» e «revitalizar a cidade de Faro», a feira de Santa Iria abrange actualmente inúmeras actividades de diversão, venda de artesanato regional e sobretudo exposição e venda das principais novidades em maquinaria agrícola.

Outras feiras com acentuada importância são a de São Martinho, com início a 11 de Novembro em Portimão, a feira de São Miguel, (criada em 1875) e a feira franca de Lagos.

Esta última feira, cujas raizes datam da época dos descobrimentos, faz parte integrante de um conjunto de três manifestações do género existentes nesta cidade do barlavento algarvio (a feira da Senhora da Glória e Feira de Lagos) mas outras localidades algarvias têm também as suas feiras nos meses do Outono, apesar de menos significativas.

É o caso de Budens, concelho de Vila do Bispo, (1 de Outubro), Alfombras, Aljezur (dia 3), Tavira (de 2 a 5), Almadena, concelho de Lagos (dia 4), Almancil, Loulé (dia 6), Vila Real de Santo António (de 7 a 8), Lagos (12 e 13), Boliqueime, Loulé (dia 17), Monchique (26) e Loulé (no dia 28).

Até há décadas atrás, as feiras algarvias abrangiam essencialmente a venda de gado e de outras mercadorias, como o vinho, o azeite, fruta, sal ou sementes para as futuras colheitas.

O artesanato regional assumia também grande importância, constituído essencialmente por objectos de utilização no dia-a-dia dos camponeses, nomeadamente cestos de vime e palma, baldes e cântaros de barro e de folha-de-flandres, alcofas de esparto, mulhins e diversos arreios de couro e corda.

Actualmente, estas feiras revestem-se de novas formas onde a actividade comercial ligada ao sector agrícola é relegada para segundo plano.

As feiras são agora procuradas mais como locais de lazer, onde as pessoas se divertem acima de tudo, e, como recordação, levam para casa uma quinquiilharia, um quadro barato, uma boneca em loiça ou um alguidar em plástico.

Com efeito, acima do binómio compra-venda que sempre as caracterizou, as actividades de diversão surgem hoje evidenciadas — são as barracas de comes-e-bebes, os carrocéis, espectáculos de circo, comboios-fantasmas e as pistas de carros que fazem as delícias do adepto da feira.

Contudo, com o objectivo de impedir que se tornem simplesmente em lugares de diversão, as entidades algarvias, designadamente as autarquias e a delegação regional da Secretaria de Estado da Cultura, têm lutado pelo renascimento e implementação nas feiras de outras actividades, sobretudo o artesanato regional.

Deste modo, têm sido criados nos recintos onde estas se realizam espaços próprios para os artesãos dos distrito, oriundos na sua maioria das zonas da serra, e do Barrocal, que expõem e vendem as suas peças.

Os algarvios vão-se habituando já a guardar para estas a compra de um prato pintado à mão ou um candeeiro feito com conchas, prova de que as feiras parecem estar a assumir um novo valor e uma nova tradição.

No entanto, pese embora, o desaparecimento das suas formas tradicionais, elas permanecem ainda o lugar para o reencontro de pessoas que há um ano não se viam, ou oportunidade para se estrear um fato novo.

Esse aspecto é sobretudo visível em relação aos habitantes da serra algarvia, que se deslocam ao litoral apenas quando da realização destes acontecimentos, tendo em vista o divertimento que não existe, nas suas localidades de origem, ou uma visita aos familiares que anos atrás optaram pela «vida fácil» do «Algarve turístico.»

COMPRE MÓVEIS

COM GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

SEM ENTRADA E SEM JUROS

ATÉ 36 PRESTAÇÕES MENSAIS

NAS LOJAS DARTY MÓVEIS CONFIANÇA

E NOS NOSSOS AGENTES

LOJAS DARTY MÓVEIS CONFIANÇA
MONTIJO – Rua José Joaquim Marques, 40
ODIVELAS – Fábrica: R. Alfredo Ruas, 50-A Pedernais ☎ 982 60 54 / 58 (à Ponte da Bica)
LISBOA – Av. Almirante Reis, 125 ☎ 53 00 76
LISBOA – Est. Benfica, 174-176 ☎ 78 05 99
QUELUZ – Av. António Enes, 20-B ☎ 95 23 06
ALMADA – Av. 25 de Abril, 45 ☎ 276 90 01
COVA DA PIEDADE – R. Conceição Sameiro Antunes, 13-B ☎ 275 49 52
PAIVAS – Est. Nacional 10, Lt. 30 ☎ 221 00 67
V.F.XIRA – R. Alves Redol, 80-B ☎ 240 11
SETÚBAL – Av. D. Manuel I, 80 (frente ao Centro Com. Dufa)
BARREIRO – R. Dr. Manuel Pacheco, 92-A ☎ 207 72 37
ALVERCA – Av. Capitão Meleças, 34-A ☎ 258 24 03
COIMBRA – Av. Capitão Meleças, 34-A ☎ 26 185
FARO – R. Eça de Queirós, 2 ☎ 27 580
LOULÉ – R. Ataíde de Oliveira, 18

LOJAS PICA-PAU
AMADORA – Av. D. Nuno Álvares Pereira, 5-B ☎ 494 56 91
MEM MARTINS – Rua Chabi Pinheiro, 8 ☎ 921 72 94
LISBOA – R. Luciano Cordeiro, 18-A ☎ 52 13 84

LOJAS UTILAR
CHARNECA – Estrada de Camarate, Lt. 4 ☎ 257 04 01 (junto à Esquadra da P.S.P.)
CAMARATE – R. Avelino Salgado, Lt. 1 (frente aos Bombeiros)
Stands na Feira Popular

NOTA: As lojas de Lisboa, Camarate, Amadora, Queluz e Mem Martins estão abertas ao Sábado de tarde.

DARTY MÓVEIS LDA CONFIANÇA

ASSOCIADOS: MOVIGRUPO CONSÓRCIO

07

AGORA A UTILAR EM CAMARATE

INSTITUTO SUPERIOR DE MATEMÁTICA MODERNA

RUA DAS FLORES, 59 – 1200 LISBOA
RUA GIL VICENTE, 138 – 4100 PORTO

• CURSO SUPERIOR DE INFORMÁTICA, ESTATÍSTICA E INVESTIGAÇÃO OPERACIONAL

(Aprovado oficialmente pelo Despacho 130-A/MEC/86, publicado no D.R., II Série, de 19/8/86)

INFORMAÇÕES:

LISBOA:
Rua Vítor Córdon, 41-47
☎ 36 88 37 e 37 17 83

PORTO:
Rua da Alegria, 939
☎ 48 00 19 e 49 54 75

CP declina culpas em Rio de Mouro

SINDICATO RESPONSABILIZA GOVERNO PELOS ÚLTIMOS ACIDENTES DE COMBOIO

A CP declina quaisquer responsabilidades quanto ao acidente de Rio de Mouro e admite que no de Silves se esteja perante problemas de via. Um elmento das Relações Públicas da CP afirmou esta manhã ao «DL» que o autocarro dos «Impecáveis», do Olivais Norte, não se terá desenvencilhado como outros o fazem diariamente quando atravessam a mesma passagem, tendo depois dificuldades ao fazer marcha atrás, ao mesmo tempo que as cancelas se fechavam. O resultado é conhecido: 29 ferios, dos quais vinte foram transportados para o Hospital de S. José e os restantes para Sintra (seis) e Cascais (três).

O Sindicato Nacional Democrático dos Ferroviários (SINDEFER) atribuiu ao Governo responsabilidades nos desastres ferroviários que — diz — se sucedem em Portugal a «uma cadência assustadora». Em comunicado horas depois do descarrilamento de um comboio de passageiros no Algarve, aquele sindicato, afecto à UGT, acusa o actual Executivo e não viabilizar a reestruturação da CP. «A verdade é que sucessivos conselhos de gerência têm feito planos de reestruturação da empresa e, depois, não têm 'luz verde' dos respectivos governos que, de há anos a esta parte, não têm qalquer política ferroviára», acusa o SINDEFER.

«Os sindicatos democráticos da CP — acentua-se no comunicado — já não sabem que mais dizer para forçar a modernização da emmmmmpresa».

Para além do risco de protagonizarem mais uma tragédia ferroviária em Portugal, ouco saberão dizer sobre as reais culpas do acidente, os excursionistas dos «Impecáveis», que iam encontrar a morte em Rio de Mouro. Fizeram todos um pequeno desvio na sua rota, devido a um deles se sentir mal — com uma «paragem cardíaca» —, e só não choram agora mortos, porque o autocarro «Magirus» da Carris, que fretaram para o passeio de domingo, appenas foi «abraçado» por um comboio da CP.

Eram 53 os excursionistas, vinte e nove ficaram feridos, mas os que foram assistidos nos hpotais de Sintra e Cascais regressaram pouco depois a suas casas. Vinte foram transportados para o Hospital de S. José, tendo um deles (Pedro Nunes, de 22 anos) alta pouco depois.

Esta manhã, sete deles encontravam-se na Sala de Observaçõesão (S0) Maria Teresa Semedo Lopes,, de 22 anos; José Ramos Gonçalves, de 55; António Peralta Monteiro, de 32; António Manuel Faria, de 29; Aurélio Paiva dos Santos, de 33; João José Domingos, de 47 e Luís Manuel Esteves Assunção, de 25 anos. Havia um outro ferido, Maria do Rosário André dos Santos, internada no serviço de traumatizados do crânio, esta em estado mais grave, no serviço de politraumatizados do crânio.

O autocarro ficou imobilizado na passagem de nível de Rio de Mouro quando faltavam dez minutos para as 7 horas da tarde de domingo, momento em que da estação se aproximava uma das composições entre Sintra e Lisboa. O facto de aparecer em marcha reduzida por parar em Rio de Mouro e do maquinista ter sido avisado da iminência de perigo, evitou que o embat fosse mais violento.

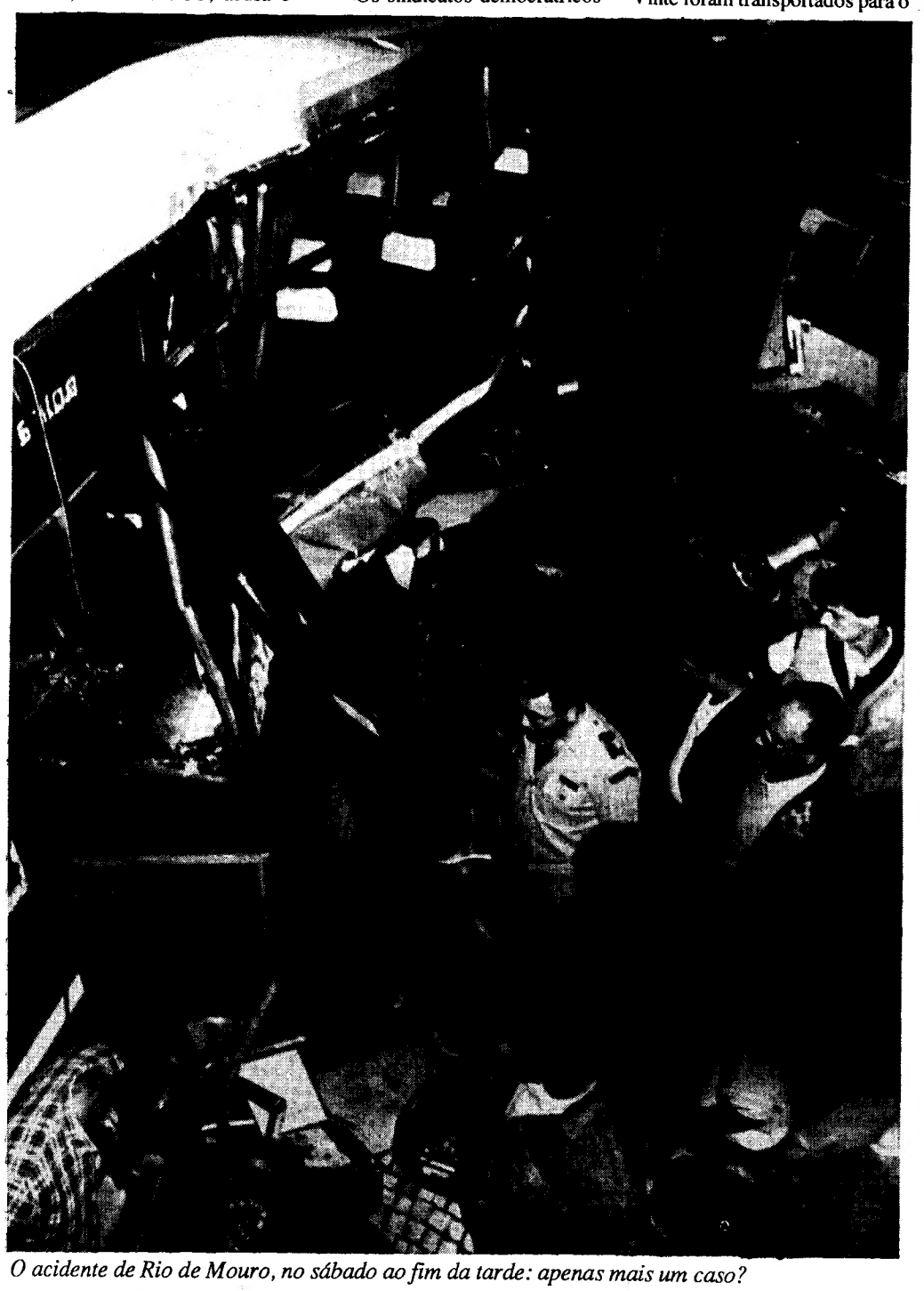
«Um milagre» no Algarve

Uma mulher ficou ferida (apenas com escoriações) em consequência do descarrilamento de uma composição de passageiros, a cerca de duzentos metros da estação de Silves. O comboio dirigia-se de Lagos para Vila Real de Santo António, quando a máquina se descarrilou, arrastando duas carruagens para fora da via até se imobilizar junto a uma barreira.

«Foi um milagre... se o descarrilamento tem acontecido um pouco antes, o comboio tinha caído num barranco. E, cheio como vinha, não se pode calcular a gravidade do acidente», disse uma testemunha. No seu relato, um estrondo terá precedido o descarrilamento da máquina. Uma fonte da CP admitiu ao «DL» que o acidente se tenha ficado a dever a «aspectos da via». A sua versão aponta para más condições da via, que «está velha e a precisar, há muito, de ser mudada». Mas a sua substituição tarda.

A desobstrução da via férrea não ficará concluída nas próximas horas. um porta-voz do Conselho de Gerência disse esta manhã ao «DL» não ser previsível a normalização daquele troço para hoje, entre as estações de Silves e de Vila Real de Santo António. As ligações estão a ser feitas, com algumas dificuldades, por autocarrosda RN. «Mas a própria Rodoviaria não tem autocarros para todas as emergências», acrescentou.

Um comboio-socorro saiu entretanto do Barreiro para Silves, com a missão de desimpedir a via. Também neste caso a CP nomeou uma comissão de inquérito, tal como o havia feito, horas antes, para Rio de Mouro.



O acidente de Rio de Mouro, no sábado ao fim da tarde: apenas mais um caso?

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

LOTARIA NACIONAL

LOTARIA DO NATAL

Encontra-se já distribuída pelos agentes oficiais e à venda a grandiosa Lotaria do Natal.

O capital emitido sobe, este ano, à vultosa quantia de 3 500 000 contos, com uma espectacular TALUDA de 300 000 contos, a maior de sempre e sem necessidade de recurso a «JACKPOT».

Prevê, ainda, esta grandiosa Lotaria muitos milhares de outros apeticíveis prémios, entre os quais um segundo no valor de 120 000 contos e um terceiro prémio de 20 000, a poderem levar a felicidade a muitas centenas de famílias portuguesas.

Lourosa quer ser "zona de calamidade"

"TUFÃO" DESTRUIU FÁBRICAS E CASAS E DEIXOU TRÊS MIL SEM EMPREGO

A nomeação de uma comissão de avaliação dos «danos emergentes e subsequentes» causados pelo temporal que sábado ao meio-dia se abateu sobre a região de Lourosa, causando prejuízos estimados em largos milhares de contos, foi solicitada ao Governo pela Assoiação dos Industriais e Expotadores de Cortiça (AIECN). Chamaram-lhe tufão e tornado, mas tratou-se, apens, de uma violenta movimentação de grande massa de ar, o «fenómeno meteorológico» que fustigou Lourosa no passado sábado, destruindo parcialmente fábricas e casas daquele centro corticeiro nacional, provocando onze feridos, dois deles com mais gravidade.

Foi o pandemónio em Lourosa: uma fábrica de cortiça, por exemplo, ficou reduzida a um monte de escombros

Lourosa é o principal centro de transformação de cortiça em Portugal, cuja população vive maioritariamente daquela actividade. Fica a vinte quilómetros do Porto e a quinze de Santa Maria da Feira, a cujo concelho pertence. Já em Fevereiro de 1941 idêntico quadro al se registou, mas sem as consequências do «tufão» de sábado. Então, o vento passou por ali a 160 quilómetros/hora, causando também grandes estragos.

A AIECN também solicitou — na mesma nota — que seja de imediato considerada a região atingida como «zona de calamidade», requerendo a visita de um representante do Governo para se inteirar «in loco» da dimensão dos prejuízos. «Várias empresas estarão impedidas de laborar nos próximos tempos, paralisando cerca de três mil operários», acrescentou o presidente da Associação dos Industriais e Exportadores de Cortiça (AIECN).

O temporal que, subitamente, fustigou aquea vila do concelho de Santa Maria da Feira, provocou onze feridos, dois deles (duas mulheres) em estado mais delicado, mas que se encontram livres de perigo. Ambas foram inicialmente assistidas no Hospital de S. Paio de Oleiros (um dos 23 que a ministra da Saúde «despromoveu» recentemente), tendo posteriormente sido transferidas para o Hospital de Santo António, no Porto. São elas: Isaura Ferreira Leite, de 68 anos, residente em Lourosa (com traumatismo craniano) e Filomena Marques da Silva, de 23 anos, residente na mesma vila (com fractura do antebraço esquerdo).

Tratou-se de um «fenómeno meteorológico raro», com o vento a soprar com rajadas de cerca de cem quilómetros por hora, vindo do mar. Segundo os especialistas, ocorreu uma movimentação de grande massa de ar entre nuvens, fenómeno meteorológico que raramente incide ao nível do solo.

Três mil sem emprego

Três mil trabalhadores temporariamente sem emprego, alguns deles com os seus postos de trabalho em perigo, caso não sejam accionadas medidas de apoio a muias das empresas que estarão sem laborar nos próximos tempos, é o resultado imediato do sinistro. Também uma garagem (junto à ex-EN n.º 1) ficou parcialmente destruída.

«Aqui não aconteceu nada, mas há para aí fábricas que não reabrirão tão cedo», disse esta manhã ao «DL» o responsável pela «Lourocor», uma das muitas unidades de transformação e preparação de cortiça, especialidade e ocupação da maioria da população de Lourosa.

Uma das muitas fábricas atingidas, e talvez a mais afectada, é a «Luso-Cork», que num minuto ficou destelhada, parcialmente destruída, máquinas afectadas e matéria-prima deteriorada. Um minuto durou, de facto, esse fenómeno meteorológico raro a que alguns chamaram tufão e outros tornado. O comandante dos BV de Lourosa «apanhou» em Espinho (a doze quilómetros de Lourosa) e diz que sentiu o carro «voar», mas segurou-o. Mal imaginava que, pouco depois, já na sua terra, iria dirigir os trabalhos de socorro. Não só em fábricas, mas também em casas e vias. A antiga Estrada Nacional N.º 1, por exemplo, ficou temporariamente interrompida, assim como outras estradas que saem da vila e ruas de Lourosa, pejadas de árvores.

«Sagol», «Toiga», «Inacor», «Leais», «Amadeu» e Sociedade Nortenha de Cortiças são outras das várias unidades fabris parcialmente destruídas pela movimentação de massas — segundo um meteorologista de Pedras Rubras — vindas do litoral, que se diluíram meio quilómetro depois de Lourosa, na freguesia de Sanguedo, também conelho da Feira. Aqui, levantaram também telhas e destruíram casas, sendo as pessoas alojadas no próprio edifício da Junta de Freguesia.

Motociclista ficou em estado de coma

Um motociclista ficou em estado de coma quando o velocípede que conduzia foi embater, ao princípio da tarde de ontem, contra um automóvel, na Rua Machado dos Santos, em Vila Nova de Gaia. Carlos Teixeira, de 41 anos, operário fabril, residente emCanidelo, recolheu ao Hospital de Santo António, no Porto.

Cadáver de sexagenário encontrado em Pinhal Novo

Um sexagenário foi encontrado morto no sábado à tarde na residência onde vivia sozinho, localizada na Rua Luís de Camões, 23, em Pinhal Novo.

O cadáver de João Cruz Mararido, de 61 anos, foi transportado para a morgue do cemitério de Nossa Senhora da Piedade, em Setúbal, a fim de ser autopsiado, desconhecendo-se por enquanto as causas da morte.

Acidente vitimou operário próximo de Barcelos

Um operário faril de 21 anos, Joaquim Faria da Costa, solteiro, encontrou a morte, na noite de sábado, quando o automóvel que conduzia foi abalroado frontalmente por um outro veículo, em Gandarinha, no concelho de Barcelos.

No acidente ficou ainda ferida com gravidade a condutora do veiculo causador do embate, Maria Deolinda de Sousa Alves, de 23 anos, que teve de ficar internada em observação no hospital daquela cidade.

Por assaltantes que roubaram quatro contos

Reclamações de exames queimadas na Escola Secundária de Estremoz

Pela décima vez nos últimos doze meses, a Escola Secundária de Estremoz foi assaltada no passado sábado, tendo sido furtados quatro contos em dinheiro e destruídos com ácido sulfúrico vários documentos, incluindo reclamações de pontos de exame, que estavam depositados num cofre. Os assaltantes utilizaram ainda um cheque para nele escrevere palavras provocatórias contra o presidente do concelho directivo daquele estabelecimento.

Barros de Carvalho referiu que o cofre arrombado possuía um segredo de quatro letras que só era conhecido pelos professores o actual e anterior conselhos directivos.

O assalto foi comunicado à PSP local por pessoas que afirmaram ter visto dois jovens não identificados a sair da escola por cima do gradeamento.

Veterinários espanhóis denunciam ineficácia das fronteiras

O presidente do conselho geral das associações de veterinários espanhóis, Antonio Borrijon, denunciou a situação nefasta e negativa do controlo de fronteiras entre Espanha e Portugal como uma das causas da introdução da peste equina no país.

Borrijon disse ontem, durante as comemorações da padroeira dos veterinários, que existe uma falta de infra-estruturas de instalações e meios para controlar o estado dos animais que entram em Espanha por Portugal.

O presidente dos veterinários espanhóis disse que embora haja postos fronteiriços que funcionam perfeitamente, como o de Irun, pela fronteira entre Portugal e Espanha introduziram-se no nosso país a língua azul das ovelhas, a peste africana dos porcos e agora a peste equina.

Borrijon, comparou a ineficácia espanhola com a forma de trabalho de países como os Estados Unidos e Canadá, onde se controlam até as penas dos pássaros.

Desculpou os veterinários por este problema, dizendo que isto foi motivado por falta de meios.

Magistrados reeditam "Boletim Justiça"

O Sindicato dos Magistrados do Ministério Público retomou a publicação do «Boletim Justiça», interrompida em 1985, informou ontem aquel estrutura sindical.

O último número do «Boletim Justiça» insere artigos sobre o sistema prisional português e a constituição da Associação Europeia de Magistrados pela Democracia e pelas Liberdades, além de breves resenhas sobre a magistratura em vários países europeus.

No editorial, a direcção da publicação salienta que ela deve «transformar-se em mais um factor de intervenção sindical».

» A par da divulgação de estudos, o boletim vai promover o debate das posições sindicais e análise dos principais problemas do Ministério Público», refere.

FUNDO DE GAVETA

Mário Castrim

Lemos, Andrade e Pequito viram-se, de um momento para o outro, sem nada para fazer, e com uma vida por viver nos braços.
Lemos era contabilista numa casa que foi à falência. Andrade, com alguns anos de África, reformou-se ainda novo. Tinha umas massas valentes, arranjadas não se sabe bem como. Mas teríamos muito que contar se fôssemos a ver como certas massas se arranjam.
Fala-se numa história em que entram diamantes. Ponto final no assunto.
Quanto ao Pequito, tinha uma pequena papelaria com nome e freguesia Desentendeu-se com oIVA, trespassou a locanda. Bom negócio.
Estão reunidos agora, como sempre estiveram nos últimos anos. Dão-se bem, unha com carne. Solteiros, «casaram» uns com os outros, «constituíram» família. Pôde a amizade o que não pôde o amor. Na vida há destas coisas mais do que pensa a vã fantasia.
Estão pois reunidos para saber a ordem a dar à vida. A noite jávai adiantada e por enquanto nenhum fumo branco.
Algumas hipóteses foram já lançadas para a mesa, rejeitadas na quase totalidade, nem vale a pena mencioná-las, tantas foram. Três chegaram ao fim empatadas: exploração intensiva de **quivis,** *numa pequena quinta do Andrade, em Azeitão; um grande estanco de tabacos, para o qual já havia casa em vista; e um restaurante em bom, para o que se contava com a experiência do Andrade, especialista em manjares africanos.*
Era tudo capital garantido mas algumas dúvidas subsistiam. O estanco e o restaurante abrigavam-nos a uma quase completa reclusão. O mais simpático ainda era a produção de **Kiwis** *(parece que escrito assim o fruto tem mais vitamina C) sendo certo que os três corresponiam a necessidades vitais: o alimento (restaurante) o vício (o tabaco) e a moda (os quivis).*

— **Descobri!** — *gritou de súbito Pequito* — **Vamos lançar um jornal desportivo!**
Reinou a euforia da vitória. Fantástico! Como é que não se tinham lembrado mais cedo? Quem sabe, talvez até pudessem vir a fazer concorrência à

Bola...
Sei agora que há, no País, 680 projectos iguais a esse. Como diz o outro, «é o que está a dar».

No Tribunal de Monsanto

SENTENÇA DAS "FP-27" SERÁ LIDA HOJE

A sentença do caso FP-27, será proferida hoje no Tribunal do Monsanto e atribuirá a Faustino Cavaco, praticamente seis meses de pena, já que por cúmulo jurídico a lei portuguesa não aplica mais de 20 anos de cadeia — disse uma fonte judicial.

Faustino Cavaco, um dos mais controversos réus prisionais, em cumprimento de 19 anos e meio de prisão pela morte do guarda Laginha (cúmplice do grupo), é acusado neste processo que envolve outros 22 réus, de «associação criminosa e assaltos à mão armada».

Um dos autores da fuga da Colónia Penal de Pinheiro da Cruz em Julho de 1986, o réu terá ainda de ser julgado pelo homicídio dos dois guardas prisionais daquela cadeia e de outros dois guardas fiscais mortos no Algarve.

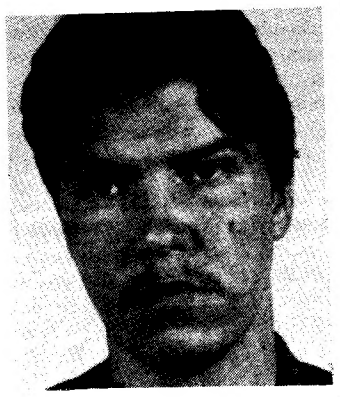
Esta situação de «cúmulo jurídico» beneficiará também Tomé Bárbara, considerado um dos cérebros da organização designada pela Polícia por FP-27 e que está a cumprir 20 anos de cadeia.

O colectivo que julgou este processo é presidido por Mário Miranda Jones, sendo vogais Manuel Fernandes e Mota Miranda.

A representante do Ministério Público, Maria José Morgado, efectuando no final do julgamento em Julho, um cômputo de penas que isoladamente seriam aplicadas a cada um dos crimes de que cada réu é acusado, atribuía a cada um mais de cem anos de prisão.

Contudo, a magistrada frisou que, tendo em conta as disposições do Código Penal Português «a pena possível ficará abaixo da ilicitude e culpabilidade reveladas».

Os advogados de defesa acusam a Polícia Judiciária de não ter feito a investigação necessária e de se ter baseado nas declarações de António Manuel Pires, considerado



Faustino Cavaco: a «vedeta» das FP-27

réu «arrependido» deste processo.

O caso FP-27 começou a ser julgado em 24 de Abril de 1987 e dos 23 réus envolvidos, quatro estão em liberdade provisória e outros quatro são julgados à revelia.

O grupo terá efectuado desde há vários anos mais de 30 assaltos à mão armada que renderam cerca de 60 000 contos.

O embrião da quadrilha começou em França e, a partir de 1975, o grupo começou a actuar no Algarve de onde vários dos seus membros são naturais.

Entre os réus contam-se três cidadãos franceses: Michel Guilioteau, Jean Claude de Plessis e Chantal Christiane, esta mulher do réu «arrependido».

Tomé Bárbara considerado o cérebro da organização é, segundo a Polícia, o autor da ideia de reivindicar vários assaltos em nome das FP-25.

Os assaltos mais importantes do grupo começaram em 1983 a estabelecimentos bancários de Loulé, Montechoro, Praias da Luz, Albufeira, Beja e Leiria.

Judiciária procura assassino de cidadão alemão

A Polícia Judiciária procura identificar e capturar o autor de um homicídio ocorrido há dias na estrada de Seia, Guarda, tendo elaborado o retrato-«robot» com base em elementos recolhidos junto de testemunhas.

O crime cometido na madrugada de 21 para 22 de Setembro, vitimou mortalmente um cidadão alemão, atingido a tiro quando se fazia transportar numa viatura Golf de cor vermelha, pouco antes da curva de Soito do bispo.

Elementos recolhidos permitem à PJ acreditar que o assassino terá disparado para dentro da viatura. Trata-se, segundo parece, de um indivíduo com cerca de 50 anos de idade, um metro e 70 de altura. falando português ou espanhol e que na ocasião usava boné de tecido axadrezado com quadrículas largas.

O retrato-«robot» feito pela PJ, a partir de dados sinaléticos

OBRIGAÇÕES

EDP

13.ª EMISSÃO

SUBSCRIÇÃO PÚBLICA, NÃO SUJEITA A RATEIO, DE 20 000 000 DE OBRIGAÇÕES DO VALOR NOMINAL DE 1 000$00 CADA.

DE 6 A 9 DE OUTUBRO DE 1987

OS DOIS PRIMEIROS DIAS SÃO RESERVADOS A SUBSCRIÇÕES DE VALOR NÃO SUPERIOR A 500 MIL ESCUDOS

DURAÇÃO DO EMPRÉSTIMO — 10 ANOS

JURO NOMINAL — Correspondente à taxa de referência para as Obrigações, fixada por aviso do Banco de Portugal, em vigor no primeiro dia de cada período de vencimento de juros, deduzida de 1,25%.
JUROS SEMESTRAIS — Datas de vencimento: 2 de Maio e 2 de Novembro de cada ano
Pagamento do 1.º cupão: 2 de Maio de 1988

TAXA DE JURO DO 1.º CUPÃO: 15,25 %

RENDIMENTO NOMINAL ANUAL (líquido de deduções fiscais) 15,25 %

TAXA EFECTIVA ANUAL EQUIVALENTE (pressupondo capitalização, com idêntico rendimento, dos juros pagos semestralmente — 1.º ano) 15,8314 %

REPRESENTAÇÃO DAS OBRIGAÇÕES — Em títulos ao portador de 5, 10, 20, 50 e 100 Obrigações, os quais serão agrupados em 3 séries, sendo as séries A e B de 6 500 000 de Obrigações cada e a série C de 7 000 000 de Obrigações.

AMORTIZAÇÃO — A amortização é efectuada ao par, em 3 anuidades, em 2 de Novembro de 1995, 2 de Novembro de 1996 e 2 de Novembro de 1997.
Cada série será integralmente reembolsada nas datas acima referidas sendo a ordem de reembolso de cada uma definida por sorteio a realizar antes de 2 de Novembro de 1995 e 2 de Novembro de 1996, respectivamente.

REGIME FISCAL — Os juros das Obrigações beneficiarão de isenção do imposto complementar, imposto de capitais e imposto sobre sucessões e doações.

COTAÇÃO nas Bolsas de Valores de Lisboa e Porto após a entrega dos títulos definitivos.

EMISSÃO LIDERADA PELA **CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS** E TOMADA FIRME PELAS SEGUINTES ENTIDADES:

Banco Borges & Irmão, Banco Comercial Português, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco de Fomento Nacional, Banco Fonsecas & Burnay, Banco Internacional de Crédito, Banco Pinto & Sotto Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Português de Investimento, Banco Totta & Açores, The Chase Manhattan Bank, CISF - Companhia de Investimentos e Serviços Financeiros, Citibank, Crédito Predial Português, M.D.M. - Sociedade de Investimentos, Manufacturers Hanover Trust Bank, Montepio Geral - Caixa Económica de Lisboa, União de Bancos Portugueses.

SUBSCREVA EM QUALQUER DAS INSTITUIÇÕES DE CRÉDITO E FINANCEIRAS ACIMA REFERIDAS

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

Belarte 431/87

QUE SÃO AS DIETAS DE BAIXAS CALORIAS?

Beja Santos

Ao nível das dietas da moda, as hipocalóricas, ou de baixas calorias, têm vindo a receber uma progressiva aceitação. De um modo geral, as pessoas que a elas recorrem têm exigência informativa, não crêem nas histórias da carochinha do género «como perder 20 kg em 11 dias» ou «com o chá Zodíaco perca todos os quilos a mais». São também pessoas que não põem em causa um princípio essencial da redução de peso: para adelgaçar importa reduzir o número de calorias para obrigar o organismo a utilizar a energia armazenada sob a forma de gordura. Mas, para saber tirar um efectivo partido das dietas hipocalóricas, saibamos discorrer do geral para o particular, isto é, como partir das calorias a mais para as calorias do «peso ideal». É que no perder ou reduzir peso há sempre uma questão de risco.

A ânsia de emagrecer

As pessoas mais ou menos desesperadas com os quilos a mais, ou demasiado molengonas para lançar o grito do Ipiranga contra a corpulência, ou até mesmo autodeterminar-se no combate à gordura, preferem as soluções mágicas em que se especializaram alguns industriais charltões. Com efeito, se realmente sofremos de obesidade, devíamos tratá-la como uma doença, consultar um médico, ou, se acaso a sobrecarga de peso não ultrapassa os 10% do peso ideal, recorrer ao regime alimentar com menos ingestão calórica e fazer mais exercício.

Acresce que não há soluções dietéticas para a generalidade dos obesos: cada caso de obesidade terá mesmo que ser tratado como um caso em função da constituição física, sexo, idade, costumes, profissão, etc. Um desfasamento na quantidade e composição das proteínas, lípidos e hidratos de carbono que ingerimos pode produzir um desequilíbrio no nosso organismo que pode provocar mais obesidade se não se processar sob controlo e prescrição médica.

É aí que uma dieta hipocalórica pode substituir vantajosamente as promessas de racionalidade, como sejam: cremes adelgaçantes, sabões especiais (com ou sem luva de crina), cintas e vibradores que até prometem acabar com a celulite (outra doença, e diferente da obesidade pois é processo inflamatório localizado no tecido conjuntivo), aparelhos de ginástica passiva, laxativos e diuréticos (em caso algum são adelgaçantes ou dotados de propriedades que permitam o emarecimento, podendo até causar graves perdas de água e sais minerais), redutores de apetite em pastilhas, bolachas e beberagens (a sua utilização pode ser perigosa, só pode ser feita por períodos curtos, nunca como alimento único, e exige ser encarada como complemento de um regime), etc.

E, como tem vindo a ser denunciado na imprensa, são totalmente desaconselhadas a maior parte das chamadas dietas «dissociadas» (as pobres em proteínas podem provocar desequilíbrios do mesmo modo que as dietas se baseiam na redução ou supressão dos hidratos de carbono, por exemplo).

Diante desta avalancha de promessas, o leitor que não invente falsos pretextos ou invoque ignorância: adelgaçar deve ser feito com vigilância do médico. Consulte um endocrinologista acerca de uma dieta equilibrada, completa e baixa em calorias. Porém, é imprescindível, numa dieta de emagrecimento baixa em calorias manter, o equilíbrio de nutrientes essenciais para o bom funcionamento do organismo.

As dietas hipocalóricas e as pastilhas adelgaçantes

A gordura é muitas vezes consequência de um alto consumo de alimentos calóricos a par de uma baixa actividade física. Uma pessoa corpulenta pode readquirir o seu peso ideal desde que corrija os hábitos alimentares e reduza o consumo de gorduras, doces, álcool, molhos, etc, e aumente a actividade física. E sob orientação médica pode, neste caso, recorrer a lum regime hipocalórico. Mas retenha desde já uma noção basilar: não mantenha a dieta hipocalórica mais tempo do que lhe for recomendado pelo médico.

Mas, de que tratam estas dietas? São, muito simplesmente, ementas com baixo poder calórico, mas com um contributo suficiente de proteínas, vitaminas, minerais, hidratos de carbono e gorduras ricas em ácidos gordos essenciais.

Os preparados dietéticos pobres em calorias não são adelgaçantes em si mesmo (ao contrário do que alguma publicidade pretende sugerir). São, isso sim, um cocktail de proteínas de alta qualidade, vitaminas e minerais, assim como das quantidades necessárias de hidratos de carbono, gorduras (na maior parte dos preparados) e fibras. A sua acção adelgaçante baseia-se em fazer chegar ao organismo uma quantidade baixa de calorias que o obrigue a retirar de si mesmo reservas de gorduras, cobrindo as necessárias diárias de proteínas e demais substâncias alimentícias. Nas dietas hipocalóicas têm um importante papel as fibras, para favorecerem o trânsito intestinal. Em termos sintéticos, dir-se-á que o método da dieta hipocalórica é bom para propiciar num quadro dietético mais vasto as condições que venham possibilitar uma redução de peso. E não nos iludamos: estas carteiras e beberagens hipocalóricas não nos matam a fome conquanto no momento de as tomarmos posam dar-nos a sensação de saciedade por nos levarem certas fibras naturais que vão inchar no estômago. Por isso não podem durar muito tempo, e assim importa preparar o caminho a padrões alimentares com menos calorias sem a «bengala» dos alimentos complementares para o controlo de redução de peso e «saciadores». O regime mais duradouro, não esqueça, é aquele que prescinde do consumo elevado dos alimentos mais calóricos.

Por último, uma palavra sobre esses produtos ditos adelgaçantes, as pastilhas que se vendem nas farmácias como complexo natural de vitaminas e minerais, ou cápsulas para combater a obesidade, enfim, de efeito laxativo e que dão também uma sensação de saciedade momentânea ao serem ingeridas com grande quantidade de água. Teoricamente, pelo menos, estas pastilhas favorecem uma dieta de baixas calorias. Insiste-se que o aumento de peso é devido (com excepção dos decorrentes de problemas metabólicos, endócrinos, por insuficiência genética, etc) a um desequilíbrio entre a ingestão do alimento e o dispêndio calórico. É necessário manter o equilíbrio entre estes dois factores para se manter igualmente o peso e favorecer o desequelíbrio no sentido contrário para o reduzir, o que se pode conseguir com o apoio de uma dieta de baixas calorias. Recomenda-se que estas dietas façam a inclusãode fibra vegetal (celulos, hemicelulose, pectina, mucilagens, etc) que estimula os movimentos peristálticos e favorece o trânsito intestinal. E, de facto, arrasta mais depressa o bolo alimentar através do intistino delgadó, diminuindo a absorção de nutrientes e favorece a expulsão de resíduos. Todas as propriedades da fibra vegetal, juntas a um contriguto reduzido de calorias, graças, por exemplo, a alguns alimentos ricos em fibras (cereais e legumes) poderão concretizar uma efectiva perda de quilos a mais. Duas noções parecem ser de reter para quem procure as algas e plantas medicinais sob a forma de pastilhas e cápsulas nas farmácias: informe o seu médico do seu uso, visto que alguns compostos podem originar dependências; estes comprimidos só deverão ser procurados desde que se adopte um regime de fibra vegetal que (desde que se pratique com rigor uma dieta de baixas calorias sob a orientação do endocrinologista) até pode resultar par combater quilos supérfluos. (Obras consultadas: «Nutrição, Obesidade e Dieta, por Emílio Peres, Editorial Caminho, 1982; e os estudos publicados sobre emagrecimento e dietas de baixas calorias na revista espanhola de protecção do consumidor «OCU» nos números de Agosto de 1982, Fevereiro e Março de 1987).

NACIONAL

Escolas da Madeira abriram mas condições não são boas

O Sindicato dos Professores da Madeira considerou no Funchal que o ano lectivo não se iniciou nas melhores condições na região.

Rita Pestana, presidente da direcção do Sindicato, criticou a redução das verbas destinadas à aquisição de livros escolares e a não alteração do que considerou «insignificante subsídio da acção social escolar e das verbas referentes ao suplemento alimentar que permanecem sem alteração há cinco anos».

A dirigente sindical criticou também a falta de material didáctico em diversos estabelecimentos de ensino e, sublinhando o esforço feito para a ampliação da rede escolar, propôs que fosse gratuita a frequência dos infantários.

Relativamente à taxa de insucesso escolar na região, «superior à do continente», a sindicalista anunciou algumas percentagens referentes ao ano escolar transacto: 24 por cento no Ensino Preparatório, 30 por cento no Secundário, 50 por cento na primeira fase do Ensino Primário e 45 por cento na segunda fase.

Rita Pestana defendeu a realização de acções de formação de docentes, alegando que dos 1500 professores em actividade na região, 500 «não têm habilitações específicas para os Ensinos Preparatório e Secundário».

Cerca de 55 000 alunos iniciaram, quinta-feira, em todos os graus de ensino, as actividades referentes ao ano lectivo de 1987/88.

Conselho de Redacção da Lusa deu parecer desfavorável a novo director de Informação

O Conselho de Redacção da agência Lusa decidiu, por unanimidade, no dar parecer favorável à nomeação de Alberto Carvalho para director de informação.

Atendendo a que o actual director de Informação, José Manuel Barroso, se encontra demissionário, o Conselho de Redacção disse — em acta da sua reunião de hoje — esperar que a Direcção-Geral da agência proponha o mais rapidamente possível outro jornalista para aquelas funções «e que reúna as qualidades para o exercício do cargo».

Ponderadas as informações recolhidas desde que, há quatro dias, a Direcção-Geral, presidida por Horta Lobo, lhe solicitou parecer sobre a nomeação do jornalista Alberto Carvalho, o Conselho de Redacção da Lusa concluiu que o mesmo não tem experiência de trabalho em agência noticiosa. E que os períodos em que foi director e administrador do «Jornal de Notícias» e director de «O Primeiro de Janeiro» ficaram marcados por conflitos com as respectivas redacções.

O C.R. concluiu também que o facto de Alberto Carvalho transitar directamente de director da delegação no Porto da Direcção-Geral da Comunicação Social para director de Informação da Lusa «poderia fazer perigar a necessária imagm de independência da agência face ao poder político».

O Conselho que deu este parecer é constituído pelos jornalistas Natal Vaz, José Amaro Dionísio, Francisco de Vasconcelos, António Caeiro e Carlos da Veiga Pereira.

S. R.

ALFÂNDEGA DO PORTO

DELEGAÇÃO ADUANEIRA DE VILAR FORMOSO

LEILÃO

Para os devidos efeitos se torna público que no dia 28 de Outubro p.f., pelas 10 horas, se realiza nesta Delegação Aduaneira, um leilão de sucata de automóveis, e de uma charrua de relhas.

A mercadoria poderá ser examinada na referida Delegação, durante os cinco dias úteis que antecedem o leilão.

A sucata que se destinar a comércio só poderá ser arrematada por sucateiros e demais comerciantes do ramo automóvel, que deverão fazer prova do pagamento da respectiva contribuição industrial.

Delegação Aduaneira de Vilar Formoso, 28 de Setembro de 1987

O CHEFE DA DELEGAÇÃO

Júlio Pereira Pires

Magistrados portugueses querem asilo político para chilenos condenados à morte

O Sindicato dos Magsitrados do Ministério Público apelou às autoridades portuguesas que concedam asilo político a 14 cidadãos chilenos recentamente condenados à morte no seu país, informou esta estrutura sindical.

Segundo o presidente deste sindicato, Francisco Pinto dos Santos, o apelo foi dirigido ao presidente da república, presidente da Assembleia da República, primero ministro, Ministro dos Negócios Estrangeiros e ministro da Justiça.

O Sindicato dos Magistrados do Ministério Público, fazendo eco das conclusões de uma recente reunião da Associação Europeia de Magistrados pela Democracia e pelas Liberdades, efectuada em Estrasburgo, pretende que a pena de morte seja substituída pela de expulsão do país, no caso dos 14 cidadãos chilenos.

Os 14 chienos foram condenados por factos de natureza política e os seus casos encontram-se agora pendentes na jurisdição militar de recurso.

Segundo a referida estrutura sindical, os princípios lemantares de um processo equitativo «foram achincalhados porque as pretensas confissões foram extorquidas pela tortura».

O Sindicato dos Magistrados do Ministério Público informou também que na reunião de Estrasburgo, a Associação Europeia dos Magistrados pela Democracia e pelas Liberdades aprovou uma moção em que critica «as inaceitáveis restrições às liberdades de manifestação e de expressão que recaiem sobre os magistrados».

Apontou designadamente os casos dos juízes Panier, que na Bélgica foi sancionado devido a uma intervenção rediofónica acera da justiça belga, APAP, que em França viu censuradas declarações suas sobre a toxicomania, e do juiz italiano Gallo, perseguido por ter comentado criticamente na imprensa escrita uma decisão judicial».

Também a situação prisional na Europa mereceu a preocupção dos Magistrados da Associação Europeia pela Democracia e pelas Librdades que salientaram a necessidade de adoptar medidas alternativas à prisão, como modo de evitar «a actual degradação das prisões».

A Associação Europeia de Magistrados pela Democracia e pelas Liberdades agrupa juízes da RFA, Bélgica, Espanha, França, Grécia, Holanda, Itália e Portugal.

Nos próximos dias 5, 6 e 7 de Novembro vai efectuar em Lisboa, um enconto internacional sobre o Estatuto do Ministério público na Europa.

Pela primeira vez:

CEE NÃO APRESENTA ORÇAMENTO NO PRAZO

Os ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE, reunidos domingo em Nyborg na Dinamarca, fracassaram na obtenção de um acordo político sobre um projecto de orçamento comunitário para 1988, fazendo aumentar as pressões sobre a próxima cimeira de chefes de Estado e de Governo dos doze. Reunidos informalmente, os doze não conseguiram, a nível político, ultrapassar as divergências técnicas já manifestadas pelos ministros do Orçamento.

O Reino Unido, país que tem mantido as posições mais intransigentes durante toda a discussão, recusa qualquer aumento das receitas comunitárias sem uma definição prévia quanto ao controlo das despesas agrícolas. Para Londres, o único orçamento aceitável não deverá ultrapassar o limite de despesas de 35.200 milhões de ECU's, montante previsto para as receitas do próximo ano.

Observadores consideram, no entanto, que as autoridades britânicas poderão ver-se numa situação embaraçosa, dado que, durante a sua recente presidência, tinham «inventado» a fórmula da «reserva negativa» - factor de equilíbrio - uma astúcia destinada a ultrapassar certas dificuldades orçamentais. Foi precisamente a essa mesma fórmula que a presidência dinamarquesa recorreu para apresentar, no decorrer da reunião de domingo, um projecto de orçamento «legal» com um nível de despesas superior, em cerca de 4 mil milhões de ECU's, ao das receitas.

Inglaterra e Espanha defraudam optimismo

A apresentação deste novo projecto - a Dinamarca, na sua qualidade de presidente da Comunidade até final do ano, apresentou já mais de 10 propostas de compromisso - criou um clima de esperança e expectativa nos meios comunitários. Foi dado um prazo - até à meia-noite de hoje - para que os países que se opuseram à proposta - Reino Unido, Espanha e Grécia - podessem reconsiderar a sua posição.

Sem um acordo «in extremis», a CEE conhecerá a maior crise orçamental da sua história - pela primeira vez, um Conselho de Ministros mostra-se incapaz de apresentar ao Parlamento Europeu um ante-projecto de orçamento dentro do prazo previsto no Tratado de Roma: até 5 de Outubro. Entretanto, o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, Sir Geoffrey Howe, já anunciou que Londres irá manter a sua posição.

A oposição da Espanha e da Grécia fica a dever-se a razões diferentes das do Reino Unido: aqueles dois países consideram insuficientes os esforços financeiros a favor das regiões mais pobres da Comunidade. Vinte e quatro horas após o final da reunião dos responsáveis dos negócios estrangeiros dos doze, o secretário de Estado espanhol para os Assuntos Europeus, Pedro Solbes, declarou aos jornalistas não partilhar do optimismo patenteado por certos meios comunitários na sequência da mais recente proposta apresentada pela Dinamarca. Salientou, no entanto, que a decisão final seria tomada hoje pelo Governo espanhol e, em última instância, pelo primeiro-ministro, Felipe Gonzalez.

Portugal, apesar de, à semelhança da Espanha e da Grécia, incluir no seu território algumas das regiões mais pobres da Comunidade, não compartilhou as críticas daqueles dois países. Segundo declarou o ministro dos Negócios Estrangeiros João de Deus Pinheiro, Portugal apoiou a proposta dado terem sido salvaguardadas as suas posições sobre a matéria, nomeadamente a garantia de manutenção da verba de 37 milhões de ECU's para Programa Específico de Desenvolvimento da Agricultura Portuguesa.

Na reunião de domingo, os ministros dos Negócios Estrangeiros dos doze analisaram ainda a metodologia a seguir na discussão do Plano Delors, que prevê, entre outras, medidas de disciplina orçamental e de reforma dos fundos estruturais comunitários. Este plano deverá ser discutido pelos chefes de Estado e de Governo da CEE na sua cimeira de Copenhaga, em Dezembro próximo.

Vidago compra empresa de águas em Espanha

O grupo Vidago comprou duas empresas e uma distribuidora de águas minerais em Espanha, com um investimento inicial imediato de 200 milhões de pesetas, cerca de 200 mil contos, embora o envestimento total, a médio prazo, para modernização das unidades fabris e seu relançamento seja superior a um milhão de contos. A informação hoje divulgada pelo empresário Sousa Cintra refere que as empresas são a Fontenova e a Fonsana e a distribuidora Diasa, decorrendo, contudo, negociações com outras empresas do sector para uma eventual compra e ampliação de actividades no mercado das águas de mesa.

O investimento agora realizado por Sousa Cintra, de uma só vez, em Espanha, é o equivalente ao efectuado por Portugal neste país durante os sete primeiros meses do ano.

Este é, também, o maior investimento português efectuado em Espanha e o primeiro no sector produtivo, já que os realizados até agora situaram-se nos sectores do comércio e serviços.

O investimento foi autorizado, sem qualquer tipo de problema, pelos governos de Portugal e Espanha, disse ainda Sousa Cintra, que, encontrando-se na capital espanhola para proceder aos estudos conducentes à reestruturação imediata das empresas, anunciou que este projecto é apenas o primeiro passo para criar uma plataforma no mercado espanhol, para futuras iniciativas na mesma área, nocomércio, turismo e jogo.

Sousa Cintra, que adquiriu a 100 por cento as três empresas, demitiu já as administrações espanholas e nomeou como director-geral Paulo Fonseca, que foi delegado da CocaCola para Portugal, tendo Rocha dos Santos da Central de Cervejas e La Casera como assessor para o mercado espanhol.

Sousa Cintra revelou ainda que o grupo espera atingir, em Espanha, no próximo ano, m valor exportado superior aos cem mil contos, dadas as potencialidades que apresenta o mercado espanhol das águas de mesa.

O grupo Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas já tem atividades em Espanha desde 1986, com a distribuição das suas águas minerais e de mesa, sobretudo na área do Levante, sendo líder na província de Múrcia.

Intercasa recebeu 250 mil visitantes

Cerca de 250 mil visitantes e quatro milhões de contos de negócios são o balanço da Intercasa que terminou ontem na FIL.

Segundo um comunicado da Associação Industrial Portuguesa (AIP), «cerca de quatro milhões de contos deverá ser o montante global das vendas directas efectuadas pelos empresários de mobiliário e iluminação presentes na edição deste ano da Intercasa».

Considerada o maior certame alguma vez realizado nos pavilhões da Associação Industrial Portuguesa na Junqueira, a Intercasa/87 registou um número recorde de visitantes.

Por outro lado, como se salienta «as empresas esgotaram os convites particulares destinados aos convidados especiais para clientes, havendo casos em que, partindo de um naipe inicial de 40, foram requisitados posteriormente mais de 300».

GOVERNO RECONHECE O ESCÂNDALO DOS CURSOS DE FORMAÇÃO FINANCIADOS PELA COMUNIDADE

O Governo reconheceu hoje, em comunicado do Ministério do Emprego e Segurança Social, haver indícios de má fé ou desvios na utilização das verbas do Fundo Social Europeu destinadas à formação profissional.

Isto porque os pedidos apresentados para acções de formação no próximo ano atingem os 440 milhões de contos e abrangeriam mais de 600 mil formandos, o que equivale a um sexto da população activa e dá para cada formando uma média de 730 contos. Os valores exigidos para atender todos estes pedidos excedem em mais do dobro a totalidade dos recursos públicos destinados à educação em todos os graus de ensino.

Trata-se de «valores manifestamente irrealistas, quer do ponto de vista financeiro, quer em termos da efectiva capacidade de formação num só ano», comentou o Ministério no seu comunicado.

Para cobrir todos os encargos compreendidos nesta caterva de pedidos de cursos de formação subsidiada para o ano de 1988, exigiam-se ao Estado português 200 milhões de contos (correspondentes a 45 por cento do total), provindo os restantes 240 milhões do Fundo Social Europeu.

Por isso mesmo, o Governo comprometeu-se publicamente, através do referido comunicado, a «assegurar, por todos os meios ao seu alcance, uma rigorosa, objectiva, transparente e eficaz avaliação e acompanhamento das candidaturasapresentadas pelos promotores nacionais» candidatos a cursos de formação profissional subsidiados pela CEE.

O Ministério do Emprego e Segurança Social, ao mesmo tempo que reafirma «a imprescindível necessidade de apostar na formação profissional», reafirma a sua «inequívoca intenção de não pactuar, não só com situações de manifesto irrealismo, de falta de razoabilidade e de inadequação técnica, como também de procedimentos indiciadores de má-fé ou desvio de utilização de fundos».

«O Governo será igualmente intransigente—conclui o comunicado—no que respeita à avaliação da execução de todos os programas ou projectos já em curso relativos a dossiers de anos anteriores, não hesitando em accionar todos os mecanismos legais conducentes a reprimir todas as situações que se afigurem menos claras ou indiciem práticas ou actos fraudulentos».

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	53$10	59$10
ALEMANHA FED. (marco)	77$85	78$05
ÁUSTRIA (xelim)	11$05	11$25
BÉLGICA (franco)	3$554	3$804
BRASIL (cruzado)	1$350	2$350
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	109$60	112$10
(notas de 5 a 1000)	110$10	112$60
DINAMARCA (coroa)	20$25	20$65
ESPANHA (peseta)	1$142	1$262
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	143$60	147$10
(notas de 5 a 1000)	144$10	147$60
FINLÂNDIA (marka)	32$40	33$00
FRANÇA (franco)	23$40	24$10
HOLANDA (florim)	69$20	70$30
IRLANDA (libra)	209$90	213$90
ITÁLIA (lira)	$098	$113
JAPÃO (iene)	$939	0$994
NORUEGA (coroa)	21$30	21$80
REINO UNIDO (libra)	233$65	238$15
SUÉCIA (coroa)	22$20	22$70
SUÍÇA (franco)	93$45	94$95
VENEZUELA (bolívar)	3$390	4$390

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Ministro nega

Passes não dependerão do rendimento

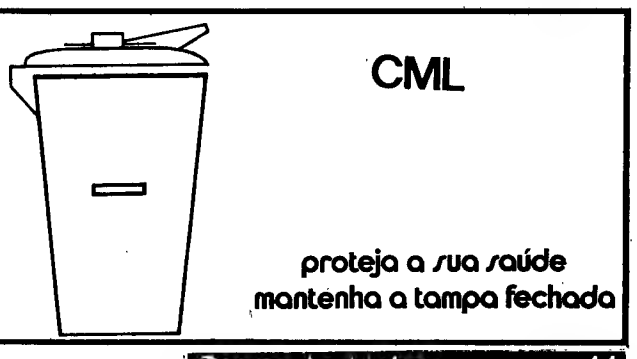
O ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações negou, hoje, a possibilidade da atribuição do passe social vir a estar dependente do rendimento mensal do agregado familiar.

Embora reconheça a existência de estudos feitos nesse sentido integrados num conjunto de outros com o objectivo de aproximar os preços dos bilhetes dos custos efectivos dos serviços prestados, o ministro Oliveira Martins em comunicado já redigido, e reafirmando as declarações feitas ontem à Antena Um, sublinha ser intensão do ministério tornar extensivo o uso do passe social ao maior número possível de utentes.

O comunicado a que não foi possível ter acesso à hora do fecho da edição, refere nomeadamente as directrizes para a Carris e outras empresas de transportes públicas dependentes daquele ministério que seriam contrárias ao publicado recentemente.

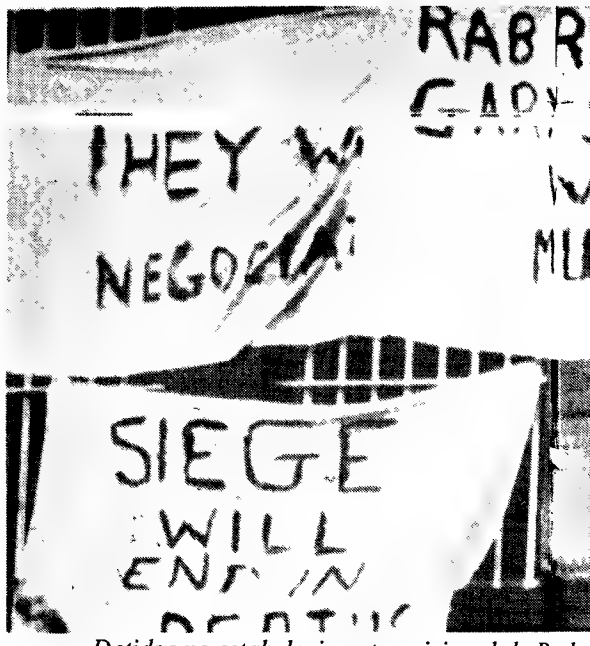
Na base da polémica estiveram as afirmações escritas no suplemento económico do «Diário de Notícias», segundo as quais dentro de um e meio, dois anos muitos dos actuais detentores dos passes sociais estariam em risco de perder o direito de utilização do passe social.

A medida em causa, tal como era divulgada, seria implementada gradualmente com início no próximo ano e teria como objectivo terminar com a concessão de subsídios a quem deles não necessita, possibilitando a aproximação do preço dos bilhetes ao seu custo efectivo



Um amontoado de carros numa estrada perto de Barcelona em consequência da forte tempestade que, no fim-de-semana, atingiu o este e o nordeste de Espanha, e que provocou 10 mortos

Com 500 casos de Sida recenseados pela Organização Mundial de Saúde para uma população de sete milhões de habitantes, a Zâmbia situa-se entre os países africanos que registam as taxas mais elevadas de contágio do síndroma de imunodeficiência adquirida. A situação tornou-se de tal modo perigosa, que o próprio Chefe de Estado zambiano e presidente em exercício da Organização de Unidade Africana, Keneth Kaunda, reconheceu que um dos seus filhos morreu por acção do vírus. Na opinião dos observadores em Lusaca, este reconhecimento de Kaunda visa alertar a atenção sobre a magnitude do problema e tentar influenciar a população a modificar os seus hábitos sexuais, susceptíveis de contribuir para a difusão do vírus. Juntamente com a Zâmbia, o Zaire, Uganda, Quénia e República Centro-Africana são os países africanos mais atingidos pelo vírus.



Detidos no estabelecimento prisional de Perth, cartazes durante um motim ocorrido no interior acabaram por se render após ter sido lido no rá comunicado apresentando as suas queixas

Rust será libertado em breve

O ministro alemão-federal dos Negócios Estrangeiros, Hans- Dietrich Genscher, disse ontem que Moscovo parece preparado para perdoar Mathias Rust, o piloto que am Maio aterrou num avião ligeiro na Praça Vermelha. Numa entrevista concedida à revista «Bild und Funk», Genscher declarou que Rust não foi levado para o campo de trabalho para onde fora condenado a ir. Acrescentou ter dito ao seu homólogo soviético, Eduard Shevardnadze, em Setembro, que a sentença a que Rust fora condenado- quatro anos num campo de trabalho- era excessiva. O chefe da diplomacia alemã-federal teria ainda dito que Shevardnadze lhe prometeu abordar a questão da sentença de Rust con o líder soviético Mikhail Gorbachev. Por seu lado, o jornal britânico «Sunday Express» revelou também que Mathias Rust será libertado em 7 de Novembro, data da passagem do 70 º aniversário da revolução russa. Citando o que diz ser uma fonte soviética, o jornal escreve: « estamos contentes por Rust ser um rapaz inocente e bem disposto. Não houve nada de sinistro no voo que efectuou...o senhor Gorbachev não vê qualquer utilidade em manter este jovem na prisão».

UNESCO: Lang contra Kan

O antigo ministro francês da Cultura, Jack Lang, protestou segunda-feira publicamente contra a atitude da França no que se refere à eleição do futuro director-geral da UNESCO. Lang, que qualificou de «inconveniente» o apoio farncês à candidaatura de Yacub Kan, ministro paquistanês dos Negócios Estrangeiros, enviou o seu protesto por escrito ao presidente da Comisão dos Assuntos Exteriores da Assembleia Nacional, Valery Giscard D´Estaing. « Não consigo entender- escreveu Lang- como o governo francês apadrinhou a candidatura de um homem ligado a um regime militar nascido de um golpe de estado e que não hesitou em executar a sangue frio o presidente eleito Ali Bhutto». A candidatura de M´Bow, qu esta semana tenta obter a sua reeleição como director-geral da UNESCO, continua, entretanto, a suscitar polémica. M´Bow, que foi o primeiro africano a liderar um organismo da ONU, tornou-se de facto num símbolo das divergências entre o Terceiro Mundo e o Ocidente. Em 1984, os Estados Unidos abandonaram a organização acusando-a de fundos mal gastos e de um alinhamento anti-ocidental. A Grã-Bretanha e a Singapura saíram no ano seguinte.

Os EUA e as reformas na URSS

As mudanças económicas e sociais promovidas por Mikhail Gorbachev na União Soviética provocam, em simultâneo, esperança e receio na admnistração norte-americana. «Por um lado, existe a esperança de que o processo de reformas possa levar, intencionalmente ou não, a uma União Soviética mais democrática, com ua política externa mais responsável», disse segudna-feira, no Congresso dos EUA, Thomas Simons, subsecretário adjunto de Estado para os Assuntos Europeus. « Por outro lado, existe a prepocupação de que uma União Soviética mais forte aumente o poderio militar de um regime que basicamente não se altere» e se converta num «adversário» mais temível, disse Simons. Um grupo de 40 peritos norte-americanos, assessores de diversos candidatos à Presidência dos EUA, mostraram-se, entretanto, preocupados por os Estados Unidos e outros países ocidentais não estarem a responder de forma «criativa às oportunidades oferecidas pelas mudanças» promovidas por Gorbachev.

Governo e guerrilha de acordo

CESSAR-FOGO EM EL SALVADOR PODERÁ ENTRA EM VIGOR ANTES DE 4 DE NOVEMBRO

O governo de José Napoleon Duarte e a guerrilha salvadorenha concluíram ontem uma nova ronda de conversações com o compromisso de tentarem um cessar-fogo antes de 4 de Novembro. No mesmo dia começava em Manágua o «diálogo nacional com a oposição», do qual estão excluidos os rebeldes antisandinistas.

O governo e a guerrilha de El Salvador tornaram público um comunicado conjunto onde se assinala que ambas as partes «apoiam os esforços de paz» incluídos no documento assinado en Agosto, na Cidade de Guatemala, pelos presidentes dos cinco países centro-americanos. O governo e a guerrilha comprometeram-se ainda a nomear duas comissões, uma para preparar o cessar-fogo e outra para estudar outros pontos do acordo da Guatemala, que prevê uma amnistia geral na região e a realização de eleições livres entre outros aspectos.

Esta nova ronda de conversações, que durou mais de 20 horas, decorreu à porta fechada sob a mediação do arcebispo Arturo Rivera Y Damas, e teve lugar após quase três anos de silência. Com efeito, esta foi a primeira reunião entre o governo e a guerrilha desde que, em Novembro de 1984, as negociações então inciadas foram suspensas.

A guerra civil em El Salvador dura há oito anos e já matou mais de 60 mil pessoas.

Diálogo na Nicarágua

O presidente nicaraguense, Daniel Ortega, inaugurou ontem o diálogo nacional com a oposição, exortando-a a respeitar as deliberações do acordo de paz para a América Central assinado na Guatemala.

Referindos-e à ajuda norte-americana aos «contras»- que estão excluídos deste diálogo- Ortega considerou-a uma agresão «a toda a nação».

Por seu lado, o presidente do Parlamento nicaraguense, Carlos Nunez, anunciou que a primeira sessão de trabalho entre o governo sandinista e os 11 partidos da oposição e a Coordenadora Democrática Nicaraguense (CDN) será realizada quinta-feira.

Em Washington, o lider dos Democratas na Câmara dos Representantes, Jim Wright, acusou, entretanto, o governo de Reagan de tentar «torpedear» o plano de paz para a América Central com «ridiculas exigências» à Nicarágua.

Reagan deverá discursar amanhã na Organização dos Estados Americanos (OEA), onde apresentará novas condições que não figuram no plano de paz para a América Central. A informação, publicada domingo pelo «New York Times», foi ontem confirmada pelo porta-voz da Casa Branca, Marlin Fitzwater. Fitzwater desmentiu, no entanto, que Reagan

Irão atacou Bagdad esta madrugada

Iraque ameaça pôr a ferro e fogo as cidades iranianas

O Iraque ameaçou hoje atacar cidades iranianas, em retaliação por bombardeamentos contra Bagdade durante esta madrugada.

«O regime iraniano vai arrepender-se dos seus crimes, porque sabe que nós temos capacidade para atingir as suas cidades com mísseis e centenas de caças-bombardeiros», afirma o jornal do Ministério iraquiano da Defesa «Alqadisiya».

Dois mísseis iranianos atingiram hoje de madrugada a capital do Iraque, causando um número indeterminado de vítimas.

Os mísseis atingiram áreas residenciais depois dos caças iraquianos terem efectuado domingo «raids» de longo alcance contra o terminal iraniano de Ormuz atingindo, pelo menos, cinco petroleiros.

Os locais precisos do ataque não foram revelados, mas foi anunciado que muitas residências, lojqs e um escolq secundária ficaram destruídas.

Centenas de pessoas foram para as ruas de Bagdad enquanto outras optaram pelos telhados, de modo a distinguirem o local onde caíam os mísseis.

Diplomatas em Bagdad receiam que haja uma escalada na chamada «guerra das cidades», como aconteceu no princípio o ano, causando milhares de baixas em ambos os lados da fronteira.

Advertindo que a resposta do Iraque aos ataques mais recentes lançados pelo Irão seria devastadora, um diplomata comentou: «Penso que a guerra das cidades será muito mais intensa do qué os ataques verificados no início do ano».

No domingo, um helicóptero dos EUA despenhou-se no Golfo, provocando o desaparecimento de um tripulante e ferimentos em outros três. Não foram reveladas as causas do acidente.

Entretanto a URSS rejeitou o embargo de armas ao Irão proposto por Washington e pediu negociações para o conflito do Golfo, declarou nas Nações Unidas o vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, Vladimir Petrovski.

A União Soviética proõe - acrescentou- uma reunião em Nova York dos cinco chefes dos Estados-Maiores dos países membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU para discutirem a sua proposta.

China envia reforços p

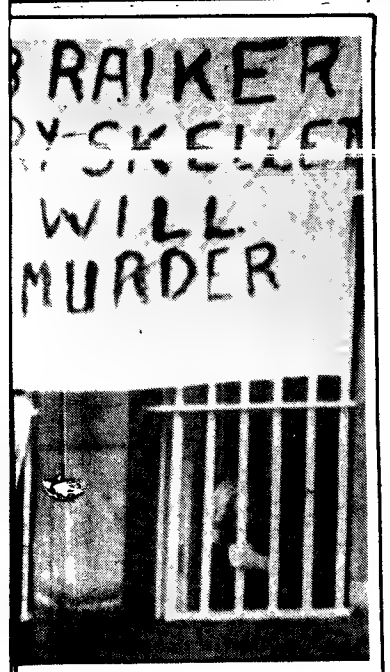
Centenas de soldados chineses sa, capital do Tibete, enquanto fo mente armadas, patrulhavam a c bios de quinta-feira que provocar dos, disseramj ornalistas. 0 go também o recolher obrigatório mosteiros budistas. Os hotis de não permitir que os estrangeiros para outros países.

As autoridades chinesas em L dos «separatistas tibetanos» a q detrás da agitacão na região.

Na quinta-feira um grupo de teiro de Sera liderou uma macha ao templo de Jokhang, o mis s detenção gerou acções sangentas ca de cinco horas, no decorer uma esquadra de polícia.

Testemunhas afirmaram qe os polícia provocaram pelo menos fontes tibetanas disseram qu pod soas, incluindo 10 polícias.

O Exército de Libertação popul te em Outubro de 1950. Duran maoista (1966- 1976) fom de 2.000 mosteiros tibetanos os m trabalhar nos campos.



e Perth, na Escócia, empunham terior da cadeia. Os reclusos o na rádio e na televisão um

Golpe na ETA: prudência em Madrid

Madrid, 6 — (*serviço especial de Thierry Maliniak, «Le Monde/DL»*) — O importante «golpe» desferido pela polícia francesa com a prisão, em Anglet, a 30 de Setembro, de Santiago Arrospide, aliás, Santi Potros, um dos mais importantes dirigentes da ETA militar, prolongou-se além Pirinéus. Na noite de quarta-feira e na tarde de quinta-feira da semana passada quinze pessoas foram presas pela polícia espanhola nas três províncias da comunidade autónoma basca, particularmente em Guipuzcoa e em Navarra.

Foi a documentaçao encontrada em poder de Potros, imediatamente comunicada à polícvia espanhola, que permitiu esta operação de importância sem precedentes. Uma operação que, aparetemente, ainda não terminou e que poderia ter sido ainda mais amplas, segundo meios governamentais de Madrid, se a notícia da prisão de Santi Potros não tivesse sido tão rapidamente divulgada.

Segundo o comunicado do Ministério do Interior, difundido na noite de quinta-feira última, entre as quinze pessoas capturadas figura um membro da Ertzantza, a polícia autónoma basca, Inaki Rodriguez, preso em Renteria, perto de San Sebastian, com abundante documentação âcerca dos próximos objectivos militares da ETA, assim como um conselheiro municipal da coligação independentista Herri Batasuna na pequena vila de Apatamonasterio, na Biscaia, José Bazeta. A maioria das pessoas detidas pertence, segundo se crê, aos «comandos de apoio» da ETA, encarregados de fornecer informações e apoio logístico aos que executam directamente atentados.

Ao mesmo tempo, em Vallabona, na Guipuzcoa, a polícia descobriu um apartamento utilisado como prisão para os industriais sequestrados pela ETA, e um importante arsenal compreendendo catorze lança-granadas artesanais, mais de 100 quilos de explosivos e duas dezenas de granadas.

Ao que se afirma nos meios oficiais de Madrid, o Governo espanhol, depois de nornalizada a siatuação, irá pedir a Paris a extradição de Santi Potros. Nos mesmos meios reconhece-se, no entanto, que este pedido deverá encontrar diversos obstáculos jurídicos, do lado francês. Em primeiro lugar, porque aqueles dirigente da |ETA possui, desde 1984, o estatudo dc refugiado político; em segundo lugar, porque ele deverá ser julgado primeiro em França por porte ilegal de armas e, talvez também, por pertencer a uma associação de malfeitores.

As hipóteses de diálogo

Em Madnd afirma-se também que que este golpe severo na ETA não modificará a oferta de «diálogo» com os independentistas, formulada recentemente pelo Governo espanhol e oficialmente rejeitada por um comunicado da ETA, tornado público no dia 5 de Setembro último. Diz-se, a este propósito, que a organização separatistas jamais aceitará negociar um «adeus às armas», que não passe pela aceitação pura e simples das suas condições, senão no dia em que se encontrar suficientemente enfraquecida para o poder evitar.

Já se terá chegado a este ponto, depois deste último «golpe» que culmina uma série de prisões efectuadas desde o início do ano, como sejam as dos comandos «Madrid», «Donosti» (San Sebstian) e «Barcelona»? Até hoje, a ETA conseguiu sempre demonstrar que não perdera a sua «base social» e que era capaz, com o tempo, de se reconstituir nas regiões onde as suas infraestruturas foram desmanteladas. Será também assim desta vez? Entre os responsáveis espanhóis pelas forças da ordem, a tendência é no sentido de uma grande prudência: medidas de segurança excepcionais foram tomadas na expectativa de um possivel atentado independentistas na capital, onde o «comando Madrid» teria sido reconstituído.

TRAR

vá pedir a realização de novas eleicões presidenciais na Nicarágua antes de 1990.

Segundo Jim Wright, parece que «a ala de ultra-direita» da Casa Branca se apodeou da política para a América Central e que o discurso de Reagan terá exigências «ridiculas» que atentam contra a soberania da Nicaràgua.

Entretanto, a Conferência da América Cental para a Paz, concluida domingo em San José da Costa Rica, incluiu o Panamá no plano de paz assinado na Guatenmala, tendo em conta as consequências da crise política que assola este país e que segundo os participantes da conferência poderá afectar a busca de uam solução pacífica para os conflitos na região.

rços para o Tibete

chineses chegaram ontem a Lhaquanto forças de segurança, fortevam a cidade depois dos distúrprovocaram vários mortos e feris. O governo de Pequim impôs igatório e mandou encerrar os hotéis de Lhasa têm ordens para ngeiros ali hospedados telefonem

as em Lhasa exigiram a rendição nos» a quem acusam de estar por gião.
rupo de monges budistas do mosmarcha pró-independência junto o mais sagrado do Tibete. A sua angrentas de agitação durante cerecorrer das quais foi incendiada

m que os disparos efectuados pela lo menos seis mortos, enquanto que poderão ter morrido 19 pesias.
ão Popular Chinês ocupou o Tibe0. Durante a revolução cultural foram destruidos quase todos os os e os monges foram mandados

Administração Reagan disposta a reforçar cooperação com Moçambique

O Presidente de Moçambique, Joaquim Chissano, pediu ontem ao Presidente norte-americano, Ronald Reagan, um aumento da assistência dos Estados Unidos ao seu país.

O Chefe de Estado moçambicano esteve reunido com Reagan na Csa Branca, num encontro a que também este presente o secretário de Estado adjunto para os Assuntos Africanos, Chester Crocker.

«Encontrei uma grande disponibilidade por parte da administração Reagan para um reforço da cooperação entre os nossos dois países», disse Chissano, que admitiu à Lusa ter abordado a questão da cooperação no «domínio da defesa».

«A cooperação com os Estados Unidos iniciou-se com uma ajuda de 10 milhões de dólares para a recuperação económica de Moçambique. Pretendemos agora ver alargada essa assistência de modo a incluir programas multilaterais no âmbito da SADCC. Depois virá o sector cultural e por último, a defesa» - disse Joaquim Chissano.

No Congresso norte-americano, onde estará hoje, Chisssano pretende sensibilizar para as realidades moçambicanas aqueles que se opõem à política da administração Reagan para com Moçambique e que pretendem que os Estados Unidos apoiem a Renamo como movimento anti-comunista.

Acerca das sanções norte-americanas à África do Sul, o Presidente moçambicano, que mal se tem referido a elas nas suas alocuções oficiais, nomeadamente no discurso que proferiu perante a Asembleia Geral das Nações Unidas em Nova York, considerou que já produziram efeitos positivos para a luta do povo aul-africano.

Antes de se deslocar a Washington, Chissano reuniu-se em Nova York com moçambicanos há muito afastados da sua terra. Tratou-se de um encontro que já estava previstro em 1985, quando Samora Machel visitou dos Estados Unidos, e que só se não verificou devido a problemas de tempo.

Alguns observadores veem nestes contactos com moçambicanos uma acção de abertura tendente a fazer regressar e integrar na vida do país elementos opositores do regime do Maputo.

Pretória admite presença em Angola

A África do Sul admitiu pela primeira vez que as suas tropas combatem em Angola, onde o conflito entre soldados governamentais e a guerrilha entrou já no seu 12º ano.

O ministro sul-africano da Defesa, Magnus Malan, não deu pormenores da presença sul-africana em Angola, no entanto referiu que esta se deve à presença naquele terriório de guerrilheiros negros que combatem o Governo sul-africano.

Até ao momento, Pretória desmentira sucessivamente o seu envolvimento no conflito angolano.

Entretanto o líder da UNITA, Jonas Savimbi, considerou que «dentro de duas a três semanas» se desencadeará uma batalha entre as suas forças e o exército governamental angolano cujos efeitos se estenderão a toda a África Austral.

O líder rebelde, numa conferência de Imprensa realizada em Mavinga, localidade no Sudeste de Angola actualmente em poder da UNITA, acrescentou que os seus homens «estão dispostos a morrer para defender aquele reduto, última etapa que poderá levar o exército angolano a tomar a base da Jamba, centro de decisão e de actividades das forças anti-governamentais.

24 HORAS

Rebeldes tâmiles suicidam-se

Pelo menos 12 militantes tamiles que tinham sido presos a semana passada por alegada tentativa de tráfico de armas para a Índia, suicidaram-se numa prisão de Colombo ingerindo cápsulas de cianeto, disse a agência noticiosa indiana. Os rebeldes - dos eles membros do Movimento de Libertação Tigres do Tamil Eelam - suicidaram-se quando eram transferidos da base aérea de Palaly, no norte o Sri Lanka, para a capital. Entre as vítimas do suicídio encontram-se dois altos comandantes do exército de libertação dos rebeldes, que tinham sido acusados pelo Governo de planearem o massacre de uma centena de passageiros de um autocarro, em Abril deste ano. Entretanto os guerrileiros tamiles mataram a tiro oito soldados do Sri Lanka cativos, em retaliação pelo suicídio.

Shevardnadze no Uruguai

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, iniciou uma visita oficial de três dias ao Uruguai, durante a qual terá reuniões com o Presidente Júlio Maria Sanguinetti e altos funcionários. Shevardnaze, que nesta sua digresão já visitou o Brasil e a Argentina, disse que o Uruguai foi o primeiro país da América do Sul a estabelecer relações diplomáticas com a URSS, acrescentando que Mikhail Gorbachev e o Presidente uruguaio «mantêm contactos permanentes».

URSS combate consumo de drogas

Enfrentando um problema crescente de droga, a União Soviética está a pôr termo à cultyura das papoilas, que se tornaram uma fonte ilegal de ópio para viciados, anunciou o jornal «Izvestia». O jornal do Governo soviético disse que as últimas colheitas estavam a ser destruídas nos distritos de Ulyanovsk, Kuybychev e Voronezh, onde as papoilas crescem em 8.520 de terra cultivável. Durante uma rusga feita este verão, a Polícia soviética confiscou cerca de meia tonelada de narcóticos e identificou centenas de consumidores de drogas, diz o «Izvestia».

Enfermeira raptada na Etiópia

Os rebeldes etíopes da província do Tigre sequestraram uma enfermeira francesa que trabalhava na organização humanitária «Ajuda Internacional contra a Fome» (AICF), revelou a referida organização. De acordo com uma fonte da AICF, que fez chegar esta informação a Paris através da sua equipa sediada em Rama, a 120 quilómetros de Asmara, os rebeldes do Tigre atacaram e destruiram, na passada sexta-feira, uma guarnição situada em Rama, tendo raptado a enfermeira, Sophie Bedon. A AICF desenvolve, desde há dois anos, um programa de auxílio à população da cidade de Rama.

Inundações na Guatemala

As autoridades guatemaltecas recuperaram os corpos de 72 pessoas que pereceram em inundações quando as águas de um rio, perto da fronteira da Guatemala com o México, transbordaram as margens, disse o porta-voz da Defesa Civil. Acrescentaram que as inundações se ficaram a dever a fortes chuvadas que fizeram com que as águas do rio Valparaíso transbordassem das margens e inundassem aldeias situadas próximo da fronteira de Huehuetenango, no Norte.

Delinquência baixa nos EUA

A delinquência diminuiu nos Estados Unidos pelo quinto ano consecutivo, alcançando em 1986 o nível mais baixo nos últimos 15 anos, revelou uma informação de Secretaria norte-americana da Justiça. As estatísticas tornadas públicas tiveram em conta somente os «delitos violentos». Apesar do optimismo da informação, há que destacar que no ano passado se registaram 36,7 milhões desses delitos, o traduz um por cada 36 habitantes maiores de 12 anos.

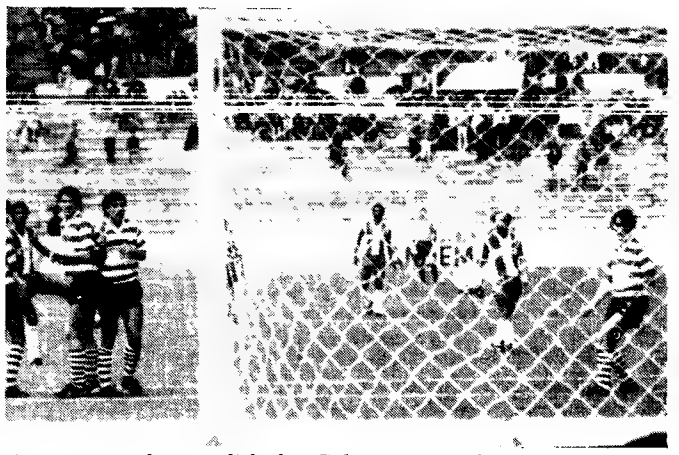
Filipinas combatem rebeldes

As tropas filipinas tomaram um importante campo rebelde comunista no termo de um violento combate que causou pelo menos a morte de sete pessoas, anunciou o exército. Seis dos 150 guerrilheiros que combatiam o campo e um soldado morreram durante a luta que durou duas horas, disse o comandante da região militar de Bicol, general Luís San Andres, acrescentando que o campo tinha cerca de uma dúzia de tendas e de obstáculos de corrida usado para o treino dos rebeldes.

Zimbabwe reforça fronteira

O Zimbabwe está a reforçar as defesas na sua fronteira com Moçambique perante o aumento das incursões de grupos armados da Renamo no seu território - anunciou a agência noticiosa Ziana, citando o ministro zimbabweano da Segurança. As fontes oficiais de Harare disseram que as acções dos rebeldes visavam essencialmente conseguir alimentos e munições, mas a frequência e a gravidade dos incidentes obrigaram as autoridades a adoptar medidas para garantir as segurança das populações.

Restelo: defesa a olhar, golo de Sealy



Antas: grande penalidade, Celso não perdoa

Guimarães: funchalenses deram piparote em René Simões

Nacional de futebol

NOMES E NÚMEROS DA 6.ª RONDA

A jornada n.º 6 do «Nacional» maior rendeu 25 golos (19 dos visitados e 6 dos visitantes). Fora de casa, apenas o Sporting conseguiu averbar os pontos em disputa, mas o Chaves, Marítimo e Penafiel não cederam mais do que um ponto. Realce para a digna presença do Elvas no Estádio do Sport Lisboa e Benfica, onde ficou demonstrado que os campeões nacionais tardam em encontrar o ritmo adequado à craveira dos seus artistas. Quanto a arbitragem apenas o setubalense Ezequiel Feijão (um magnífico intérprete das leis do jogo) não esteve totalmente feliz, e, no que toca a indisciplina, de registar as expulsões do algarvio Spassove do bracarense Vinícius. Uma referência ainda para o primeiro triunfo do Farense, agoda liderado por José Augusto.

Aqui fica a «ficha técnica» dos dez encontros da ronda:

Belenenses, 2-Sporting, 3

Jogo no Estádio do Restelo. Arbitrou (bem) o algarvi e internacional Francisco ilva.

Acção disciplinar: cartão amarelo para Oceano, Teixeira, Paulo Monteiro e Morato (87).

As equipas alinharam:

Belenenses: — Jorge Martins; Teixeira, José António, Sobrinho e Artur; Jaime, Paulo Monteiro, Juanico (Luís Reina, 68) e José Mário, Mapuata (Chiquinho 62) e Mladenov.

Sporting: — Rui Correia; Morao, Duílio, Venâncio e Vítor Santos; Litos (Carlos Xavier, 79), Oceano, Mário Jorge e Silvinho; Tony Sealy e Paulinho Cascavel.

Golos: 1-0, Jaime (16 minutos); 1-1, Tony Sealy (55); 1-2, Venâncio (59); 1-3, Tony Sealy (77) e 2-3, José Mário (80).

FC Porto, 4-Covilhã, 0

Jogo no Estádio das Antas. Árbitro: Jorge Coroado (Lisboa) auxiliado por Jorge Correia e António Sousa. **Cartão amarelo**: Germano (73m).

FC Porto: Mlynarczyk; João Pinto, Geraldão, Celso e Inácio; André, Rui Barros, Jaime Magalhães e Sousa; Jorge Plácido e Madjer.

Substituições: Aos 58 minutos Jaime Pacheco rendeu Jaime Magalhães e, aos 67, Frasco entrou para o lugar de Sousa.

Covilhã: Barradas; Pocho, Juanito, Marcelino e Gregório Freixo; Germano, João Gouveia, Jorge Coutinho e António Borges; Jacques e Celso Mciel.

Substituições: Na segunda parte jogou Craveiro no lugar de Celso Maciel e, aos, 55 Luís Alberto substituiu Juanito.

Marcadores: Madjer (29 e 50m), Celso (41 de «penalty») e Germano (53 na própria baliza).

Benfica, 1-Elvas, 0

Jogo noEstádio da Luz. Árbitro: Bento Márques (Évora), auxiliado por António Manuel e António Figo.

Cartões amarelos: Álvaro (35 m), Bartolomeu (46m), Clóvis (69 m), Bráulio (75 m) e Basaúla (76 m).

Benfica: Silvino; Veloso, Edmundo, Mozer e Álvaro; Shéu, Diamantino, Carlos Manuel e Chiquinho; Magnusson e Rui Águas.

Substituições: Edmundo por Elzo, aos 61 m, e Rui Águas por Wando, aos 87.

Elvas: Domingos; Ribeiro, Soeiro, Bráulio e Simões; Mário Gomes, Basaúla, Horácio, Beto e Alberto; Bartolomeu.

Substituições: Alberto por Clóvis, aos 65 m.

Marcador: Rui Águas (70 m).

Guimarães, 1-Marítimo, 1

Jogo no Estádio Municipal de Guimarães. Árbitro: Fernando Alberto (Porto), auxiliado por Carlos Adelino e Pedro Alves. **Cartão amarelo**: Nascimento (69 m).

Vitória de Guimarães: Jesus; Costeado, Miguel, Nené e Carvalho; Nascimento, René , Ademar e Adão; Kipulu e Décio António.

Bessa: juiz Ezequiel Feijão decreta «penalty»

Substituições: Basílio por René (62 m) e Caio Júnior por Ademir (70 m).

Marítimo: Everton; Matos, Teixeirinha, Amarildo, Oliveira e Andrade; Nunes, Marquinhos e Vadinho; Jorge Silva e Paulo RICARDO.

Substituições: Bobó por Paulo Ricardo (80).

Marcadores: Jorge Silva (55 m) e Carvalho (67 m).

Académica, 1-Chaves, 1

Jogo no Estádio Municipal de Coimbra. Arbitro: João Rosa (Évora), auxiliado por Francisco Zambujinho e Ricardo Lima. **Cartões amarelos**: Radi (32 m), Raul Águas (33 m), Mito (55 m) e Eldon (59 m).

Académica: Vítor Nóvoa; Mota, Tomás, Porfírio e Dimas; Marito, Quinito, Mito e Reinaldo; Cadorin e Eldon.

Substituições: Cadorin por Pedro Xavier (54 m) e Quinito por Barry (62 m).

Chaves: Padrão; Cerqueira, Garrido, Jorginho e Rogério; Serra, Gilberto, Diamantino e David; Radi e Vermelhinho. Substituições: Serra por Júlio Sérgio (59 m) e Rogério por Vicente (81 m).

Marcadores: Radi (36 m) e Eldon (37 m).

Boavista, 3-Portimonense, 0

Jogo no Estádio do Bessa, no Porto. Árbitro: Ezeqiel Feijão (Setúbal), coadjuvado por Hélio Pereira e Neto Afonso. **Cartão amarelo:** Teixeirinha (51m), César Brito (77m) e Nivaldo (79m).

BOAVISTA: Alfredo; Queiró, Valério, Frederico e Marcos António; Parente, Casaca e Walker; Chiquinho Carioca, Jorge Andrade e Coelho.

Substituições: No reatamento, Agatão ocupou o lugar de Casaca e, aos 65m, Monteiro rendeu Jorge Andrade.

PORTIMONENSE: Sérgio; José Carlos, Aurélio, Major e Teixeirinha; Nivaldo, Alhinho e Skoda; Forbs, César Brito e Diop.

Substituições: aos 30m, Aurélio cedeu o seu lugar a Karim, enquanto aos 75m, Tó Zé ocupou a posição de Diop.

Marcadores: Parente (22m, de g.p.) e Monteiro (66 e 71m).

Varzim, 2-Setúbal, 0

Jogo no Estádio do Varzim, na Póvoa de Varzim. Ábitro: Alder Dante (Santarém), axiliado por Fernando Vacas e Matias Bento. **Cartão amarelo:** Meszaros (49m), Eurico (72m) e Soares I (75m).

VARZIM: Lúcio; Vitoriano, Brito, Quim e Lito; Zé Maria, Soares I e Miranda; Nivado, Vata e Lufemba. Substituições: Miranda por Paquito, aos 44m, e Vata por Maluka, aos 71.

SETÚBAL: Meszaros; Crisanto, Quim, Eurico e Fidalgo; Maside, Roçadas, Vítor Madeira e Manuel Fernandes; Aparício e José Rafael.

Substituições: Aparício por Lazar, aos 86m.

Marcadores: Quim (21m) e Nivaldo (73m).

Rio Ave, 3-Braga, 0

Jogo no Estádio do Rio Ave, em Vila do Conde. Árbitro: Raul Ribeiro (Aveiro), auxiliado por João Abrantes e Álvaro Rocha. **Cartão vermelho:** Vinicius (55m). **Cartão amarelo:** Santos (79m).

RIO AVE: Figueiredo; Chico Zé, Antero, Paulo César, Lourival e Nando; Jaime Graça, Marinho, Isaías e Álvaro; Bragança.

Substituições: Jaime Graça por Carrasco, aos 21m, e Bragança por Carlos Manuel, aos 84m.

BRAGA: Velinov; Toni, Vítor Duarte, Bastos Lopes e Laureta; Santos, Kiki, Valtinho e Vítor Santos; Jorge Goms e Paulo Henrique.

Substituições: Laureta por Vinicius, na segunda parte e Paulo Henrique por Gersinho (81m).

Marcadores: Jaime Graça (17m), Isaías (40m) e Álvaro (77m).

Farense, 2-Salgueiros, 1

Jogo no Estádio de S. Luís, em Faro. Árbitro: Fortunato Azevedo (Braga), auxiliado por Lopes Araújo e Leite Silva. **Cartão amarelo:** delegado do Salgueiros (39m), Vitinha (61m) e Tonanha (74m). **Cartão Vermelho:** Spassov 985m).

FARENSE: Celso; Nando, Pereirinha, Mariano e Nelo; Ademar, Ciro e Formosinho; Spassov, Ribeiro e Fortes.

Substituições: Formosinho por Vitinha, aos 26m, e Ribeiro por Claudinho, aos 66m.

Suplentes não utilizados: Tavares, Barocal e Ney.

Treinador: José Augusto.

SAGUEIROS: Madureira; Luís Filipe, Carlos Brito, Matias e Casimiro; Oliveira, Santos Cardoso e Jorginho; Pita, Tonanha e Rui França.

Substituições: Casimiro por Pedro, aos 44m, e Oliveira por Constantino, aos 87m.

Suplentes não utilizados: Tozé e José Luís.

Treinador: Festas.

Ao intervalo: 1-1. Marcadores: Tonanha (5m), Vitinha (30m) e Spassov (85m).

Espinho, 0-Penafiel, 0

Jogo no Campo da Avenida, em Espinho. rbitro: Pinto Correia (Lisboa), auxiliado por António Silva (bancada) e Moisés Ferreira (superior). **Cartão amarelo:** Vasco (15m), Amaal (78m), Sérgio Pinto e Carvalho (89m).

ESPINHO: Silvino; Eliseu, N'Kongolo, Ralph e Nito; Luís Manuel, Carvalho, Nelo e Pingo; Marcão e Ivan.

Substituições: Nelo por Vitorino (30m) e Nito por Walsh (60m).

PENAFIEL: Amaral; Bio, Manuel Correia, Vasco e Mário Augusto; Caetano, Rui Manuel, Elias e César; Amâncio e Djão.

Substituições: César por Rosado (61m) e Caetano por Sérgio Pinto (87m).

Olle Nordin: confiança no seu "onze"

O seleccionador sueco de futebol, (Olle Nordin) reiterou a confiança na equipa que, no mês passado perdeu (em Estocolmo) com Portugal, por 1-0: a primeira derrota dos nórdicos em 13 jogos. Olle Nordin procedeu apenas a uma alteração na formação sueca (que, no dia 14, defronta em Gelsenkirchen, a RFA) chamando o médio Jonas Thern para o lugar de Ulf Eriksson, recentemente lesionado.

Futebol de 1.º escalão

Marítimo e Penafiel continuam "mandando brasa"

A ronda seis do campeonato naconal de futebol da divisão n.º 1 forneceu os seguintes desfechos: Rio Ave - Braga, 3-0; Espinho - Penafiel, 0-0; Farense - Salgueiros, 2-1; Académica - Chaves, 1-1; Benfica - Elvas, 1-0; Belenenses - Sporting, 2-3; V. Guimarães - Marítimo, 1-1; Boavista - Portimonense, 3-0; Varzim - V. Setúbal, 2-0 e FC Porto - Covilhã, 4-0.

Marcadores

Nesta jornada, que rendeu 25 golos, bisaram três jogadores: Madjer, Sealy e Parente. A lista dos melhores marcadores é a seguinte: 1.ºs Mladenov (Belenenses) e Aparício (V. Setúbal), 6 golos; 3.º Madjer (FC Porto0, 5 golos; 4.ºs Bartolomeu, (Elvas); César (Penafiel); Rui Águas (Benfica) e Radi (Chaves), 4 golos.

A seguir

Próxima jornada: Rio Ave — Espinho, Penafiel — Farense, Salgueiros — Académica, Chaves — Benfica, Elvas — Belenenses, Sporting — V. Guimarães, Marítimo — Boavista, Portimonense — Varzim, V. Setúbal — FC Porto, e Braga — Covilhã.

Divisão 2

O Freamunde empatou (em casa) com o Tirsense (1-1) em jogo antecipado da 5.ª jornada do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão (Zona Norte). Também o Moreirens empatou (2-2) no seu estádio com o Desportivo das Aves, no jogo em atraso da 3.ª ronda do nacional da divisão 2 (Zona Norte). O Moreirense e o Aves passam a integrar o grupo dos quintos classificados, com 4 pontos cada. A Zona Norte é comandada pelo Leixões, com 8 pontos nos 4 jogos efectuados.

Divisão 3

Resultados dos encontros da 4.ª jornada do «nacional» de futebol da 3.ª Divisão. **SÉRIE A:** Mirandês - Esposende, 1-2; Valdevez - Neves, 2-0; Valenciano - Santa Maria, 1-2; Vinhais - Limianos, 4-0; Oliveirense - Joane, 0-0; Delães - Celoricense, 1-0; Amares - Mirandela, 0-1 (interrompido devido ao mau tempo); Merelinense - Monção, 0-0; Valpaços - Ponte da Barca, 3-4 e Vieira - Murça, 4-1. Líderes: Amares e Merelinense, 6 pontos. Próxima jornada: Mirandês - Valdevez; Neves - Valenciano; St.ª Maria - Vinhais; Limianos - Oliveirense; Joane - Delães; Celoricense - Amares; Mirandela - Merelinense; Monção - Valpaços; Ponte Barça - Vieira e Esposende - Murça.

SÉRIE B: Lousada - Régua, 3-0; Infesta - Valonguense, 2-2; Amarante - Oliveira Douro, 3-1; Grijó - Cinfães, 5-0; Cesarense - Esmoriz, 3-2; Paivense - Ribeirão, 1-1; Pedrouços - Sandinense, 2-1; Lamego - Paredes, 1-2; Vila Real - São Martinho, 4-0 e Maia - Leça, 2-1. Líder: Amarante, 6 pontos. Próxima jornada: Lousada - Infesta; Valonguense - Amarante; Ol. Douro - Grijó; Cinfães -Cesarense; Esmoriz - Paivense; Ribeirão - Pedrouços; Sandinenses - Lamego; Paredes - Vila Real; S. Martinho - Maia e Régua - Leça.

SÉRIE C: Cariense - Tondela, 0-3; Oliveirense - Poiares, 2-0; Ovarense - Pessegueirense, 0-1; Luso - Oliveira Hospital, 2-0; Vilanovenses - Gouveia, 0-0; Seia - Alba, 2-1; Tabuense - Mealhada, 0-0; Santacombadense - Oliveirinha, 0-1; Belmonte - Vilar Formoso, 0-5 e Viseu Benfica - Anadia, 2-0. Líder: Tondela, 8 pontos. Próxima jornada: Caiense - Oliveirense; Poiares - Ovarense; Pessegueirense - Luso; Ol. Hospital - Vilanovenses; Gouveia - Seia; Alba - Tabuense; Mealhada - Santacombadense; Oliveirinha - Belmonte; V. Formoso - V. Benfica e Tondela - Anadia.

SÉRIE D: Portalegrense - Alcanenense, 2-1; Mirandense - Fundão. 0-0; Benfica C. Branco - Vieirense, 2-0; Gavionenses - Alcobaça, 3-1; Nazarenos - Usseira, 1-1; Naval - Paroquial Fátima, 2-2 Beneditense - Guiense, 1-0; Ferrel -Alcains, 0-1; Marrazes - Nisa Benfica, 2-0; e Lousanense - Sourense, 6-1. Líder: Portalegrense, 8 pontos. Próxima jornada: Portalegrense - Mirandense; Fundão - B.C. Branco; Vieirense - Gavionenses; Alcobaça - Nazarenos; Usseira - Naval; Paroq. Fátima - Beneditense; Guiense - Ferreira; Alcains - Marrazes; Nisa Benfica - Lousanense e Alcanenense - Sourense.

SÉRIE E: Vialonga - Lisboa e Olivais, 0-1; Odivelas - Fronteirense, 3-0; Malveira - Praiense, 3-1; Alverca - Vitória, 2-1; Eléctrico - Futebol Benfica, 0-0; Bombarralense - Marinhais, 3-1; Campomaiorense - Cacém, 0-0; Olivais e Moscavide - Estrela V. Novas, 3-0; Quimigal - Sintrense, 1-0 e Cartaxo - Santa Iria, 2-0. Líderes: Olivais e Moscavide e Odivelas, 8 pontos. Próxima jornada: Vialonga - Odivelas; Fronteirense - Malveira; Praiense - Alverca; Vit. Lisboa - Eléctrico; Fut. Benfica - Bombarralense; Marinhais - Campomaiorense; Cacém - Ol. moscavide; Estrela - Quimigal; Sintrense artaxo e Lx.ª Olivais - Santa Iria.

SÉRIE F: Montemor - Piense, 9-0; Palmelense - Vasco da Gama, 0-0; Alvorense - Ajustrelense, 0-0; Campinense - Lusitano, 0-1; Imortal - Reguengos Monsaraz, 0-0; Sesimbra - Lusitano Vila Real, 2-1; Juventude - Quarteirense, 1-0; Moura - Leões (Faro), 5-0; Torralta - Pinhalnovense, 5-0 e Seixal - Serpa, 2-1. Líder: Juventude, 7 pontos. Próxima jornada: Montemor - Palmelense; Vasco da Gama - Alvorense; Ajustrelense - Campinense; Lusitano - Imortal; Reg. Monsaraz - Sesimbra; Lusitano V. Real - Juventude; Quarteirense - Moura; Leões (Faro) - Torralta; Pinhalnovense - Seixal e Piense - Serpa.

Futebol no estrangeiro

Cuidado, Porto: Real Madrid goleia

O Real Madrid (adversário do Porto na Taça dos Campeões Europeus), venceu, em casa, o Sevilha (por 3-1) em jogo da 6ª jornada do campeonato espanhol de futebol da 1ª divisão. A 6ª vitória alcançada no campeonato foi difícil, já que o Sevilha esteve a vencer, com um golo de Ramon (aos 19 minutos): Tendillo (aos 56), Hugo Sanchez (de grande penalidade, aos 65) e Butragueñooooo (aos 86) marcaram pelo Real Madrid.

Sábado, em Barcelona, os locais defrontaram o Atlético de Madrid (de Paulo Futre) mas o jogo foi suspenso devido à chuva, quando se registava um empate (1-1). O golo do Atlético de Madrid foi apontado por Lopez Ufarte, na conversão de uma grande penalidade, a castigar falta sobre Futre.

O Bétis (do inglês John Mortimore) «goleou» o Sabadell (6-0).

Outros resultados da sexta jornada: Logroñes - Cadiz, 1-2; Celta - Real Maiorca, 1-1; Real Múrcia - Atlético de Bilbau, 2-3; Real Sociedad - Valência, 3-0; Real Valladolid - Espanhol, 1-0; Gijon - Las Palmas, 4-1 e Saragoça - Osasuna, 1-0.

Clssificação: Real Madrid, 12 pontos; Atlético de Bilbau, 10; Valência, 9; Cadiz, 8; Atlético de Madrid, 7 (menos um jogo); Bétis, 7; Celta, 7; Saragoça, 7; Osasuna, 6; Gijon, 6; Real Sociedad, 5; Valladolid, 5; Maiorca, 4; Múrcia, 4; Espanhol, 4; Sabadell, 4; Las Palmas, 3; Barcelona, 2 (menos um jogo); Logroñes, 2.

Aahrus empata

O adversário do Benfica cedeu um «nulo» a zero em encontro a contar para a 22.ª jornada do campeonato dinamarquês disputado no seu recinto frente ao Odense (4.º classificado). O Aahrus encontra-se no 3.º lugar com 29 pontos, sendo primeiro o Broendby com 42 e que já assegurou a conquista do título.

Kalmar em perigo de queda

O Kalmar FF, adversário do Sporting, perdeu em casa com o Myresj, por 4-3, e está na iminência de ser despromovido à 3.ª Divisão.

Disputada a 24.ª e antepenúltima jornada, o Kalmar ocupa o 12.º lugar da tabela, com 20 pontos, menos 14 que o líder, o Trelleborg, que totaliza 34 pontos.

Os dois últimos lugares pertencem ao Karlskrona, com 19 pontos, e ao Skovde, com 15 pontos.

Beveren: mais uma derrota

O Beveren, adversário do Guimarães, perdeu por 1-0 no terreno do St. Truiden por 1-0 em encontro do campeonato belga de futebol da primeira divisão, que continua a ser liderado pelo Anderlecht.

Com este desaire, o Beveren encontra-se na 15.ª posição, com 5 pontos, menos 10 que o líder Anderlecht, que superou o Ghent por concludente 6-1.

Honved: 7.º LUGAR

O Honved, adversário do Chaves, empatou (em casa) sem golos (0-0) frente ao Debrecen em encontro do campeonato húngaro de futebol da primeira divisão.

Com este empate, o Honved encontra-se agora na 7.ª posição da geral, com um total de nove pontos, tendo menos quatro pontos que o líder da competição, o Upjest Dozsa, que bateu o Vasas de Budapeste por 5-3 no jogo mais fértil em golos.

Em oito jogos realizados para o campeonato, o Honved somou três vitórias, três empates e duas derrotas, sendo o seu «goal-average» de 11 golos marcados contra 9 sofridos.

França: Matra vence

O Mónaco manteve o comando do campeonato francês, ao vencer (fora) o Brest (2-0) em jogo da 13ª jornada. O Matra Racing (equipa treinada por Artur Jorge) bateu o Paris Saint-Germain (2-1). Outros resultados: St. Etienne - Montpellier, 2-1; Nantes - Toulouse, 3-1; Nice - Niort, 1-0; Metz - Le Havre, 1-0; Auxerre - Lens, 2-0; Toulon - Bordéus, 0-1; Lille - Cannes, 0-0 e Laval - Marselha, 0-2. Classificação: 1º Mónaco, 20 pontos; 2º Bordéus, 16; 3º Nantes, Niort, Matra e St. Etienne, 15; 7º Metz e Cannes, 14; 9º Paris SG e Marselha, 13; 11º Montpellier, Lille, Auxerre, Nice e Toulouse, 12; 16º Toulon e Le Havre, 11.

PORTO A GALOPE MINHO AO RETARDADOR

Neves de Sousa

Pela primeira vez neste campeonato, surge um degrau intermédio sem ocupação efectiva: isso acontece entre um quadrunvirato de símbolos com cinco pontos averbados e um trio que somente ainda embolsou três risquinhos favoráveis. Mas muita reviravolta está levando o torneio.

Para já fixemos um punhado de verdades que estão colocadas na fila da corrida: Porto como «leader» isolado, Marítimo, Sporting e Penafiel sem conhecerem o travo amargo do desaire, Salgueiros a sofrer o primeiro toque na ponta do queixo e, para além disto, primeiro êxito do Varzim e do Farense, com o Braga agora na incómoda stuação de ser a única formação que não conta qualquer sucesso no seu «palmarés» e vê perigar seriamente uma possível cadidatura a grandes voos.

Contemos como se passaram as coisas, desde já ficando novamente aturdidos pela inoperância da coheita benfiquista na linha de vanguarda, com todo o auditório da Luz a sofrer e a tremer até que o endosse de Carlos Manuel para a cabecinha de Rui Águas acabou por abri uma brecha na muralha elvense. Sobre o parque da águia pairou o espectro que tinha presidido ao embate com os funchalenses: e foi com extrema dificuldade que (finalmente!) Skovdhal venceu um jogo de campeonato em casa da entidade patronal que pode promover internacionalmente o técnico dinamarquês que se estreia nas altas andanças futebolísticas.

À vontade estiveram os «dragões», mesmo abdicando do seu «capitão» Fernando Gomes, por razões que escapam à compreensão da maioria de quem anda enfronhado no nosso jogo soberano. Madjer e parceiros (muito calmamente) levaram até à parede um Covilhã que, briosamente, foi resistindo até a corda partir. Pelo lado mais fraco, é evidente.

Ao contrário doque pode parecer, não aconteceu surpresa em Guimarães: o Marítimo viajou até ao berço da nossa bandeira e mostrou nã ser por acaso que Manuel Oliveira se orgulha de ter ao dispor um «plantel» de alta qualidade, ligado por notável espírito de equipa e uma ambição que ultrapassa tudo o que rezava a antiga história. Quanto aos vimaranenses, é obrigatório concordar-se que o depauperamento sofrido com a saída de artistas como Paulinho Cascavel e Basaúla está a imperar no seu rendimento, ainda que não possa (de modo algum) considerar-se desprestigiante uma divisão de pontos com os reis da Madeira. De qualquer modo a porta fechou-se na cara de René Simões: António Oliveira é o sucessor.

Erros na cortina defensiva e súbita falência na linha de pontaria, marcaram o baque setubalense face a um Varzim determinado e fogoso, com o freio nos dentes quando sentiu que podia agarrar a mãos ambos os pontinhos que estavam na balança.

Concludente, magestática, sem hipótese de qualquer controvérsia foi a expressão da luta entre vila-condenses e pupilos de Manuel José, decididamente adiando (em doses sucessssivas) a oportunidade de reconciliação com o historial sempre bem lembrado. O Rio Ave não teve qualquer oposição para vencer em toda a linha: minhotos deixaram no tinteiro o passar de esponja por um desastrado início de temporada.

Muito bem, Penafiel: não é qualquer um que vai terçar armas com as hostes de Quinito e regressa sem rombo n costado. Os penafidelenses estão a cotar-se como a equipa surpresa, a criadora de labaredas por onde desfila: aos espinhenses restou correr a cortina saboreando a paritária divisão pontual.

Era esperado: farenses tinham de reencontrar-se, José Augusto tinha de jogar no vale-tudo perante sagueiristas que pareciam campeões dos empates, daí não saindo por força de nenhuma lei. Os algarvios passaram um pedaço de calendário com o Credo na boca, mas, quando a função terminou, tinham ultrapassado o fosso da frustração, enquanto os homens de Paranhos retiravam conformados com a sua sorte, convictos de que mais uma vez tinham colocado no palco o máximo da sua capacidade: simplesmente, era uma quase questão de honra (para o «team» presidido por Fernando Barata) dar um pulo além do degrau do máximo negrume.

Óptima carreira estão rubricando os flavienses, com merecido destaque para o seu técnico e para a força de vontade e alto profissionalismo com que ultrapassaram o desgaste sofrido na escaldante 4.ª-feira uefeira. Por seu lado, o empate consentido pela Académica no seu reino também é reflexo do sinal de respeito que obriga qualquer «team» quando tem pelas barbas o «onze» de Raul Águas.

Pepe suspirou de alívio: os boavisteiros deixaram na margem (com a facilidade que os números decretam) um Portimonense convulsionado por muitos problemas intestinos. Axadrezados necessitavam de um sucesso como pão para a boca: a legião que defende as cores do clube chefiado por Manuel João continua de armas ensarilhadas e sem atinar com qualquer luz no fim do túnel. E tarda a chegar um instante de alegria, enquanto na bandeira de Valentim Loureiro renasce o Boavistão.

Pronto: no Restelo, foi aquilo que se sabe. Três golos nascidos de bola parada (e uma assustadora síncope dos defesas que viam desfilar Silvinho e Mário Jorge, Cascavel e Sealy como se fossem setas rasgando seda) viraram um «placard» que parecia favorável à Cruz de Cristo e até derradeiro lavar de cestos poderia (com certa razão) ficar nivelado no mesmo tom de diálogo. Simplesmente, a charneira defesa-ataque e a calibragem no golpe fuzilante acabou por explicar o belo triunfo sportinguista face a um Belenenses que travou (novamente) a viagem até ao céu a que tanto vai aspirando.

Marcaram-se 25 golos, seis viajantes ficaram em branco, em casa própria apenas os restelianos deixaram a visita retirar com colheita máxima. Agora, quem estará perto de tocar à porta? Façam as vossas apostas, que a roda só voltará a girar quando à mesa da roleta voltar a estar reunida a máxima clientela. E tudo for começando de novo.

Microscópio

Râguebi: abertura

Começou a temporada raguebística: para o torneio de abertura, o Dramático de Cascais venceu o CDUL (18-13). Com óptima arbitragem de luís Feist, alinharam:

CASCAIS: Rodrigo, José Maria, Ricardo Durão (2+2) Bernardo, aos 53 m), Vasco Durão e Vieira; Nuno Durão (4+2) e Jonet (4); António Manuel (4), Mariano (Eduardo, aos 40 m) e Luís Neves (Jorge Guilherme, aos 53 m); Costa Gomes e Bettencourt; Carlos Reis, Morais e Luís Luís.

CDUL: Domingos Megre (4); Cardoso, Luz, Pedro Megre e Neiva; Jalles (3) e Marques Pinto (4); Francisco Lupi, Ferreirinha (Pardal, aos 23 m) (2) e Esteves; José Luís e Jónatas; Cância (Salvado, aos 62 m), BURNEY E Teles.

EMPRESA DE CONSTRUÇÃO CIVIL
SEDIADA EM LISBOA ADMITE:

ENGENHEIRO CIVIL

OU

ENG.º TÉCNICO CIVIL

PARA RESPONSABILIDADE TÉCNICA E DE PRODUÇÃO

PRETENDE-SE PESSOA COM:

- Experiência
- Idade aproximada: 35 a 40 anos
- Dinamismo, capacidade de chefia e sentido das responsabilidades.

Respostas com "curriculum vitae" e indicação da retribuição pretendida a enviar a este jornal ao n.º 30 901

PRÉDIO VENDE-SE EM LISBOA

Trav. Henrique Cardoso, 42 a 46

O imóvel é vendido tal como se encontra, sem encargo para o vendedor e pela melhor oferta acima da

Base de licitação: 9100 contos

Recebem-se propostas em
INVÁLIDOS DO COMÉRCIO
Rua Alexandre Ferreira, 48-A
1700 LISBOA

Até às 16 horas do dia 26/10/87, em carta fechada e lacrada, com a indicação exterior «Venda de Prédio» e contendo expressamente o preço oferecido, além do nome e morada do comprador, tendo a abertura das propostas lugar pelas 14 horas do dia 27/10/87.

O comprador pagará no acto da arrematação 10% da importância pela qual lhe for adjudicado o imóvel, e os restantes 90% dentro de 60 dias, tendo de efectuar a respectiva escritura, nesse mesmo prazo.

Na sede de INVÁLIDOS DO COMÉRCIO, durante as horas de expediente, prestam-se quaisquer outros esclarecimentos.

Maratona de Berlim

RAFAEL MARQUES: 2.º ENTRE TREZE MIL

O atleta do Benfica Rafael Marques classificou-se em 2º lugar na maratona de Berlim com o tempo de 2.13,23 horas, sendo o melhor português em estreia na distância com a quarta melhor marca.

A vitória pertenceu ao tanzaniano Suleiman Nyambui, um antigo especialista de 5000 metros, que gastou o tempo de 2.11,11 horas, recebendo o prémio d 10 mil marcos, cerca de 780 contos.

Rafael Marques acompanhou Nyambui até aos 30 quilómetros para depois defender o 2º lugar num grupo que até ao 6º classificado registou a diferença de apenas 18 segundos. Com esta marca, Rafael Marques manteve o seu lugar na categoria europeia e tornou-se no melhor português em estreia na distância com a quarta melhor marca de sempre.

Melhor que Rafael só fizeram Carlos Lopes, que detém a melhor marca mundial com 2.07,12 horas (1985), Cidálio Caetano 2.11,42 (84) e Delfim Moreira 2.12,39 (86).

Classificação: (Masculinos): 1º Suleiman Nyambui, Tanzânia, 2.11,11 horas; 2º **Rafael Marques**, Portugal, 2.13,23; 3º Japhat Mashinshanga, Tanzânia, 2.13,27; 4º John Vermule, Holanda, 2.13,35; 5º Peter Lyrenmann, Suíça, 2.13,40 e 6º Jean Weyts, Bélgica, 2.13,41.

Femininos: 1ª Kerstin Pressler, RFA, 2.31,22; 2ª Wissel Grottenberg, Noruega, 2.31,57 e 3º Wanda Panfil, Polónia, 2.32,01.

Participaram mais de 13 mil atletas de 59 países.

«GP» de Alverca prova sem cronómetro

Antñio Almeida, do Grupo Desportivo da Musgueira, e Rosafio Pia, do Benfica, venceram, em seniores masculinos e femininos, respectivamente, o VIII Grande Prémio de Atlétismo de Alverca, disputado num percurso de 9 000 metros.

O 2º classificado na competição masculina foi José Peixeiro, do Tojal, e na 3ª posição entrou o seu companheiro de clube, Manuel Ferreira.

Conceição Pereira, do Vale Figueira, e Fátima Carvalho, do Juventude de Castanheira do Ribatejo, foram a 2ª e 3ª melhores seniores.

Em Juniores, triunfaram José Santos, do Carregado, e Graça Carvalho, em masculinos e femininos, respectivamente.

Uma falsa partida e o elevado número de participantes impediram os organizadores de croometrar os tempos obtidos pelos atletas, neste grande prémio de Alverca, organizado pela Junta de Freguesia local e que reuniu cerca de 1 700 atletas, distribuídos pelos escalões de seniores, juniores, juvenis e iniciados, de ambos os sexos.

Futebol — Notícias

Gomes novamente no banquinho

Pela 2.ª vez consecutiva o técnico Ivic preteriu Gomes, deixando-o no banco lateral. Ao intervalo e no termo do jogo entre os «dragões» e o Covilhã, a plateia afecta aos azuis-brancos vaiou o treinador e aplaudiu entusiasticamente o «capitão» do seu «team».

Futre volta ao Porto

...mas foi só hoje. Paulo Futre (com o seu «Porsche», amarelo veio visitar amigos, almoçar com antigos colegas e convidá-los para uma festa que vai dar em sua casa madrilena no período natalício.

Real Madrid-Porto em Valência

O embate Real Madrid - Porto (1.ª mão da 2.ª eliminatória da «Taça dos Campeões») vai ter lugar no Estádio Luís Casanovas (em Valência). Se o jogo for antecipado para 20do corrente (e fugir ao calendário geral: 21) terá transmissão directa pela TV.

Madjer: vida em livro

A história do portista Madjer vai sair em livro, a lançar na véspera do jogo dos «dragões» com o Real madrid, para a «Taça dos Clubes Campeões Europeus». O jornalist francês Heidi Hamel é o autor da obra biográfica do argelino.

Malianos em Alvalade

Kaloga e Diallo (dois malianos que tem treinado em Alvalade) devem hoje assinar contratos com o Sporting que (simultaneamente) retirará da Federação de Futebol o compromisso com o argentino Saucedo. Kaloga (26 anos) alinha a médio, Diall (21) é dianteiro. Ambos vieram para o nosso país pela mão do empresário Lucídio Ribeiro.

Aparício: Traumatismo

O dianteiro setubalense Aparício sofreu (no decorrer do jogo com o Varzim e em choque de cabeça com Quim) traumatismo craniano com momentânea perda de consciência. Encontra-se em repouso absoluto.

Olímpicos: rendições

Rui Águas, Vítor Santos e Rui Barros (todos lesionados) não podem prestar o seu concurso à formação nacional olímpica, que amanhã (em Leiria) vai confrontar-se com a representação da Islândia. Para os seus lugres foram convocados Jorge Plácido (Porto), Jorge Silva (Marítimo) e Basílio (Guimarães).

Cajuda no Portimonense?

Quase certo: Manuel Cajuda deverá ser, a partir desta tarde, o novo técnico do Portimonense, substituindo Paulo Roberto Dias, o brasileiro que tinha vindo a Portugal para consultar um dentista e acabou treinando a turma algarvia.

Eugénio Luís foi recordado

Eugénio Luís (que foi jogador do Boavista, Lamego, Progresso e Âmbar), vindo a falecer quando desempenhava funções de chefe de secção nesta empresa, foi agora evocado durante um festival d futebol que teve actuação do Boavista face ao Leixões. Desfecho: 3-1 a favor dos matosinhenses que receberam o Troféu Saudade.

Taça: Sorteio

O sorteio da 2.ª eliminatória da Taça de Portugal tem luar a 8 do corrente, na Sala dos Espelhos do Hotel Tivoli (Lisboa) pelas 18 e 30.

Amadora: torneio juvenil

O Estrela da Amadora ganhou o torneio de futebol do concelho da Amadora, ao golear o Damaiense por expressivo 9-0. O Damaia (ao derrotar o União e Progresso, da Venda Nova, por 5-2, através da marcação de grandes penalidades) ficou em 3.º lugar na prova.

Futebol de salão: torneio de encerramento

Continua a decorrer no Pavilhão da Tapadinha, o torneio de encerramento de futebol de salão, organizada pela Federação Portuguesa de Futebol de Salão (filiada da FIFUSA – Federação Internacional) com a participação de 11 equipas. Após a 8.ª ronda a classificação está assim ordenada:

	J	V	E	D	P
1.º G.D. Melbar	8	7	–	1	14
2.º Malhas Tiliace	7	6	1	–	13
3.º Air France	8	5	–	3	10
4.º Ext. Ergon	7	4	1	2	9
5.º Conticex	8	4	–	4	8
6.º I. Estefânia	8	4	–	4	8
7.º Anjos da Noite	8	4	–	4	8
8.º Soc. C. Vila Rex	7	1	2	4	4
9.º F.C. Pedralvas	7	2	–	5	4
10.º Ajax F.C.	8	1	1	6	3
11.º Loreto	8	1	1	6	3

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	G	P
1.º FC Porto	**6**	**4**	**2**	**0**	**16- 2**	**10**
2.º Sporting	6	3	3	0	11- 5	9
3.º Marítimo	6	3	3	0	5- 2	9
4.º Penafiel	6	2	4	0	9- 3	8
5.º V. Setúbal	6	4	0	2	9- 6	8
6.º Chaves	6	2	3	1	14- 6	7
7.º Guimarães	6	2	3	1	10- 7	7
8.º Benfica	6	3	1	2	7- 4	7
9.º Boavista	6	2	2	2	9- 7	6
10.º Elvas	6	2	2	2	8- 6	6
11.º Espinho	6	1	4	1	4- 6	6
12.º Belenenses	6	3	0	3	12-14	6
13.º Salgueiros	6	0	5	1	8- 9	5
14.º Varzim	6	1	3	2	6- 7	5
15.º Académica	6	1	3	2	6- 9	5
16.º Rio Ave	6	2	1	3	8-14	5
17.º Braga	6	0	3	3	3-11	3
18.º Covilhã	6	1	1	4	4-13	3
19.º Farense	6	1	1	4	5-16	3
20.º Portimonense	6	1	0	5	7-15	2

TOTOBOLA a chave

Belenenses - Sporting	2
Guimarães - Marítimo	X
Varzim - Setúbal	1
Rio Ave - Braga	1
Espinho - Penafiel	X
Farense - Salgueiros	1
Académica - Chaves	X
Boavista - Portimonense	1
Infesta - Valonguese	X
Vitória e Benfica - Anadia	1
Quimigal - Sintrene	1
Sesimbra - Vila Real	1
Palmelense - Vasco da Gama	X

TOTOLOTO

16, 21, 22, 23, 27 e 31 + 11

TOTOBOLA jogue connosco

Concurso N.º 41/87
11 de Outubro de 1987

Setúbal - Porto	X
Sporting - Guimarães	1
Rio Ave - Espinho	X
Penafiel - Farense	1
Salgueiros - Académica	1
Chaves - Benfica	X
Elvas - Belenenses	X
MARÍTIMO ; Boavista	1
Portimonense - Varzim	X
Braga - Covilhã	1
A. Viseu - Beira Mar	X
Atlético - U. Madeira	1
Olhanense - Lusitânia	1

JOSÉ LUÍS EUSÉBIO PELEJÃO MARQUES

Sua família cumpre o doloroso dever de participar o seu falecimento.

O seu corpo encontra-se em câmara ardente na Igreja N. S. de Fátima a partir das 18.00 h de hoje, realizando-se o funeral amanhã pelas 9.30 h, para o cemitério de Benfica, após missa de corpo presente.

Ténis de alto nível

"ESTORIL OPEN" JÁ ESTÁ: QUE VENHA O "GRAND PRIX"

Assunção Ribeiro

Com a vitória de Gilad Bloom sobre Mark Dickson, pelos parciais de 7/6 (7/4) e 6/3, terminou o «DN Estoril Open», a prova-rainha do calendário oficial deste ano, que durante uma semana animou os «rápidos» da Guia-Quinta da Marinha.

Dotado de um «prize money» de 50 mil dólares (7500 contos0, este torneio constituía um teste às capacidades portuguesas de organizarem uma prova de tal envergadura, auscultando a possibilidade de um «Grand Prix» (mais de 100 mil dólares). É de recordar que o 250 mil dólaresde 1983 teve um financiamento alemão-federal, sendo portanto o «Estoril Open» a prova de valor mais elevado jamais realizada em Portugal por entidades promotoras nacionais. A aposta foi ganha, uma vez que todo o sistema funcionou em pleno, desde a arbitragem à organização em geral, passando pelo apoio à Comunicação Social. Podemos mesmo dizer que, em alguns aspectos, a Sotenis excedeu-se, como seja o exemplo da prova ter sido inscrita nos meios internacionais como sendo de 31 estrelas e, posteriormente, ter oferecido alojamento e alimentação aos jogadores, característica de um 4 estrelas.

Portugal deve ter-se tornado num amuleto para Gilad Bloom, o israelita 151.º ATP, pois foi cá que ele arrecadou o seu primeiro ponto em 1983 e, agora, mais 40 com a vitória de ontem à tarde.

O esquerdino, que possui um jogo muito aguerrido, disputando odos os pontos como se se tratassem de «match-points», teve como adversário na final o norte-americano Mark Dickson, jogador razoavelmente bem conhecido do público português. Ocupando a 146.ª posição no «ranking» mundial, este ogado, cabeça de série n.º 2, já pertencera aos 30 primeiros em 1985. Uma lesão no joelho afastá-lo-ia dos «courts», e tenta neste momento a difícil recuperação.

A situação destes dois jogadores é importante, pois cremos que ela é um pouco explicativa do que se passou nesta final. O «filme» foi mais ou menos este: um jovem israelita a subir no «ranking», ambicioso e ávido de vitórias. Se a isto aliarmos a vontade férrea que põe em jogo, facilmente compreenderemos certas proezas, como por exemplo o ter sido quarto-finalista no 350 mil dólares de Bruxelas.

O encontro foi muito equilibrado, nomeadamente na 1.ª partida, onde foi necessário recorrer ao «tie-break», tendo saído vencedor o israelita que ganhou dois saques ao adversário, tendo este apenas respondido com um.

Já a segunda partida teve um figurino diferente, pois Dickson ao «breakar» no 5.º jogo deu a sensação de poder vir a obrigar à «negra». No entnto, Bloom efectuaria o «contrabreak», somando 4 jogos de rajada, fechando a contagem no 2.º «match-point».

Chegou aser constrangedor, principalmente para os que esejavam assistir a um pouco mais de téniss, as oportunidades falhadas pelo americano do boné, pois como já referimos dos dez «reak-points» de que dispôs só concretizou um, e dos dois «set-points», nenhum. Ele mesmo reconheceria que a sua derrota se deveu a «não ter jogado bem os pontos importantes».

Foi por pouco que o israelita não efectuou uma dupla, uma vez que, juntamente com Niclas Kroon, da Suécia, foi finalista da variante de pares. Tendo eliminado os cabeças-de-séie n.º 1 onde pontificava Ronnie Bathman (vencedor do Open de Portugal deste ano, conjuntamente com Dickson), a dupla israelo-sueca, cabeça de série n.º 4, apresentava-se como favorita. O triunfo vei porém a pertencer ao par formado or Barry Moir e Gianluca Pozzi por 6/3; 2/6 e 6/4. Estes tinham, por sua vez, eliminado os cabeças de série n.º 2 os tais que venceram a dupla nacional Nuno Marques/Cunha e Silva na primeira ronda. Esta final teve por curiosidade o elevado número de quebras de serviço: cinco, quatro e três, respeitantes às 1.ª, 2.ª e 3.ª partidas.

Portugueses perdulários

Entre os atletas lusos imperou a cada vez mais irritante lógica. É normal que, tendo entrado no quadro principal graças a convites, os nossos jogadores encontrem pela frente outros melhor classificados, e que por isso percam. Porém, qem não ganhar a atletas de classificação mais elevada que a sua, dificilmente subirá a sua cotação e os nossos jogadores começam a demorar esse tão desejado salto.

Uma pequena ressalva seja no entanto feita para o portuense Nuno Marques que, tendo-se preparado afincadamente para este torneio, viu coroados os seus esforços com quatro pontos ATP e quase centena e meia de contos resultantes da sua passagem aos oitavos-de-final. Para Cunha e Silva e Pedro Cordeiro foram apenas 60 mil escuds e um ponto «de bónus». desejemos-lhes mais sorte para o Satélite que se avizinha.

CIF bisa título

O CIF bisou o título nacional por equipas em ténis no campeonato disputado no Estádio Nacional, registando-se vitórias em todos os seus encontros face às três formações adversárias.

Trata-se do terceiro título nos últimos quatro anos para a equipa do CIF, que irá participar na Taça dos Clubes Campeões Europeus a efectuar em Barcelona em Junho de 1988.

Em 2.º lugar ficou o Clube de Ténis do Porto, classificando-se na 3.ª posição o Clube Ténis do Jamor e na 4.ª e última o Lawn Ténis Clube da Foz, que não teve nenhuma vitória.

Davis: Suécia-Índia na final

A Suécia assegurou a presença na final da Taça Davis em Ténis, onde irá defrontar a Índia, após a vitória de Stefan Edberg sobre o espanhol Emilio Sanchez.

Com este triunfo, no primeiro encontro de singulares do último dia, a Suécia conseguiu a vantage de 3-1, depois de sábado ter perdido o encontro de pares.

Edberg bateu Sanchez, o melhor jogador espanhol, por 6-4, 8-6 e 6-4, numa partida que foi adiada devido à chuva que caiu domingo.

A Índia afastou na outra meia-final a Austrália, actual detentora do troféu, em Sydney, por 3-2.

EP

	T. 6 h	Min	Prec	Às 13 h.
Bragança	11	10	0,0	Chuva
V. Castelo	16	15	0,0	M. nub.
Vila Real	12	12	0,0	Chuva
Porto	16	15	0,0	M. nub.
Coimbra	14	14	0,0	Encob.
C. Carvoeiro ..	18	17	0,0	Chuva
C. Branco	13	12	0,0	Chuvisco
Portalegre	12	11	0,0	Neblina
Lisboa	16	16	0,0	Encob.
Évora	13	13	0,0	Neblina
Beja	14	13	0,0	M. nub.
Faro	15	13	0,0	M. nub.
Sagres	16	16	0,0	M. nub.
P. Delgada	15	14	0,0	P. nub.
Funchal	19	19	0,0	P. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 20, Porto 20, Faro 22, Ponta Delgada 20, Funchal 24.

Temperatura do ar em "C • Precipitaçao em mm

NE

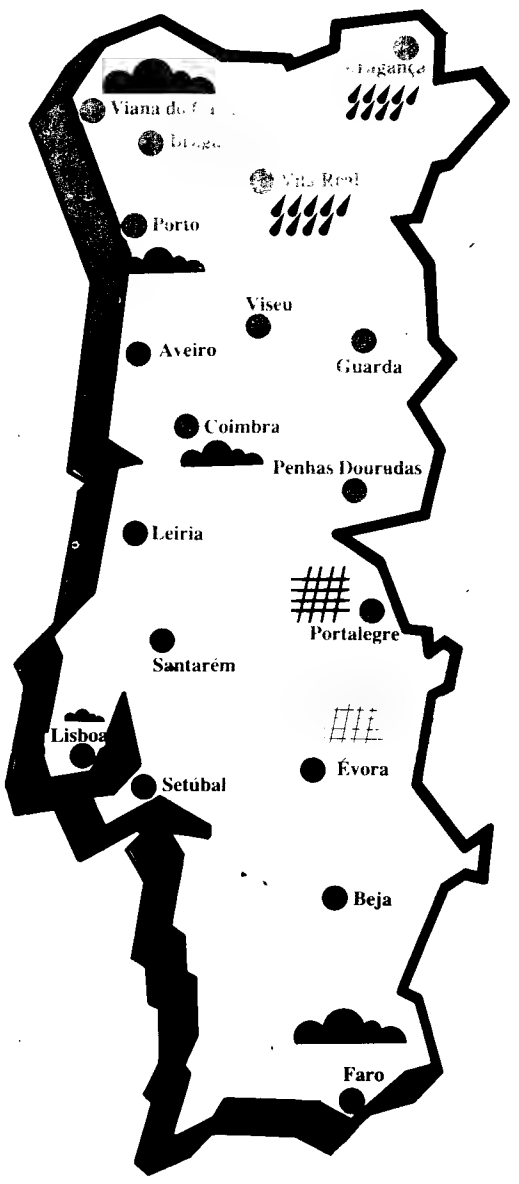
	T. 7 h	Min.	Às 13 h.
Madrid	12	12	M. nub.
Londres	12	12	M. nub.
Paris	14	14	Chuva
Bruxelas	15	15	Aguaceiros
Amesterdão. ...	16	15	Nublina
Genebra	15	11	M. nub.
Roma	18	18	Chuva
Oslo	8	8	Chuva
Copenhaga	11	11	Neblina
Estocolmo	9	7	Neblina
Berlim	11	11	Neblina
Viena	12	12	M. nub.
Varsóvia	9	6	M. nub.
Atenas	16	13	M. nub.
Moscovo	6	3	Neblina

Temperatura do ar em "C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	20	27	Nublado
Joanesburgo ...	7	20	Limpo
Los Angeles	25	42	Limpo
Montreal	4	12	Nublado
Nova Deli	22	36	Limpo
Nova Iorque ...	4	12	Limpo
R. de Janeiro ..	15	23	Limpo
S. Francisco ...	16	38	Limpo
São Paulo	12	24	Nublado
Tóquio	18	27	Nublado

Temperatura do ar em "C • Precipitaçaoem mm



TEMPO

HOJE

No Continente:
Nas regiões Norte e Centro: Céu geralmente muito nublado, vento fraco a moderado de oeste e períodos de chuva, em especial no Norte.
Nas regiões do Sul: Céu com períodos de muito nublado, vento fraco de noroeste e pequena subida da temperatura máxima.

Estado do mar:

Costa Ocidental: Mar de pequena vaga e ondulação de noroeste de 1 a 2 metros.

Costa Sul: Mar encrespado. Ondulação de sudoeste inferior a 1 metro.

AMANHÃ

Nas regiões do Norte e Centro: Céu geralmente muito nublado, vento fraco a moderado de sudoeste e períodos de chuva em especial no noroeste.
Nas regiões do Sul: Céu pouco nublado, tornando-se muito nublado para o fim da tarde e vento geralmente fraco.

DEPOIS

Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco. Aguaceiros fracos e pequena descida da temperatura.

Nos Açores:

Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco à bonançoso do quadrante Norte. Aguaceiros fracos.

***Estado do Mar:* Mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação de noroeste de dois a três metros.**

Na Madeira:

Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco a moderado de nordeste.

***Estado do mar:* Mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação de nordeste de dois metros na costa Norte e ondulação inferior a um metro na costa Sul.**

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
2.08	4,1 m	7.49	0,9 m
14.24	4,4 m	20.15	0,7 m

Amanhã

2.49	4,2 m	8.28	0,8 m
15.05	4.4 m	20.51	0,7 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• Informação da agência Lusa

Hóquei em campo: Taça para o Benfica

Com arbitragem do lisboeta João Gomes e do portista Mário Faria, disputou-se no passado sábado, no campo nº 2 do Jamor, a final da Taça de Portugal em hóquei em campo, entre o Benfica e o União de Lamas que terminoucom o triunfo dos «encarnados» por 1-0, cbendo a autoria do golo (que valeu mais um troféu) a Júlio Silva.

Com esta vitória o Benfica, venceu as duas principais competições (campeonato e taça) e ainda arrecadou o toféu «disciplina».

Para a história aqui ficam averbados os nomes dos intérpretes:

Benfica: Branco, Gens, Barão e Marques Alves; Agostinho Rui Rodrigues e Rui Francisco; Estêvão Fernandes, Júlio Silva (t), João Henriques e Zito.

União de Lamas: Domingos, Arlindo, Espinheira, Moreira e Mendes; Mário Luś (Carlos Fernandes), Resende (Anselmo) e Aldino; França, Magana e Artista (Rogério).

BASQUETEBOL: "ESTRELAS" COM MUITO BRILHO

A nota dominante da jornada inaugural do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão em Basquetebol, foi rubricada pelo estreante Estrelas da Avenida (General Rçadas) que, no Pavilhão Carlos Lopes (há quanto tempo esta modalidade ali não era praticada?) venceu convincentemente a turma do Queluz por 106-94. Destaque ainda para a derrota do Sporting (76-72) perante o Imortal de Albufeira e do triunfo da equipa de Ovar frente ao seu vizinho de Ílhavo (Illiabum) por 78-67.

Nos demais encontros a vitória coube aos favoritos (Porto em Aveiro), Benfica no Restelo e Sangalhos perante o Esgueira. Os resultados: Beira-Mar - Porto, 83-92; Belenenses - Benfica, 86-98; Illiabum - Ovarense, 67-78; Imortal - Sporting, 76-71; Sangalhos - Esgueira, 72-67; e Estrelas da Avenida - Queluz, 106-94.

Divisão 2

Começou também o «Nacional» do escalão secundário, tendo-se verificado os seguintes resultados, na **Zona Norte**: Ginásio - Gaia, 92-65; Sanjoanense - Académica, 88-74; Olivais - Alca, 74-68; Conimbricense - Salesianos, 44-69; e Desportivo de Leça - Sporting Figueirense, 61-87. **Zona Sul**: Atlético - TAP, 81-87; Palmeiras - Algés, 79-82; União de santarém - Estoril, 88-121; Luso - Frense, 77-79; Barreirense - Scalipus, 85-35; e Quimigal - Cruzquebradense, 109-55.

Taça

Efectuou-se a 2.ª elimnatória da Taça de Portugal (masculinos) tendo-se verificado os seguintes resultados, na **Zona Norte**: Salesianos - Gaia, 73-69; Desportivo de Leça - Vasco da Gama, 48-55; Sporting Figueirense - Olivais, 121-51; Ginásio - Académica, 98-54; e Sanjoanense - Arca, 106-77. **Zona Sul**: Algés - Iophil Estoril, 104-127; Cruzquebradense - Joanita, 45-72; Seixal - Barreirense, 71-86; Palmeiras - Scalipus, 74-66; e CDUL - Atlético, 36-120.

Em Alvalade, viveram-se momentos de euforia e no final houve festa com a continuidade dos «leões» na Taça IHF

Andebol: Sporting firme na Europa

No domínio das competições internacionais, a jornada não foi positiva para o andebol português, já que, apenas o Sporting conseguiu passar o primeiro obstáculo, garantindo a sua continuidade na Taça IHF, isto porque tanto o ABC (Taça dos Campeões) como o Benfica (Taça das Taças) foram arredados pelos seus opositores.

Em Alvalade, a turma «leonina» impôs a marca de 22-16 aos holandeses do Herschi Geleen, recuperando, deste modo, os 18-20 com que havia regressado da Holanda.

Em Braga, e apesar do triunfo da equipa do ABC por 22-16 sobre os suíços do Amicitia, a turma dos campeões nacionais viu-se afastada, já que, na primeira mão, perderam em Zurique por 14-26.

O Benfica, que partira para Madrid já com a desvantagem de um golo (20-21) voltou a perder perante o Atlético de Madrid por 11-29.

Campeonato nacional

Em jogo respeitante à 5.ª ronda, o Belenenses venceu (no Porto) o Académico por 27-15. Outros resultados: Setúbal-Francisco de Holanda, 19-16, TAP-Passos Manuel 21-18 e Boa-Hora-Salgueiros, 17-21.

6.ª e 7.ª jornadas: Francisco de Holanda-Académico Porto 17-14; FC Porto-Vitória Setúbal, 21-19; Sporting-Clube TAP, 22-15, Salgueiros-Benfica, 20-26 e Passos Manuel-Boa-Hora, 23-14.

Classificação: 1.º Benfica 6 jogos 16 pontos; 2.º Sporting 5 jogos 15 pontos, 3.º Setúbal 7 jogos 15 pontos, 4.º Salgueiros 7 jogos 15 pontos; 5.º Belenenses, 5 jogos 13 pontos, 6.º TAP 7 jogoss 13 pontos, 7.º ABC Braga 4 jogos 12 pontos, 8.º Boa-Hora 7 jogos 11 pontos, 9.º F. Holanda, 7 jogos 11 pontos, 10.º Porto 6 jogos 10 pontos, 11.º Passos Manuel 6 jogos 10 pontos e 12.º AC. Porto 7 jogos 7 pontos.

Ortopedista vence "Becel" de golfe

O ortopedista Jorge de Moura venceu o segundo Torneio Becel, em golfe, organizado pelo Clube de Golfe Médico (presidido pelo dr. Marcos Barroso) e disputado nos campos 1 e 2 de Vilamoura. Jorge de Moura (que liderava o torneio médico após a 2.ª volta) obteve a melhor pontuação nos 36 buracos, com 148 pancadas, seguido do oftalmologista Custódio Jacinto e Freixo Osório, com 150 e 151 pancadas, respectivamente. A médica melhor classificada foi Paula Noronha (em 13.º lugar, com 166 pancadas) seguida de Filomena Cameira (173). O cardiologista Macário Tapadinhas (vencedor do primeiro Torneio de Golfe Médico) no Vimeiro, foi o 4.º classificado, com 153 pancadas.

O segundo Torneio de Golfe Médico, que contou com o apoio do Instituto de Alimentação Becel, teve a participação de 41 médicos (entre os quais seis mulheres) enquanto outros 140 médicos e familiares, oriundos de todo o País, participaram durante três dias em clínicas de golfe orientadas pelo pofissional Tony Bárnabé, técnico do Clube Dom Pedro e do Clube de Golfe Médico.

Este torneio foi um êxito total, no aspecto desportivo e de convívio, e estamos já a preparar-nos para o terceiro torneio, para o qual temos a certeza de que o recorde do número de participantes será de novo ultrapassado, disse o director do Instituto de Alimentação Becel (Amadeu Cardoso). **Os médicos estão a aderir em força ao golpe e, se neste torneio duplicou o número de concorrentes em relação ao primeiro, no próximo o Clube de Golfe Médico estará em condições de apresentar mais de uma centena de jogadores,** disse o técnico Barnabé.

"Europeu" de hóquei em patins

Portugal estreia com triunfo

Começou no passado domingo a disputa da 26.ª edição do Campeonato Europeu de Hóquei em Patins, com a participação de Portugal, Holanda, Suíça, RFA, Inglaterra, França, Itália, Bélgica e Espanha.

Na ronda inicial, Portugal folgou e os resultados verificados foram os seguintes: Inglaterra - Holanda: 3-5; Espanha - Bélgica: 29-0; Itália - França: 16-1 e RFA - Suíça: 3-2.

Na ronda de ontem, a turma portuguesa venceu a Holanda por 11-4.

Naturalmente que sobressaem as goleadas da Espanha frente à Bélgica e da Itália peranfe a turma gaulesa.

Programa de hoje: Holanda - Suíça, RFA - Inglaterra, França - Portugal e Itália - Espanha da parte da manhã e Holanda - Bélgica, Suíça - Portugal, RFA - Espanha e Inglaterra - Itália, a partir das 18.30.

Vela em Leixões

Passeiro: campeão ibérico em "laser"

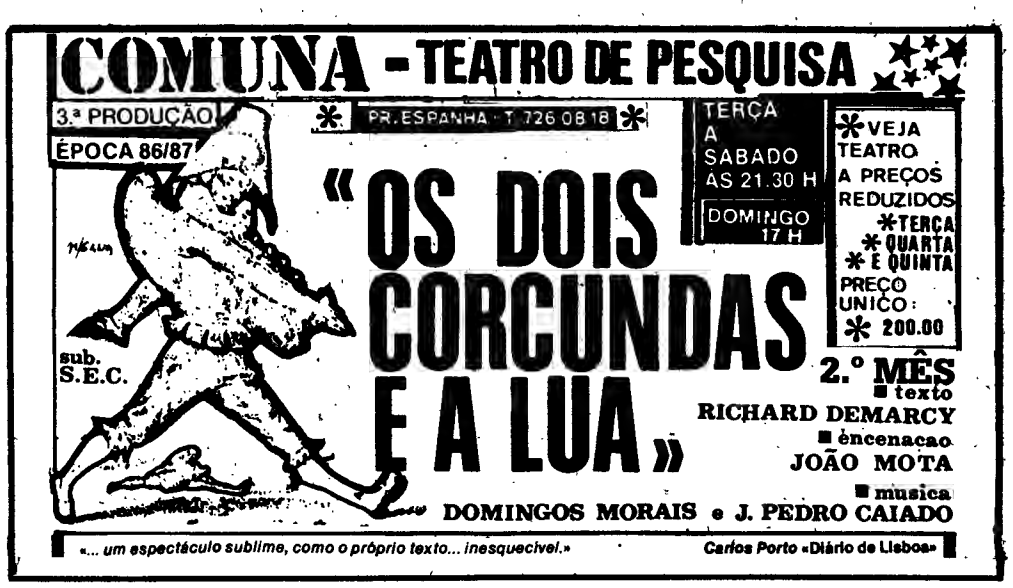
Fernando Passeiro (Clube Naval de Cascais) ganhou o 1.º campeonato ibérico em classe «Laser», disputado ao largo de Leixões. O Sport Clube do Porto (clube organizador) foi o vencedor colectivo da competição, que reuniu onze equipa portuguesas e seis espanholas.

Na última regata, o êxito pertenceu a António Santos (Clube Naval de Setúbal), seguido de Luís Faria (Clube Naval e Oficiais da Armada) e Mário Marques (Sport Clube do Porto). Classificação final da prova: 1.º, Fernando Passeiro (Clube Naval de Cascais), 5,5 pontos; 2.º, Alfredo Santos (Sport Clube do Porto), 6; 3.º, Mário Marques (Sport Clube do Porto), 7,75; 4.º, Lís Canal (Espanha), 18; 5.º, Paulo Maia (Desportivo de Pedrouços), 20.

●

Entretanto, a dupla Tiago Roquete - Pedro Roquete lidera (após a 3.ª regata) o Campeonato Nacional de Vela na classe «470», a decorrer em Vilamoura (Algarve). Pedro Silva / Jorge Silva, ocupam a 2.ª posição, seguidos de Carlos Madeira e Joanne Madeira. A organização do Campeonato de Vela (classe «470», está a cargo do Clube Internacional da Marina de Vilamoura.

Em Braga, muita emoção no palcò, mas os campeões portugueses ficaram pelo caminho na rota europeia



REPRESENTATIVE WANTED

U.S. Company, established since 1904 seeks representative or distributor for first classe GOODYEAR Roof Coatings and other building maintenance products made in U.S.A Commissions paid in dollars.

Write to: CONSOLIDATED INTER-CONTINENTAL CORP., 1801 East 9th St., Suite 202, Cleveland, Ohio 44114, U.S.A. Telex 98-0592 CONSOL A. FAX: (216) 771-3620.

EXT. SÉNECA E S. GAMA

CICLO PREPARATÓRIO — GERAL
7.º, 8.º E 9.º ANOS — COMPLEMENTAR
12.º ANO — INFORMÁTICA

— Inscriçoes abertas —

• MENORES • ADULTOS
• PARALELISMO • PEDAGOGICO
• manhã • tarde • noite

Av. Almirante Reis, 73, 1.º e 2.º Telef. 52 00 92 (Metro Anjos)

Av. Almirante Reis, 106, 1.º e 2.º Telefs. 82 27 76/82 35 31 (frente a Portugalia, Metro Arroios)

Liudmila Smeniaka em «O Lago dos Cisnes»

Estrela do Bolchoi em Lisboa

A bailarina Liudmila Semeniaka, do Bolchoi de Moscovo, dançará em Lisboa com a Companhia Nacional de Bailado no bailado «Giselle», deadolphe Adam, cuja estreia no Teatro de São Carlos está prevista para 15 de Outubro.

Semeniaka actuará em três espectáculos nos dias 22, 23 e 25 de Outubro.

O bailado, na coreografia do cubano Jorge Garcia segundo Coralli, inspirado nas de Jules Perrot e Petipa, estará em cartaz até ao dia 31, com um elenco integrado pelos pares Luísa Taveira - Phillip Betley, Isabel Fernandes - Guilherme Dias e Paolo Cantalupo - Lewton - Brain.

Vencedora do primeiro Concurso Internacional de Ballet de Moscovo em 1969, convidada em 1972 a ingresssar na Companhia do Bolchoi, onde se estreou com «O Lago dos Cisnes», Semeniaka foi em 1986 considerada pelo crítico britânico Clement Crisp, do «Sunday Times», «uma das bailarinas mais dotadas» do século XX.

A sua interpretação no bailado «Angara» valeu-lhe o prémio de Estado.

A bailarina recebeu ainda, entre outras distinções, o prémio do Komsomol Leninista, a medalha de ouro do Concurso Internacional de Artistas de Ballet de Tóquio e da Academia de Dança «Anna Pavlova», de Paris.

Italiano estuda crise do teatro português

A crise do Teatro português advém essencialmente da falta de divulgação nos vários estratos sociais, conclui um estudorealizado pelo actor e encenador italiano Francesco Giugliano.

Esse estudo, a que a Lusa teve acesso, foi elaborado a partir de uma pesquisa iniciada em 1985 sobre o Teatro português, nas suas várias expressões após o 25 de Abril.

Francesco Giugliano, que reside em Portugal, salienta a necessidade de descentralizar o ensino do Teatro, levando-o à instituição escolar (superior e secundário) e a camadas mais vastas da população.

«É importante que o Teatro chegue o mais longe possível, ao interior, não só para captar o público, sensibilizando-o para esta arte, mas também para formar novos profissionais», disse o actor.

Para este actor, a simplificação da mensagem teatral poderá contribuir para ajudar as pessoas, de vários estratos sociais, a compreenderem «os novos problemas e exigências colocados pela evolução tecnológica».

«Esta é uma questão que se coloca hoje em grande parte do mundo, não se restringindo ao caso português, e a recente realização do primeiro Congresso Luso Espanhol de Teatro confirmou-o», disse Francesco Giugliano.

Defende a próposito que «a instituição estatal deveria colaborar de uma forma mais activa com os trabalhadores do Teatro e também empenhar-se em divulgar os estudos teóricos, apoiando publicações da especialidade».

Francesco Giugliano é natural de Nápoles, e é profissional de Teatro há dez anos, tendo trabalhado em vários grupos italianos e leccionado cursos de Teatro em autarquias e estabelecimentos de ensino da Região Centro.

Bandas no Anfiteatro

A Fundação Gulbenkian, através do seu Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte — ACARTE —, está a apresentar, conforme noticiámos, um novo Ciclo de Bandas no Anfiteatro de Ar Livre.

Este Ciclo iniciou-se com a Banda de Música de Trofa e continuará com um Concerto pela Banda Musical de 12 de Abril de Travassô Águeda.

Esta Banda, fundada em 12 de Abril de 1925, tem a seu cargo uma escola de música, onde existe uma Banda Juvenil, cujos elementos transitam para a Banda sénior.

A Banda é constituída por cerca de 60 elementos, todos amadores, sendo dirigida pelo tenente José Araújo Pereira. Entrada livre.

DE EL GRECO A PICASSO

J. António Lisbona

Serviço EFE/DL

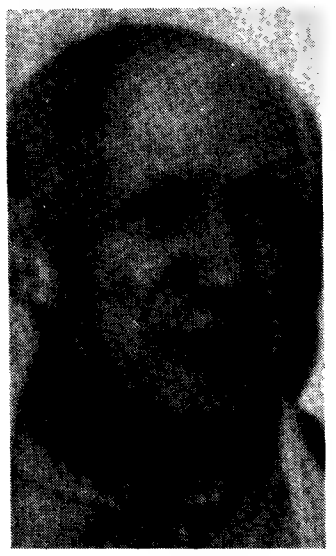
«Cinco séculos de arte espanhola» é o título geral das cinco exposições que estarão patentes em Paris, no próximo Outono, no âmbito da temporada cultural espanhola na capital francesa, denominada «Paris à hora de Espanha». O magno acontecimento começará no dia 8 de Outubro e prolongar-se-á até 6 de Junho de 1988, abarcando pintura, cinema, teatro, dança, etc... Será uma enorme presença de Espanha em França, a qual terá a sua reciprocidade em Madrid, em 1989. A mostra foi organizada pelo Ministério da Cultura espanhola, a Câmara de Paris e o Ministério da Cultura francês, com a colaboração do Ministério dos Negócios Estrangeiros espanhol.

Três grandes exposições cobrirão o essencial da criação pictórica espanhola desde o século XVI até aos nossos dias. «De El Greco a Picasso» é um título suficientemente expressivo para mostrar o que se procura. Espanha tem sido um país de grandes nomes da pintura e Paris uma meca para muitos dos pintores espanhóis do século XX, como é o caso de Picasso, Juan Gris, Miró e Dali. As grandes galerias de pintura espanholas cederam generosamente os seus fundos, para enviar os quadros para longe das suas sedes, duranteee oito meses, período muito grande para quem conhece a Lei espanhola que proíbe a saída de colecções públicas por um período superior a um ano.

O Museu do Prado deslocará 60 quadros, um recorde na história do referido Museu, para cedê-los à exposição de Paris. Esta oportunidade será aproveitada para exibir outros elementos dos ricos depósitos do Prado os quais jazem nos sotãos do museu. O Património Real também cedeu grandes obras para esta ocasião, tanto do Escorial, como do próprio gabinete do rei Don Juan Carlos, no Palácio Real. Os números atingem meio milhar de quadros, dos quais mais de metade vêm de Espanha e o resto do estrangeiro. Os coleccionadores particulares també foram muito generosos nesta ocasião. O orçamento vai além de duzentos mil contos, o que mostra a vontade de exibir a cultura espanhola, o que já teve uma etapa anterior com a Europalia, realizada em 1985, em Bruxelas, a capital comunitária.

As grandes obras viajam

De todo este aparato artístico destacam-se 60 obras, as quais são a melhor mostra antológica da pintura espanhola. Será organizada pelo Museu do Prado, pelo Louvre e pelo Metropolitan Museum de New York. A colecção da **Real Academia de San Fernando** visitará Paris de 14 de Janeiro a 11 de Abril de 1988 e mais tarde irá até Nova Iorque.



Pablo Picasso

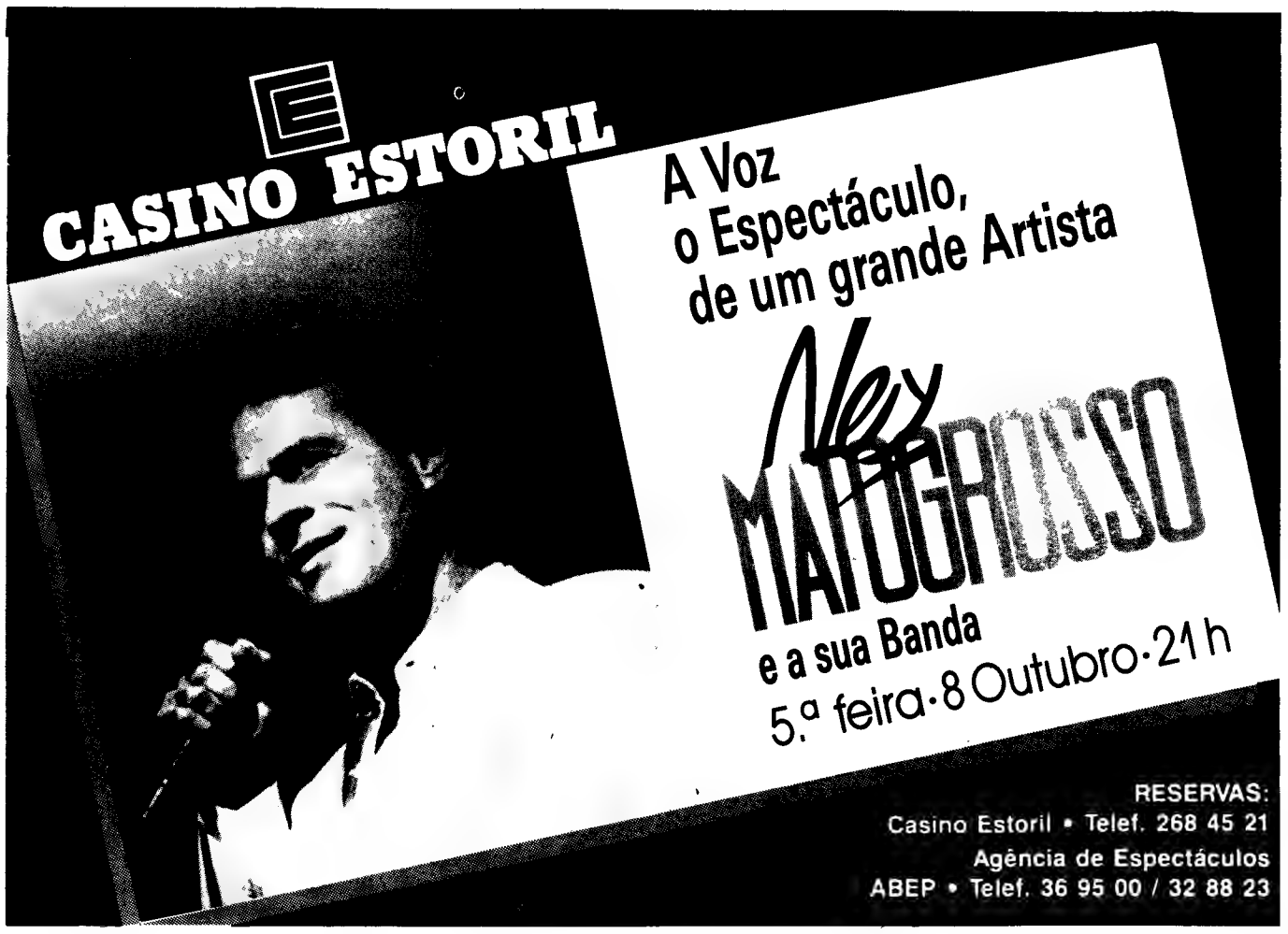
«Surpreende-me a grande generosidade do Museu do Prado, sempre tão cauteloso com os seus empréstimos», confessou um dos organizadores. Emprestaram-nos 'El jardín de Villa Médicis' de Velásquez, 'La Lechera de Burdeus', de Goya, quadro impensável para qualquer expositor.»

Os padres Esculápios de San Antón, na rua madrilena de Hortaleza, cederam «A Última Comunhão de São José de Calasanz», obra-prima da pintura religiosa de Goya, peça de grandes dimensões e valor. Só a condição feita previamente, de restaurarmos as colecções particulares dos Esculápios, faz compreender o seu generoso empréstimo.

Viaja também para Paris o famoso «Bodegón del Cardo», de Sanchez Cotán; o «Carlos II a los Diez años» e o «Retrato Del Duque de Pastrana», de Carreño de Miranda; «La mujer barbuda», de Ribera; o «Retrato del caballero», de El Greco (Prado); a «Santa Casilda», de Zurbarán; o «Santo Tomás de Villanueva dando limosna», de Murillo; o «Retrato de Goya», de Vicente López; a belíssima «Condesa Matiheu de Noailles» de Pinazo; os «Niños en la playa» de Sorolla, etc... O **etc.** equivale a uma lista de obras-primas.

No que diz respeito à arte contemporânea, a lista de artistas é importante, mas há que realçar a qualidade das peças expostas. Viaja «La Masia», de Miró; «Homenaje a Apollinaire», de Picasso; Juan Gris, Torres Garcia, Julio Gonzaléz, Dali, Oscar Dominguez, Caneja, Bores, Cossio, Gargallo, Luis Fernandez... São nomes das vanguardas históricas, aos quais se juntam o que hoje chamamos clássicos vivos do século XX: Tapies, Chillida, António Lopez, Palazuelo, Sempere, Rivera, Rafols Casamada, Mompó, Oteiza, Alfaro, Guerrero, seguidos de Gordillo, Dario Villalba, Alfonso Fraila, Broto, Garcia Sevilla, Perez Villalta, Campao, Miguel Navarro, Barceló e Sicilia. Finalmente, os mais jovens, com Agredano, Badiola, Cabrera, Espaliu, Paneque, Cristina Iglesias, Susana Solano, Muñoz, Irazu, etc...

Um festival e um ciclo de cinema espanhol nos Campos Elíseos, juntamente com a representação de «El Público» de Garcia Lorca, serão os pratos fortes do espectáculo. «Tesouros da Biblioteca Nacional» será o título da exposição de livros, manuscritos, gravuras e estampas espanholas no Centro Pompidou.



CINEMAS

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1

OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

FORÇA DELTA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

O QUARTO PROTOCOLO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club

JAMES BOND 007 – RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Anteroom 1

OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Anteroom 2

JAMES BOND 007 – RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Anteroom 3

HUMILHAÇÃO
(maiores 18 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Anteroom 4

O SEGREDO DO MEU SUCESSO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Anteroom 5

O NAVIO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Anteroom 6

ENCONTRO INESQUECÍVEL
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Apolo 70

GOTHIC — POETAS E FANTASMAS
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Ávila
— T. 539930

TÁXI DRIVER
(maiores 18 anos)
15.00, 17.00, 19.10 e 21.45 h

Avis
— T. 547163

GATA EM FURIA
(Int. men. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098

JAMES BOND – RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do do filme «O Sacrifício» realizado por André Tarkovski, distinguido com o prémio especial do júri no festival de Cannes, a exibir brevemente no cinema Quarteto

Capitólio
— T. 372358

AS DEUSAS DO AMOR
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194

QUEM É AQUELA GAROTA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso

INTRODUÇÕES ÍNTIMAS
(Int. m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões
T. 324194

48 HORAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460

A ÚLTIMA REPORTAGEM
(n/acons. m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O BRAÇO DE FERRO
(maiores 12 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 9434773

Estúdio Anusha

A FRONTEIRA DO PERIGO
(maiores 16 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

O REGRESSO DE JEDI – CAPÍTULO FINAL
(maiores 6 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

HISTÓRIAS DE UM QUOTIDIANO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Condes
— T. 322523

O PREDADOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

FORÇA DELTA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255

SUPER MAN II – A AVENTURA CONTINUA
(n/acons. m. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078

LA BAMBA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Forum Picoas
— T. 541037

O PROFISSIONAL
(Int. men. 18 anos)
19.00 e 22.00 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1

UMA MULHER DOS DIABOS
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

O SEGREDO DO MEU SUCESSO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

GOTHIC — POETAS E FANTASMAS
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Gemini
— T. 734009

JAMES BOND 007 — RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 806847

Sala 1

PREDADOR
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Sala 2

SELVAGEM E PERIGOSA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império
— T. 555134

DELINQUENTE E DETECTIVE
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1

O PREDADOR
(maiores 6 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

OS DIAS DA RÁDIO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Londres
— T. 801313

OS DIAS DA RÁDIO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Sala 1

OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

O QUARTO PROTOCOLO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas
— T. 574362

JARDINS DE PEDRA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

FREIRAS PERVERSAS
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olympia
T. 325309

JOVENS SENSUAIS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé
— 821933

O CONVENTO DO PECADO
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30 e 21.00 h

Politeama
T. 326305

MULHERES DA RUA
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1

O CLANDESTINO
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
HISTÓRIA VIVER E MORRER EM LOS ANGELES
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2

JARDINS DE PEDRA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
PIRANHA II – O PEIXE VAMPIRO
(n/acons. m. 18 anos)
23.45 h

Sala 3

O PECADO MORA AO LADO
(n/acons. m. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.300 h

FX – EFEITOS MORTAIS
(maiores 12 anos)
23.30 h

Sala 4

LA BAMBA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
RUMBLEGISH — JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
23.45 h

Roma
T. 889192

FORÇA DELTA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560

O REGRESSO DO GUERREIRO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1

OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
15.15, 18.15 e 21.15 h

Sala 2

O SEGREDO DO MEU SUCESSO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

JAMES BOND 007 – RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte
— T. 730715

QUEM É AQUELA GAROTA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210

QUEM É AQUELA GAROTA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

ENCONTRO INESQUECÍVEL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

Tivoli
— T. 570595

O QUARTO PROTOCOLO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666

MULHER EM FÉRIAS — AMANHÃ EM CASA
(Int. m. 13 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon
T. 368480

A TURMA DOS CHANFRADOS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «Encontro Inesquecível», às 21.15 h (maiores 6 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «A Costa do Mosquito», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

AMADORA — Babilónia — «Desejo de Morte», às 15.15, 18.15 e 21.30 h (maiores 18 anos)
ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Os Intocáveis», às 21.30 h (maiores 16 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — ENCERRADO PARA DESCANSO DO PESSOAL.
MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Os Intocáveis», às 21.30 h (maiores 16 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Os três mundos de Nomo», às 17.00 e 21.15 h (maiores 16 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Regresso à Terra», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Táxi Driver», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «O Predador», às 15.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)
Sala 2 — «Comboio em Fuga», às 15.30, 19 e 21.45 h (maiores 13 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «A Manhã Seguinte», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «O Predador», às 15.15, 18.45 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Sala 2 — «Os Dias da Rádio», às 15.30, 18.45 e 21.30 (maiores 6 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «A Costa do Mosquito», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio Almada — «Arma Mortífera», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 16 anos).
ALMADA — Incrível Almadense — «Gelado de limão VI», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «A Guerra das Estrelas», às 15.30 e 21.30 h (maiores 13 anos).

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Sid e Nancy», às 15.15 e 21.30 h (m/ 16 anos)
Sala 2 — «A Guerra das Estrelas», às 15.15, 17.30 e 21.45 h (maiores 13 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Filhos de um Deus Menor», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos).

PODER VER

GRAVURAS EM METAL NO ATELIER 15

O Atelier 15, na R. Freitas Gazul, 24-D, inaugura hoje a sua nova época de exposições com uma mostra de gravuras em metal da autoria de Maria Irene Ribeiro, intitulada «Um Certo Jardim em Angra». Consta de uma série de gravuras em metal, inéditas e recentíssimas, que demonstram toda a técnica, elaboração e qualidade que Maria Irene tem vindo a demonstrar e a apurar cada vez mais, desde o tempo em que realizou a sua primeira exposição em Portugal, na Fundação Gulbenkian, onde foi bolseira.

Natural de Gemeses–Esposende, emigrou para o Brasil com os pais e aí estudou e se formou na Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Alves Penteado de S. Paulo. Já como professora, começa aí mesmo a ensinar gravura e suas técnicas.

Alguns anos depois e após a sua bolsa em Portugal, regressa para se dedicar ao ensino de gravura; são já inúmeros os seus discípulos, tem ultimamente trabalhado e desenvolvido essa actividade na Cooperativa Diferença, com grande mérito. Ela é uma das fundadoras do Atelier 15 e da Associação dos Artistas Gravadores da Amadora. Está representada em inúmeras colecções privadas e museus, em Portugal e estrangeiro, estando neste momento, com o apoio da Gulbenkian, a fazer um trabalho de investigação no campo da gravura em metal.

EXPOSIÇÕES

ATELIER 15 (R. Freitas Gazul, 24-D): gravura em metal de Maria Irene Ribeiro, «Um certo jardim em Angra». Até 3 de Novembro, de segunda a sexta das 18 às 22, sábados das 15 às 19 .
FORUM PICOAS: patente até 25 de Outubro uma exposição única de fotografia profissional inglesa, da Associação de Moda, Publicidade e Fotógrafos Editoriais. Diariamente das 12 às 24.
GULBENKIAN (auditório II): apresentação, ás 21,30, de um audio-visual sobre «Portinari - um homem, um tempo, uma nação» por João Cândido Portinari.

CENTRO CULTURAL SÃO LOURENÇO (Almancil): exposição de pintura de Jules Heyndels, «O Outro Algarve», até 14 de Novembro. Em exposição permanente no Centro Cultural, João Cutileiro, Gunter Grass, José de Guimarães, Jorge Mealha, Susan J. Norrie e Glyn Uzzell.
GALERIA GILDE (S. Torcato-Guimarães): pintura e gravura de Paiva Raposo, de terça a domingo das 15 às 19.

BIBLIOTECA NACIONAL: exposição «100 Anos de Anarquismo em Portugal: 1887-1987». Patente até 30 de Outubro, de segunda a sexta das 10 às 17, na sala de exposições do 1º andar.
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: exposição de «Têxteis Mexicanos», uma iniciatica conjunta da Embaixada do México e do Instituto Português do Património Cultural.
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: tecidos de Ana Gonçalves.
GALERIA MONUMENTAL (Campo dos Mártires da Pátria, 101): Geraldine Zwanikken apresenta «A Tenda» - pinturas, objectos, colagens, instalação, vídeo, perfomances, diaporama. Até 20 de Outubro, todos os dias excepto segundas-feiras, das 15 às 20.
GALERIA DO CASINO ESTORIL: colectiva de artes plásticas, madalhística e filatelia subordinada ao tema «O Animal e a Arte». Patente todos os dias das 15 às 24
SNBA-GALERIA DE ARTE MODERNA (R. Barata Salgueiro, 36): exposição de pintura de João Alfaro «Circuitos». Até18 de Outubro, de terça a domingo das 14 às 20.
ROMARTE-GALERIA DE ARTE (Centro Comercial da Portela): pintura de Moreira de Sá até 4 de Outubro.

UNIÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE COMERCIANTES (R. Castilho, 14): Expomúsica-87 - exposição de instrumentos musicais.
GALERIA MUNICIPAL DA CHAMUSCA: exposição «5 Anos de Arqueologia», com a colaboração do departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Cultural. Até 11 de Outubro, nos dias úteis das 9 às 23,30, sábados e domingos das 14 às 23,30.
SETÚBAL (Museu de Arqueologia e Etnografia): uma exposição constituida por 50 peças de latão, executadas por um artista artesão residente no distrito de Setúbal. Patente até 14 de Outubro, com entrada livre.

ESCADA-CENTRO DE ARTE (R. da Bela Vista à Graça, 81-A): exposição de Pintura e Escultura «Artistas Surrealistas I» com pintura de Carlos Calvet, Cruzeiro Seixas, Júlio, Mário Cesariny e Raul Perez; escultura de Jorge Vieira. Até 24 de Outubro, de segunda a sexta das 14 às 24, sábados das 10 às 14. Durante a inauguração, esta noite, intervenção cultural por «Soneca & Batatinha» e poesia dita por Mina Lago.
MUSEU DE ETNOLOGIA (Av. Ilha da Madeira ao Restelo): a exposição «Angola, Povos e Cultura».
GALERIA DO HOTEL ALBATROZ (Cascais): até 15 de Outubro, «Vidros e Espelhos» de Erich Zander.
CAMPO MAIOR (Sala do Castelo): Pintura com obras de Duarte Saraiva, Ló e Tereza Black, até 11 de Outubro das 9 às 12 e das 14 às 17. Iniciativa da Associação de Artes Plásticas e Câmara Municipal de Campo Maior.

GALERA HALMA (R. de Lisboa, 5-Estoril, frente ao Casino): pintura de Manuel da Silva até 26 de Outubro, das 15 às 23.

ESPAÇO POLIGRUPO/RENASCENÇA (R. Ivens, 14): exposição de pintura de Paulo Cardoso intitulada «A Terra Vista do Sétimo Céu».
GALERIA ALMADA NEGREIROS (Av. da República, 16): «Pintura Maneirista» do Museu Nacional Machado de Castro de Coimbra.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): promovida pelo Cabido Insular da Grande Canária, a exposição «Fronteira Sul» - uma selecção de artistas das Ilhas Canárias.

GALERIA DE ARTE DE TAVIRA: sedas de Manuel Abreu; exposição permanente de Georges Haefeli (convidado), Graziela Albino, Bettine Flesseman, Sylvia Guigax, Leif Lonne, Brigitte Konyen, Carlos Fonseca Martins, José Passos, Vítor Pomar, Pedro Ramos, Carlos Vasconcelos e Sá e Miguel Urmeneta. Todos os dias das 10,30 às 13 e das 17,30 às 2 horas.
ARTEX - Galeria de Arte (R. Nova do Almada, 87): pintura de Sérgio, Gueifão e Cecília Pinto, com o lançamento da serigrafia de Sérgio, «Postal de Lisboa». Dias úteis das 9 às 13 e das 15 às 19, sábados das 9 às 13.
GALERIA DE ARTE DE VILAMOURA: exposição da autoria do artista alemão Hein Semke, até 11 de Outubro: um conjunto de 38 pinturas, esculturas e gravuras.
BAR AMENDOA AMARGA (Faro): Pintura de Pereira de Castro, patente até Outubro. O coronel João Luís Pereira de Castro, que se dedica também à Medalhística, foi o autor da última medalha comemorativa do 25 de Abril.
GALERIA DE ARTE ARCADA (Arcadas do Parque do Estoril): escultura de Nelson Cardoso, patente ao público de terça a quinta das 11 às 20, sexta a domingo das 1 às 22.
MUSEU DE SANTA MARIA DA VITÓRIA: exposição «Mosteiro da Batalha» com fotografias de Augusto Cabrita e Vítor Figueiredo.
ESCOLA SECUNDÁRIA ANTÓNIO ARROIO: colectiva com trabalhos dos alunos de Cerâmica, Metais, Equipamento, Artes Gráficas, Desenho, Têxteis e Imagem e Comunicação realizados no ano lectivo de 1986/87. Até 9 de Outubro.
CETÁRIA-GALERIAS DE ARTE (Setúbal): até 29 de Outubro, duas exposições - Felícia apresenta «Além Tejo» (pintura e Cuca tem expostos «Os Animais» (Cerâmica). De segunda a sexta das 9 às 12 e das 14 às 18.
GULBENKIAM (sala de exposições temporárias): retrospectiva da obra de Amadeo de Souza Cardoso, comemorativa do centenário do nascimento do pintor e do 31º aniversário da Fundação Gulbenkian. Até 25 de Outubro.

GULBENKIAN (Centro de Arte Moderna): exposição evocativa de Stuart Carvalhais com capas de música, revistas e livros, pinturas a óleo e aguarelas. Comemoração do centenário do nascimento de Stuart.
GULBENKIAN (sala de exposições temporárias): a arte da embalagem tradicional japonesa com cerca de 300 peças.
GALERIA DE S. BENTO (R. do Machadinho, 1): colectiva com trabalhos de Francisco Feio, João Alfaro, João Ribeiro, Mário Rita, Mimi e Nicolau Tudela.
MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: até Outubro, de terça a domingo das 10 às 17, «Desenhos de Galli Bibiena - arquitectura e cenografia».

GALERIA SFUMATO (Figueira da Foz): Cerâmica de Artur José até 8 de Outubro.

MUSEU REGIONAL DE SINTRA (galeria de exposições): até 15 de Outubro, pintura de Duarte Saraiva. De segunda a sexta das 9,30 às 12 e das 14 às 18, sábados e domingos das 14 às 18.
VAR INAICE (Vila Franca de Xira): exposição de fotografia de Bico Matos e Jaime Barquinha, até 15 de Outubro.
COOPERATIVA ÁRVORE (Porto): exposição «Pastel e Desenho» de António Fernando, patente até 14 de Outubro.
GALERIA MUNICIPAL DA CHAMUSCA: pintura de Lúcia Maria, até 11 de Outubro..

MUSEU DE ETNOLOGIA (Av. Ilha da Madeira - Restelo): até ao final do ano, «Índios da Amazónia - armas, utensílios, adornos e máscaras rituais brasileiras». De terça a domingo das 10 às 12,30 e das 14 às 17.
PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA: «Joias do Quotidiano da Família Real», um conjunto de joias que pertenceram na sua maioria ao rei D. Luís e à rainha D. Maria Pia.
GALERIA 601 (Centro Comercial S. João de Deus): exposição de Vítor Alves, de terça a domingo das 12 às 20.
CENTRO REGIONAL DE ARTES TRADICIONAIS DO PORTO: «O Barco Rabelo», um retrato de família até 30 de Outubro.
CASTELO DE LEIRIA: patente uma exposição sobre a talha em Portugal, organizada pela Fundação Gulbenkian com o patrocínio da Câmara Municipal de Leiria.
MUSEU DOS JERÓNIMOS (sala dos reis-antigo refeitório): «Gitelo - um retorno», retrospectiva da obra gráfica de Gil Teixeira Lopes (Gitelo).

MÚSICA

GULBENKIAN (grande auditório): às 18,30 inauguração da nova temporada de Música e Bailado com as Jornadas de Música Antiga, que se prolongarão até dia 16. Hoje, o concerto extraordinário da soprano norte-americana Barbara Hendricks, que interpretará obras de Brahms, Fauré e Strauss.

CINEMA

FORUM PICOAS: Ciclo «Polícias e Ladrões» com o filme «Beco sem saída» de U. Grosbard, interpretação de Dustin Hoffman.

ESPECTACULAR

ESPECTACULAR

A língua francesa é, entre nós, um animal em vias de extinção. E, ao que me contam, não apenas aqui, como na própria França, tão forte é a presença da linguagem inglesa. De que resulta o bem conhecido «franglais...»

Quanto ao domínio da canção, entre a juventude, o prejuízo é total, tudo rocka em inglês. Ah, cançonistas da minha juventude e da minha cultura, ondeestais vós?

Acabo de ter notícias do Azavour. Fresquinhas. Nestemomento está eleno Palácio dos Congressos. Uma canção de sucesso: «A Agulha», dedicada à drogaHistória de um homem cujo filho está «perdido». Histórias obre a drogaonde não aparece nem sequer uma referência à cocaína ou à heroína.

Os seus espectáculos no «Palácio dos Congressos» irão de 29 de Setembro a 8 de Novembro.

Possivelmente, leitor da «velha guarda» o teu desejo é meteres-te num avião e zut!, para o Palácio dos Congressos. Mas não caias nisso. As lotações estão esgotadas.

José Mirandum

Farmácias

PERMANENTE

AJUDA — Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222 T. 638256; **BAIXA — Americana** — Calçada de Sant[illegible] T. 863984; **CAMPO GRANDE — AV. BRASIL — Rainha Santa** — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B T. 765262; **CHILE — ALTO SÃO JOÃO — Velal** — Rua Morais Soares, 109-111 T. 821732; **ESCOLA POL. — SÃO BENTO — São Marçal** — Rua São Marçal, 100-102 T. 325318; **EST. UNIDOS À CX. PREV. 30 — Celta** — Rua Moura Girão, 3-B T. 890621; **MADRE DE DEUS — Romana** — Rua Actor Augusto Melo, 7-A T. 383800; **PRAZERES — União** — Rua Saraiva Carvalho, 145-F T. 663643; **REGO — Prates & Mota** — Rua Beneficência, 91-93 T. 773728; **SALDANHA — Avenidas** — Av. da República, 27-A T. 533688; **TELHEIRAS — QUINTA S. VICENTE — Quejas** — Rua Prof. Francisco Gentil — Edif. E-1 Loja 2-1 T. 7584144; **VALE SANTO ANTÓNIO — Santo António** — Rua Leite Vasconcelos, 72-C T. 862333; **CARNAXIDE — H. Amaral** — Praceta António Boto, 11-A T. 4104556; **ODIVELAS — Leitão** — Rua Guilherme Fernandes, 62 T. 9810051; **PONTINHA — Pimentel** — Azinhaga dos Besouros, lote R-8 T. 991328.

REFORÇO

ALFAMA — SÃO TOMÉ — Ziler — Rua São Tomé, 54-56 T. 862835; **AREEIRO — Lusitana** — Av. Roma, 18-A T. 885443; **AV. D. RODRIGO DA CUNHA — Aeroporto** — Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D T. 882384; **BENFICA — 2.ª CIRCULAR — Benfiluz** — Estrada Benfica, 444-A T. 7141206; **CALVÁRIO — Monge** — Rua Lusíadas, 30-32 T. 636704; **CAMPOLIDE — ÁGUAS LIVRES — Rualdo, Lda.** — Rua Alto Carvalhão, 5 T. 651721; **JANELAS VERDES — Reis Garrido** — Rua das Janelas Verdes, 90 T. 662327; **JARDIM DOS ANJOS — Jaime de Matos** — Rua Álvaro Coutinho, 8-10; **JARDIM CONSTANTINO — Portugal** — Rua Rebelo da Silva, 11-13 T. 543340; **OLIVAIS SUL — Lemos** — Rua Cidade da Beira, Lote 19 T. 331692; **PICHELEIRA — Marluz** — Calçada da Picheleira, 140 B-C; Rua Prof. Mira Fernandes, MAF T. 880703; **SALDANHA — HOREL SHERATON — Oliveira Viegas** — Rua Viriato, 29-29 A T. 548966; **BURACA — AMADORA — Vaz Martins** — Rua António Ferro, 6-A T. 970660; **COLINA SOL — BRANDOA — AMADORA — Vidal Reis** — Urb. Alfornel — Cel. G. Lote 35 T. 996540; **OLIVAL BASTO — Nova** — Rua Açores, 11-A T. 9810305; IOR VELHO — Matos — Travessa das Prioras T. 2519934.

LINHA DE SINTRA

AMADORA — Carmele — R. Els Garcia, Lote 28 (T. 4933303) Perm.; **Dias Brito** — Av. Marquês Pombal, 45-A (T. 4940118) Até às 22h; **DAMAIA — D. João V** — Av. Gurgel Amaral, 2-A (T. 970461) Perm.; **QUELUZ — O'Neill Pedrosa** — R. Casal Olival, Lote A-3 — Massamá (T. 4378402) Perm.; **CAMARATE — Batalha** — R. Avelino S. Oliv[illegible], 5 (T. 2571069) Até às 19h; **CACÉM — Guerra Rico** — Av. Bombeiros Voluntários (T. 9244002) Perm.; **ALGUEIRÃO — Vítor Manuel** — Est. Algueirão, 123 (T. 9217814) Perm.; **MERCÊS — Claro Russo** — R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275) Até às 22h; **RIO DE MOURO — Rio Mouro** — Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194) Até às 22h; **SINTRA — Marrazes** — L. Afonso Albuquerque, 24 (T. 9230058) Perm.; **COLARES — Abreja** — (T. 9290088).

OUTRAS FARMÁCIAS

MOSCAVIDE — Santa Bárbara — R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918) Perm.; **SACAVÉM — Maria** — R. Salvador Allende, Lote 2 (T. 2514369) Até às 22h; **LOURES — Sálvia** — Av. República, 29 (T. 9831249) Até às 22h; **AVEIRO — Oudinot** — R. Eng.º Oudinot, 28 (T. 23644) Perm.

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS — Miramar — R. Ernesto Silva, 83 (T. 2112048) Perm.; **LINDA-A-VELHA — Melo Almeida** — R. D. Diogo Castro, Lote 182 (T. 4191697) Até às 19h; **TIRES — Guimarães** — L. Duartes, Lote A-r/c. (T. 2441616) Até às 22h; **ALCABIDECHE — Carvalho** — B.º Padre P. Correia, 4 (T. 2690363) Até às 22h; **PORTO SALVO — Ferreira Bastos** — R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015) Até às 22h; **CARCAVELOS — Central** — R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037) Perm.; **S. DOM. RANA — Godinho Silveira** — R. A. Albuquerque, Lote B-Lj. 2 (T. 2470361) Até às 22h; **MALVEIRA DA SERRA — Luz** — Estrada Nacional (T. 2850635) Até às 22h; **PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás** — R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034) Até às 22h; **OEIRAS — Godinho** — R. Cândido Reis, 98 (T. 2430090) Perm.; **PAREDE — Brandão** — Av. República, 77-C (T. 2471054) Perm.; **S. JOÃO DO ESTORIL — S. João** — Quinta da Carreira, 29-A (T. 2681186) Até às 22h; **BIRRE — Imani** — Lote 7-B — Hera (T. 2852121); **MODORMA — Madeira** — Rua A (T. 2476326) Até às 22h; **AMOREIRA — Abrantes** — Viv.ª Maria Carlos Anjos (T. 2682313) Até às 22h; **CASCAIS — Nova** — Est. Alvide — Fontainhas (T. 281044) Perm.

CML

proteja a sua saúde
mantenha a tampa fechada

DL TEATROS

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a 6.ª-feira, às 20.30 e 22.45; sábados e feriados, às 16.00, 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00 e 21.30

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de [illegible]

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras, 52 — Tel. 89 70 17 e 36 17 40

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00

«TOMA LÁ REVISTA», de Henrique Santana e Francisco Nicholson, com a colaboração de Mário Zambujal. Direcção e criação coreográfica de Magda Cardoso. Direcção e encenação de Francisco Nicholson. Interpretação de Eugénio Salvador, Simone deOliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«CRIADA PARA TODO O SERVIÇO», de Barrillet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez.

Cenário de Miguel Sá Fernandes. Interpretação de Florbela Queirós, Armando Cortez, Manuela Maria, Norberto de Sousa e Alexandra Pereira.

Caixa Económica Operária

R. Voz do Operário, 64. Telef. 875610. De 3.ª a sáb. às 21.30. Dom. às 16

KARTOTEKA, de Tadeusz Rozewicz, pelo Contra Regra. Enc. de Antonino Solmer. Música de Carlos Zíngaro.

Sala Povo Olivalense

R. de Camões, 578. Telef. 28344. De 3.ª a dom. às 21.45.

TIO VÂNIA, de Anton Tchekov, pelo Selva Enc. de Fernando Umaña

Sede da Caixa de Pandora

Rua de N. Senhora de Fátima.

O MARINHEIRO, de Fernando Pessoa, pela Caixa de Pandora. Enc. de Fernando Costa.

Teatro Sá da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108. Telef. 22550. D 2.ª a dom. às 21.30. Sáb. às 20.30 e 23. Dom. às 16 e 21.30.

AQUI HÁ FANTASMAS, de Henrique Santana. Direcção de João Quintão.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sala principal

De terça a sábado às 21.30. Domingos às 17.00

«OS DOIS CORCUNDAS E A LUA», de Richard Demarcy. Enc. João Mota. Interp. Carlos Paulo, Paulo Ferreira, Jorge Loureiro, entre outros. M./6 anos.

Teatro Ginásio

R. Nova da Trindade, 5-G (Telef. 320396)

De terça a domingo, às 21.00

«CALDERÓN» de Pier Paolo Pasolini. Cenografia José João Freitas. Fig. José Gonçalves. Desenhos e Luzes de Orlando Worm.

Teatro dos Modestos

Rua Gonçalo Cristóvão, 190. telef. 20412. Dias 1,2 e 3 às 21.30. Dia 4 às 18.

A NOITE DA SENHORA LUCIANA, de Copi, por Os Comediantes. Enc. de Fernanda Lapa.

Setúbal — Teatro de Bolso

R. Balneário Dr. Paula Borba — Tel. 2 91 30

A partir do dia 5

5.ª, 6.ª, sábado e domingo, às 21.30.

«BOAVIDA E O DIPLOMA», de Luigi Pirandelo, pelo Teatro de Animação de Setúbal. Enc. de Carlos César. Int. de Rui Paulo, Nuno Mello, Maria Simões, Gil António, Pompeu José, João Vítor, entre outros.

Teatro da Trindade

R. Nova da Trindade, telef. 323200.

De terça a sábado às 21.30; domigos às 16h. Estreia dia 18.

PEÇA PARA DOIS ACTORES. De Tenesse Williams, encenação de Osório Mateus ; cenário de Joana Rosa, interpretação de Ana Jotta e António Pires.

Inst. Franco Português

Av. Luís Bivar, 91 (Telef 544574/544389.

De 2.ª a sáb. às 21.30. Domig. às 16.00

«SOCORRO SOU UMA MULHER DE SUCESSO», de Allosio Colli Gaber. Cen. João Rocha. Enc. Io Apolloni. Canções de Nno Gomes Santos. Interp. Io Apolloni.

TEATRO ABERTO

P. Espanha, Metro Palhavã — Tel. 770969

De 4.ª a sáb., às 21.30; sábado e domingo, às 16.00

«A DAMA DO MAXIM'S», de George Feydeau. Versão de Luís Francisco Rebelo, Vera San Payo de Lemos e João Lourenço. Música de Eduardo Paes Mamede. Fig. de Vera Castro. Cen. de Nuno Carinhas. Enc. de João Lourenço.

TIL — Teatro Infantil de Lisboa

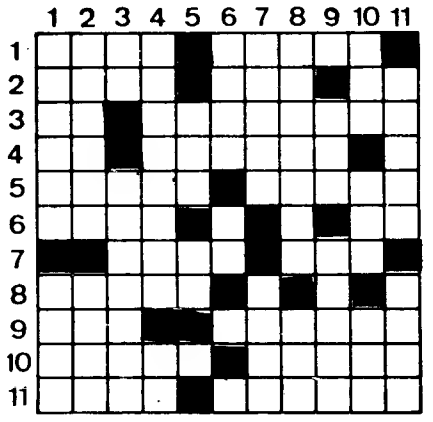
R. Leão Oliveira, 3

Sábado, domingos e feriados, às 16.00

«O CHOUPO ANDARILHO», de Ferreira Caetano. Enc. de Kim Cachopo. Interp. Carlos Macedo, Henrique Macedo, Kim Cachopo e Maria João Vieira.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17 152



HORIZONTAIS

1 Aquele que. Escarra.
2 Cidade da Cítia. Cólera. Aqui.
3 Género de palmeiras do Brasil. Marcar de novo.
4 Sufixo que designa estado. Inspiração. (fig).
5 Extremidade dos ramos da ferradura. Afia.
6 Rezar. Hólmio (s.q).
7 Bolsa de compras. Composição poética.
8 Fruta seca especialmente de uvas.
9 Antiga capital da Birmânia. Máscara.
10 Zombaria. Nome de frutos.
11 Guarnecei de asas. Povoação do concelho de Sintra.

VERTICAIS

1 Cidade do Japão. Preposição.
2 Emprestar com usura. Vila do distrito de Portalegre.
3 Nome de letra (inv). Afrouxara.
4 Compraras. Segundo.
5 Gavinha. Centiare.
6 Cume. Em a.
7 Rezara. Rosto.
8 Doença infecciosa e febril, caracterizada por conjuntivite, coriza e erupção de manchas vermelhas na pele. Homem (gir de ciganos, Bras).
9 Filtro. Acontecimento patético ou comovente. (fig).
10 Dá aviso de alguma coisa em voz alta. Pronome pessoal complemento. Cidade do estado do Rio Grande do Sul.
11 Jogo dianteiro das carretas de artilharia. Vivenda.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17 151

HORIZONTAIS:

1 QUEM. Brotes.
2 Uxim. Oiros.
3 Eis. CCL. Ata.
4 DV. Roa. Brim.
5 Iates. Brami.
6 Ogiva. Am.
7 Abri. Arrã.
8 Arneiro. Rs.
9 Aar. Ódios.
10 Eli. Raça. Me.
11 Masca. Arcam.

VERTICAIS:

1 Quediva. TEM.
2 Uxiva. Ba. La.
3 Eis. Torrais.
4 Mm. Regina.
5 Cosi. Erra.
6 BOCA. VAI. A.
7 Ril. Barroca.
8 Or. Br. Rodar.
9 Toara.
10 Estima. ROMA.
11 Animassem.

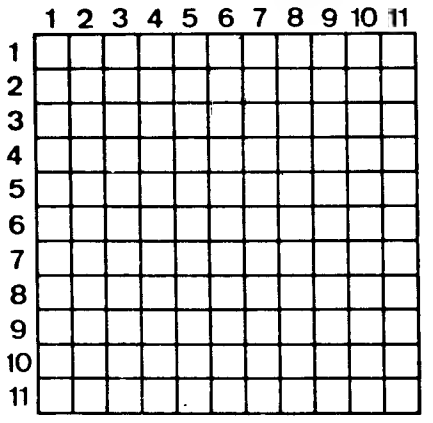
PROVÉRBIO:

Quem tem boca vai a Roma.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15 977

HORIZONTAIS

1 Cidade de Itália. Cidade da Sicília, antiga colónia de Rodes, tomada e saqueada por Amílcar.
2 Cidade da Ucrânia. Letra grega. Viração.
3 Preposição e artigo. Magnetizasse.
4 Delinear. Sufixo que designa abundância.
5 Derramaria.
6 Ruins. Antes de Cristo. Abreviatura de Telégrafo (ou Telegrafia) sem Fio.
7 Arara. Transparente.
8 Palavreado. Lusitanos.
9 Gosta muito de. Alcunha. Prata (s.q).
10 Pago. Arruinava.
11 Nosso Senhor. Fora para fora. Sufixo que designa estado.



VERTICAIS

1 República da América Central.
2 Tornaremos morno.
3 Nota musical. Tratara por tu.
4 Exclusivos. Post scriptum.
5 Oceano. Jugo que une uma junta de bois.
6 Que cresce na areia.
7 Rado (s.q). Tranquilizar.
8 Distrito da ex-Índia Portuguesa. Viela.
9 Matas espessas. (fig).
10 Frouxas. Rio dos Estados Unidos.
11 Superfície plana delimitada. Perceber imediatamente (fig).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15 976

HORIZONTAIS:

Estocolmo.
2 Nora. Laical.
3 Trauma. Ri.
4 Arrasta.
5 Laos. Iara.
6 Armamar. Br.
7 Caloso. Rim.
8 Fa. Oc. Cosa.
9 Adamar. Usar.
10 Ia. Edil. Ada.
11 Oso. Asir. Ao.

VERTICAIS:

1 Entela. Faio.
2 Sor. Arcadas.
3 Tracoma.
4 Oaú. Salomé.
5 Má. Moçada.
6 Olarias. Ris.
7 La. Raro. Li.
8 Mimar. Cu.
9 Oc. Sabrosa.
10 Art. Risada.
11 Aliás. Marão.

Rádio

ANTENA UM

16.00: Pequeno Jornal — Rocklândia; **18.00:** Regressos — Carlos Ventura; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio (Informação Desportiva — 2.ª Edição); **20.15:** Música Portuguesa; **20.30:** A Voz da Solidariedade (Programa da Embaixada de Cabo Verde); **21.00:** Musical; **21.30:** Imaginário; **23.30:** Títulos do «Jornal da Meia-Noite». Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA DOIS
Rede Nacional
(FM 2 Estéreo)

15.30: Compositores e Intérpretes Portugueses; **16.30:** Álbum Musical — Aberturas de Rossini; **17.00:** Música de Tecla — Prelúdios de Scriabine; **17.20: Concerto de Câmara — Obras de Massenet e Faure; 18.40:** Orquestras de Câmara — Concerto grosso em fá menor op. 1 n.º 8 de Locatelli; **19.00:** Integrais — Os Ciclos de Canções de Schumann — Ciclo de canções opus, 39; **19.28:** Obras Orquestrais de George Bizet; **20.15:** Sonata em Sol Menor, BWV 1020 de Bach; **20.40:** Obras com Bandolim de Beethoven; **21.00:** Ciência e Tecnologia... A Procura Sem Fim — Informações e considerandos sobre temas da ciência e da tecnologia; **21.25:** Música Programática de Sibelius; **22.00:** As Palavras dos Músicos; **22.30:** Improvisos para Piano Opus 90 de Schubert; **23.00:** Intercâmbio Musical — A Temporada Lírica do Teatro Nacional de Munique, em gravações cedidas pela Radiodifusão da Baviera — O Anel do Nibelungo de Wagner — 2.ª Jornada: «Siegfried» — 1.º acto; 00.25: Improvisos para Piano Opus 142 de Schubert; **00.50:** Último Andamento; **01.00:** Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00:** Feira mágica; **20.00:** Peça que a gente passa; **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Religiosos; **22.30:** Tempo e resultados; **23.00:** 24.ª hora; **01.00:** É de noite... já se vê; **03.00:** Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música: **17.00:** Rock em stock; **18.00;** Círculo em FM; **19.00:** Ao fim e ao cabo; **20.00:** Nova geração; **21.00:** O sabor da noite; **22.00:** As mil e uma noites; **23.00:** Em órbita; **00.00:** Morrison hotel; **02.00:** O rock pode esperar; **03.00:** Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
(Canal 1)
Rede Nacional
de OM-FM

13.00: Lá vai uma; **15.00:** Terceira Vaga; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Fim de Tarde; **20.00:** Programa da Lar;

TELEVISÃO

RTP

17.30 - Mira/Rádio
18.01 - Sumário
18.05 - Brinca Brincando
«Fábulas da Floresta Verde»

18.30 - Ponto por Ponto
19.30 - Trânsito
12º Programa

20.00 - Telejornal
20.30 - Bolsa Dia a Dia
20.35 - Boletim Meteorológico
20.55 - Os Misseis de Outubro

1º Episódio: Em Outubro de 1962, o mundo esteve à beira da destruição. A confrontação entre os Estados Unidos e a Rússia aumentou quando os sbviéticos colocaram armamento nuclear em cuba. O resultado foi treze dias dramáticos, em que o mundo, sem o saber, esteve na iminência de um holocausto nuclear. «The Missiles of October» propõe-se reviver este importante acontecimento histórico dos nossos dias.

Realização de Anthony Page

21.55 -Programação da Direcção de Informação
22.55 - Brigada Especial

12º Episódio: A Brigada Especial vai fazer um ataque em força a um centro de droga, na tentativa de descobrir todas as pessoas envolvidas, aos mais variados níveis.

Quem será o misterioso homem com óculos escuros, ansioso por chegar ao topo da hierarquia?

Realização de Catherine Milliar

23.50 - 24 Horas
00.20 - Remate

RTP 2

14.46 - Os Imigrantes
Repetição dos episódios 94,95,06,97 e 100

18.05 - Countdown
19.00 - Simon Show
20.00 - Hitchcock Apresenta
89º Episódio:

20.30 - Os Malucos do Circo
3º episódio

21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros

21.35 - Cinemadois

«As Mulheres de Boston»: Boston, 1876. Olive Chancellor é uma fervorosa seguidora do recém-formado Movimento das Mulheres. Numa reunião em casa de Miss Birdseye, Olive fica impressionada pelo comovente discurso sobre a emancipação feminina feito pela jovem Verena Tarrant.

«Fábulas da Floresta Verde», no 1º canal às 18.05

Decide, então, tomar conta da educação de Verena, Basil Ransome, primo de Olive, proveniente do Sul, sente-se especialmente atraído por Verena.

No 2º canal às 21.35, Cinemadois com o filme «As Mulheres de Boston»

Um filme de James Ivory com Christopher Reeve, Vanessa Redgrave, Madeleine Potter, Jessica Tandy, Nancy Merchant e Wesley Addy.

AMANHÃ

RTP-1

10.01 - Às Dez
12.15 - Tudo ou Nada
13.00 - Jornal da Tarde
13.35 - Ciclo Preparatório TV
17.30 - Mira Rádio
18.01 - Sumário
18.05 - Brinca Brincando
18.30 - Ponto por Ponto
19.30 - Ciência-Invenção do Futuro
20.00 - Telejornal
20.30 - Bolsa Dia a Dia
20.35 - Boletim Meteorológico
20.40 - Vamos Jogar no Totobola
20.55 - Garfield
21.20 - Lotação Esgotada
23.15 - 24 Horas
23.45 - Remate

RTP-2

17.16 - Os Imigrantes
18.00 - Countdown
19.00 - Simon Show
20.00 - Hitchcock Apresenta
20.30 - Os Malucos do Circo
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Mato Grosso
22.05 - Clube de Imprensa
22.50 -O Som da Surpresa

ESPECIAL FÉRIAS/87

NO HOTEL DO PARQUE

✧✧✧✧ **VIANA DO CASTELO**

1972-1987: 15.º ANIVERSÁRIO

No ano do seu 15.º aniversário, o Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou, para si, um programa especial «Férias 87» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre, no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, etc.

7 dias – 12 250$00 p. pessoa em quarto duplo no mês de Outubro. Pequeno suplemento em ocup. single. Peça-nos programa detalhado «Especial Férias 87» por escrito. Código Postal (C.P.) 4900 – Através dos teles. 24151/5 – Telex 32511 ou no seu agente de viagens.

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1 Os Mísseis de Outubro

RTP 2 Cinemadois

Hitchcock Apresenta

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570

PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Tecnicos. RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 / 2 / 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira: 40$00 DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

ÚLTIMA HORA

O presidente da Câmara dos Deputados do Parlamento zimbabweano, Didimus Mutasa, chegou ao fim da manhã a Maputo para apresentar à Assembleia Popular uma moção de homenagem ao falecido Presidente moçambicano, Samora Machel. Ao receber a moção, Marcelino dos Santos apontou a «desestabilização sul-africana contra os países da África Austral» como a causa da morte de Samora Machel, num acidente de aviação a 19 de Outubro de 1986. O veterano da Frelimo afirmou que a luta contra o apartheid deve prosseguir, pois «não está longe o dia em que comemoraremos em Pretória a queda inevitável do apartheid».

Totoloto: 20 400 contos para quatro apostadores

Manuel Neto, residente em Amor, Leiria, e três anónimos de Beja, Lisboa e Matosinhos, eram, até à hora do fecho do nosso jornal, os quatro apostadores que tinham acertado na «chave» do Totoloto de sábado passado (16, 21, 22, 23, 27, 31 + 11), pelo que, a manterem-se estes resultados, irão receber cada um deles cerca de 20.400 contos. Entretanto, os escrutinadores da Santa Casa da Misericórdia apontam para 41 concorrentes com o 2.º prémio (380 contos), 1380 com o 3.º (33.800 escudos), 89.000 com o 4.º (760 escudos) e 1 436 000 com o 5.º (75 escudos).

Quanto ao Totobola (resultados positivos) foram encontrados 51 jogadores com as treze apostas certas (prémio de 270 contos). 1221 com doze (11 300 escudos) e 13 580 com onze (1 045 escudos).

Van Hoff Ribeiro afastado da presidência da EPAL

O engenheiro Van Hoff Ribeiro foi hoje afastado da presidência do conselho de administração da Epal por decisão do Conselho de Ministros.

Fontes oficiais limitam-se a justificar tal afastamento com o facto de Van Hoff Ribeiro se encontrar na situação de prolongamento do seu mandato que havia cessado em Julho passado. Outros sectores, no entanto, não deixam de ligar a atitude governamental ao conflito que aquele gestor público mantém com o ex-secretário de Estado do Ambiente, Carlos Pimenta.

Recorde-se que o ex-presidente da Epal entregou recentemente à Alta Autoridade Contra a Corrupção um pedido de inquérito à sua própria actividade tendo como objectivo pôr em causa a acção daquele ex-membro do Executivo.

Van Hoff Ribeiro acusa Carlos Pimenta de ter favorecido uma associação de que foi fundador, — o Centro de Estudos Económicos de Energia dos Transportes e Ambiente (CEEETA) — nos contratos com a secretaria de Estado do Ambiente. É de realçar ainda que entre os membros fundadores do CEEETA se contam também os actuais ministros da Indústria e adjunto e da Juventude, respectivamente, Mira Amaral e Couto dos Santos, e o secretário de Estado da Energia, Nuno Ribeiro da Silva.

De acordo com os seus estatutos, o CEEETA não tem fins lucrativos e visa dedicar-se à «investigação teórica e aplicada» no domínio da energia transportes e ambiente. No entanto, é sabido que nos pareceres que tem elaborado para diversos organismos públicos já recebeu alguns milhares de contos, a maior parte deles pagos com recurso a fundos comunitários.

LOTARIA POPULAR

1º—150045	1 000 000$00
2º—597836	250 000$00
3º—471050	150 000$00
4º—471687	100 000$00
Terminação em 045	50 000$00
Terminação em 836	10 000$00
Terminação em 050	2 500$00
Terminação em 687	1 000$00
Terminações em 48, 49, 72 e 95	400$00

Nota— Esta informação não contempla a anulação de prémios nem dispensa a consulta da lista oficial.

DECLARAS

MÁRIO TOMÉ atacou duramente o governo de Cavaco Silva no domingo, durante um convívio de militantes da União Democática Popular (UDP), que se realizou em Setúbal. «O governo presidido por Cavaco Silva está a funcionar como uma comissão de negócios do grande capital e de reforço do poder político do Governo», afirmou o líder da UDP. Mário Tomé, que durante três dias visitou Setúbal onde contactou com estruturas de trabalhadores, cooperativas e juntas de freguesia, disse que, «em função dos resultados eleitorais o problema da unidade coloca-se com maior acutilância, por isso a UDP quer avançar e aprofundar os laços de unidade para juntar cada vez mais o nosso povo».

SÓNIA BRAGA, celebrizada entre nós pelo seu desempenho em «Grabiela», é a protagonista do segundo filme realizado por Robert Redford. Revistas de todo o mundo têm publicado a fotografia da actriz brasileira ao lado de Robert Redford na cerimónia da entrega de prémios do programa televisivo «Nosotros», produzido pelo actor mexicano Ricardo Montalban, e um dos mais populares da Califórnia, focando todas as actividades artísticas latino-americanas nos Estados Unidos. O realizador recebeu o troféu com que «Nosotros» o distinguiu pelo seu novo filme, «The Milagro Valley Beanfield War», que tem Sónia Braga como protagonista.

HERMAN JOSÉ viu o seu programa «Re Béu Béu, Pardais ao Ninho» criticado por participantes num encontro sobre «Regionalização e Pastoral da Comunicação Social». Segundo o padre Joaquim Cardoso Duarte, coordenador dos trabalhos do Encontro — que reuniu 50 participantes ligados à Comunicação Social e à Igreja — o programa foi mencionado no âmbito de criticas genéricas a programas radiofónicos e televisivos cujo conteúdo foi condenado por imoralidade, tipo de linguagem ou transmissão de mensagens violentas.

RUTH ESCOBAR lança hoje a sua autobiografia, intituda «Maria Ruth». O livro está a despertar curiosidade e temor nos meios artísticos-culturais e políticos brasileiros, porque a autora anunciou algumas «surpresas chocantes». Num dos capítulos, Ruth Escobar fala do seu despertar como feminista, em 1973, e da leitura que fez em Paris das «Novas Cartas Portuguesas», de Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa.

LIMA DE FREITAS proferiu no sábado a primeira de três lições sobre «O mito, símbolo e figura de arte», na Galeria de Exposições Temporárias do Museu de Setúbal/Convento de Jesus. Naquele epaço está patente uma exposição de desenho, gravura e pintura do artista, subordinada ao mesmo tema. As restantes lições terão lugar nos dias 10 e 17 de Outubro, terminando a exposição no dia 18.

CORAZON AQUINO, Presidente filipina, o seu homólogo argentino, Raul Alfonsin, e a Organização Mundial de Saúde (OMS) encontram-se entre os 93 candidatos ao Prémio Nobel da Paz deste ano, a ser atribuído na próxima semana, afirmou um porta-voz do Comité Nobel norueguês. Jakob Sverdup, secretário permanente do Comité, disse que este se reuniu sábado pela última vez para deliberar sobre a atribuição do prémio, que será anunciado no próximo dia 13. A candidatura de «Cory» Aquino foi apresentada por legisladores noruegueses e holandeses, devido a ter chefiado uma transição não-violenta do poder nas Filipinas, evitando uma guerra civil.

Eanes convidado a escrever as memórias

O general Ramalho Eanes já recebeu alguns convites de empresas editoras no sentido de redigir e publicar as suas memórias, mas não conta fazê-lo, pelo menos por agora. A revelação foi feita no domingo em conversa informal com os jornalistas que o acompanharam durante a campanha eleitoral e que, tal como o general, foram convidados para almoçar pelo responsavel das relações com a imprensa na caravana de Eanes, o capitão António Ramos.

Tratou-se de um encontro meramente pessoal e com o qual o seu promotor pretendeu apenas juntar pessoas que por razões políticas e profissionais mantiveram um estreito e cordial contacto no período eleitoral. Ramalho Eanes mantem aliás um convite pessoal que dirigiu aos mesmos jornalistas ainda durante a campanha e que se deverá traduzir num outro almoço a realizar no princípio do próximo ano. Ainda que particular e informal, o encontro de anteontem não deixou todavia de constituir o primeiro contacto de Eanes com a comunicação social desde que abandonou a direcção do PRD.

A propósito das suas actuais ocupações, o ex-presidente da República confidenciou que ainda nem teve tempo «de pôr os papéis em dia e responder às cartas». Quanto às suas memórias, Eanes deu a entender que havia demasiadas coisas que teria muita relutância em escrever, já que isso o obrigaria a mostrar aspectos menos edificantes de muitos dos protagonistas da nossa história recente. Segundo afirmou, essa foi também uma das razões que o levou a destruir alguns documentos que só por si deixariam mal colocadas muitas pessoas com relevo na vida pública nacional.

Ramalho Eanes confirmou que há cerca de uma ano admitiu a hipótese de se envolver num projecto jornalístico, mas que presentemente essa possibilidade está fora de causa, ao contrário daquilo que recentemente foi noticiado, até porque não se vê espaço para uma nova publicação como a que foi pensada.

Sobre o PRD, o seu ex-presidente disse que continua a considerar «válido» o seu projecto, mas não especificou qual o tipo de ligação que com ele mantém.

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES: CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

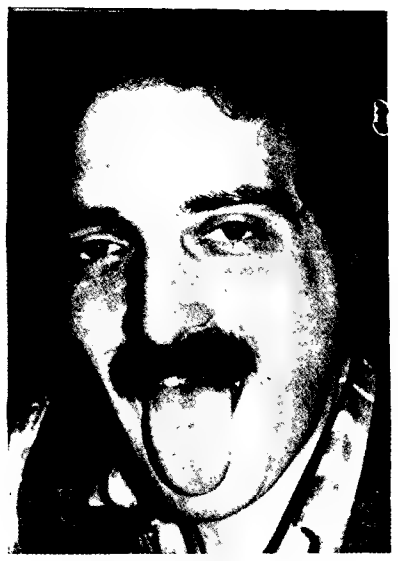
Sinais dos Tempos

■ Era uma vez um «Contraste»

Patrocinado pela Fundação Calouste Gulbenkian, pelos CTT e pelo FAOJ, vai sair nos próximos dias um novo número de «Contraste», a publicação mais ou menos periódica que, durante um punhado de meses, foi o sintoma de que talvez se estivesse a esboçar, na Imprensa, algo de parecido com uma «Movida».

«Num certo sentido é o último número», diz um editorial assinado pelo grupo proprietário, a Alto Contraste CRL. Neste texto, a publicação, que deixa de se referir a si própria o masculino porque abandonou a fórmula *jornal* e passou a *revista*, apresenta-se como «de enfoque temático e de interesse geral», admite que este número possa ser único — por falta de meios para prosseguir — mas exprime o desejo de que ele seja, antes, o «número zero» de uma segunda série.

Este número da «Contraste» é quase tablóide, com capa em quadricromia e agrafado como a «Revista» do «Expresso». A sua imagem gráfica, fabricada por Henrique Cayatte, director gráfico da «Caminho de Bolso», e Jorge Silva, adapta o antigo modelo (fotografias de página inteira, textos diagonalizados, grande



«Movida» portuguesa dá passos tímidos à custa de subsídios

jogo com brancos) ao novo formato. Desapareceram todos os elementos (tituleiras, gravuras, separadores de texto) que evocavam a herança dos «graffiti».

O director, Miguel Portas, assina um extenso «dossier» sobre a geração de 80, espécie de balanço geracional enraizado, ainda, no Maio de 68. Paulo Varela Gomes escreve sobre Manuel Graça Dias, entrevista Pedro Calapez e Mário Dias, ex-disco-jockey do Jamaica, e teoriza sobre a década «post-moderna» de 77/78 e sobre o «sovietchic» — o regresso de uma quinquilharia revolucionária à moda ocidental.

António Guerreiro e João Fernandes entrevistam Jean Baudrillard em Madrid; o segundo põe em prosa um monólogo de Rui Reininho e escreve ainda sobre «Literatura, a grande desilusão». Miguel Portas introduz também outros «dossiers» — um sobre Nick Logan, o «inventor» das revistas *Face* e *Arena* (de Varela Gomes e Patrícia Vieira), outro sobre a «Revista» do *Expresso* (de Guiomar Belo Marques).

Muito ideológico, muito arbitrário na escolha dos símbolos culturais cuja análise deveria permitir o «balanço» de uma geração, feito de fio a pavio por uma equipa extremamente limitada, este «último número» ou «número zero» prolonga, sem ruptura, o enfoque característico da primeira série de «Contraste», que deu sempre a impressão de ser feito de textos não publicados noutros jornais, ganhando assim o sabor, por vezes novo e agradável, de «sobra» ou «resto» reorganizado.

■ Karl Popper não desiludiu

Karl Popper não desiludiu: sábado, na Gulbenkian, defendeu o bipartidarismo, criticou o sistema multipartidário e a sua ilusão de um poder mais partilhado, afirmou que as coligações irrespnsabilizam mais acentuadamente os governos porque os seus protagonistas se podem mais facilmente dizer confinados ao compromisso.

Especialmente severo foi o seu ataque ao sistema proporcional, que limita estritamente cada deputado ao papel de «representante do seu partido», limitando assim profundamente a sua liberdade: «o sistema sob o qual foi eleito retira-lhe responsabilidade pessoal e faz dele mais uma máquina de voto do que uma pessoa que sente e pensa», disse.

Popper considera perniciosa a influência excessiva que os pequenos partidos assumem no sistema proporcional, porque, ao contrário do que dizem os seus defensores, não se adquire assim menor rigidez, mais oportunidades ou mais escolha.

A conferência de Popper vem, neste início de Outono em que o espectáculo político se limita a «reprises», nos cinemas de bairro que subsistem, dar força à versão portuguesa do «bipartidarismo», representada, quer pelo PSD, quer pelo PS de Vítor Constâncio. Particularmente significativo este movimento, sobretudo por ser efectuado por um convidado de Mário Soares, e por contradizer centralmente os fundamentos do discurso político de um Gonelha, de um Jorge Campinos e de um João Soares, que se consideram, no actual PS, os herdeiros directos do «soarismo».

Indirectamente e a médio prazo, a conferência de Popper vai, sem dúvida, influenciar os reajustamentos — feitos em nome da ideologia e dos programas políticos que ela inspira — no seio do PS.

■ «Capitalismo popular»

Particularmente interessante poderá ser o debate quinta-feira, na SEDES, sobre «Capitalismo Popular», com a participação de José Miguel Júdice e António Guterres. Não só porque se trata da primeira confrontação entre representantes do PSD e do PS sobre uma das linhas de força — senão a principal — do programa do primeiro Governo de legislatura, mas também porque ali se deverá revelar, em pormenor, a atitude que a direcção constancista do PS irá assumir face a um projecto destinado a modificar profundamente a actual formação social portuguesa... e a própria esquerda. O PS sabe que a multiplicação dos accionistas entre os agentes sociais produtores de pequenas poupanças transformou 25 por cento do eleitorado britânico em «pequenos investidores», facto que poderá ter influenciado determinantemente a segunda reeleição da sr.ª Thatcher. Por outro lado, a anunciada pulverização do capital das grandes empresas que constituem parte da espinha dorsal do sector público constitui um fenómeno social e político diverso da «reprivatização» concebida como entrega do sector público aos antigos proprietários, ou a novos grupos dominantes.

Por tudo isto, será interessante ouvir o que vai ser dito na quinta-feira por António Guterres.

■ Terrorismo não-político

As caixas de seccionamento eléctrico que têm vindo a rebentar nos quatros cantos de Lisboa, fazendo mortos e feridos, vão ser substituídas num prazo razoavelmente curto — anunciou a EDP. O mesmo não se poderá garantir acerca das passagens de nível onde encalham automóveis e autocarros. Uma e outras são expressões de um «terrorismo não político» que se tende, *naturalmente*, a viver como *acidental*.

Umas e outras são, igualmente, exemplos particularmente gritantes da letargia a que nos habituámos em matéria de questionamento das responsabilidades do poder: para além do noticiário pontual, nem as «caixas» nem as passagens de nível foram objecto, na Comunicação Social, de «dossiers» que substituam essa moderna instituição nacional tão secreta como o mais secreto dos poderes, e que dá pelo nome de Comissão de Inquérito.

■ Passe social e subversão

«Não tem qualquer sentido o Estado estar a subsidiar o transporte de pessoas que auferem vencimentos mensais, por exemplo, de mais de cem contos» — diz uma fonte governamental para justificar a revisão da filosofia do «passe social», prevista para dentro de ano e meio. É difícil imaginar, na prática, que sistema regerá, de acordo com este princípio, a compra do passe, em 1989. Será preciso apresentar, nos «guichets» da Carris ou da Rodoviária, atestado de pobreza?

Neste número

- **Francis Bacon** considera-se um pintor realista, diz que vai regressar ao período do «Torso» e fala de Rembrandt, Velasquez, Goya, Picasso e Giacometti
- **Noronha da Costa** explica porque não aceitou participar no Salão de Outono do Casino Estoril subordinado ao tema «Paisagens Portuguesas»
- **Carlos Porto** escreve sobre o congresso luso-espanhol de teatro, em Coimbra, e sobre a difícil passagem, inversa da habitual, da realidade para o sonho
- **Outros temas:** a exaltação dodecafónica, John Cage, a «rentrée» nas galerias de arte parisienses, o número único do Jornal da Serra, e algumas figuras do Poder – reis, chefes e totalidades

«— Como me chamo? Aquilino Ribeiro... português... Et vous? — Grete... Grete Tiedmann, alemã...»

No LerEscrever de quinta-feira

Aquilino em Paris

O LerEscrever de quinta-feira próxima publica um largo excerto do «Aquilino em Paris», de Jorge Reis, que a editora Vega lança no mesmo dia. O livro é uma evocação bem documentada das estadias que Aquilino Ribeiro fez na capital francesa, e inclui uma interessante colecção de fotografias cedidas ao autor pela família do evocado.

Francis Bacon

Sim, sou um pintor realista

A 30 de Setembro abriu na Galeria Lelong, em Paris, uma exposição de obras recentes de Francis Bacon. Na entrevista que nos concedeu, o artista inglês fala da sua obra, dos seus mestres e dos seus contemporâneos.

— *VOCÊ é um pintor realista...*

— Sim, sou um realista.

— *Que pinta retratos...*

— Uma vez por outra...

— *Auto-retratos e anatomias, numa época em que os artistas já não pintam nem retratos, nem auto-retratos, nem anatomias. Que pensa desta situação?*

— Penso que as obras mais interessantes da nossa época são as obras realistas, simplesmente. Picasso considerou-se sempre um pintor realista... O resto, para mim, não conta — e nunca amei especialmente o expressionismo contemporâneo, que é louco e mole ao mesmo tempo... Ainda lhe prefiro o expressionismo alemão do princípio do século, Kirchner, todos esses pintores... No fundo, do que eu gosto essencialmente é da arte egípcia. É a arte maior que se fez. Basta olharmos as maravilhosas cabeças esculpidas...

— *É curioso que um pintor como você se refira em primeiro lugar a isso. Seriam de esperar referências picturais.*

— Porquê? Sabe, há pintores muito, muito grandes, como Velasquez ou Rembrandt, ou como Goya de tempos em tempos, mas há poucas obras maravilhosas na pintura, no total. São muito raras.

— *Velasquez, Rembrandt, Goya. Ingres, talvez...?*

— Rembrandt é sem dúvida o maior, nos seus retratos e auto-retratos. Não há um único mau Rembrandt. Ingres? Ingres porquê?

— *Você pintou uma tela segundo* Édipo e a Esfinge. *Não era uma homenagem?*

— Uma homenagem? Não. Porquê? As homenagens são ridículas. Mas gosto bastante de alguns retratos de Ingres. É tudo. E não gosto da ideia de que pintamos segundo a pintura dos outros.

— *Mas você pintou também segundo um dos* Inocentes *de Velasquez. E segundo Van Gogh.*

— Sim. Porque nesse momento estava sem ideias, não sabia o que pintar. Van Gogh, foi porque eu precisava de obras para uma exposição e me faltava tempo.

— *Quem salvaria você, entre os pintores do século XX?*

— Picasso, exactamente. Mas talvez menos pela sua pintura do que pelas suas ideias. Era um homem cheio de invenções, cheio de ideias novas. Será que isso faz um grande pintor? Não sei. Muitas vezes, prefiro a escultura dele à sua pintura. Mas enfim... É difícil, tão difícil, a pintura... É uma mentira, uma mentira através da qual é preciso tentar agarrar uma verdade, ou dizer uma verdade.

— *É a isso que você chega nas suas telas.*

— Nem sempre... De vez em quando, algo funciona, mas nem sempre. Há tão poucas telas de que possamos estar seguros. E tantas sobre as quais estamos certos de que não são boas, ao contrário do que chegámos a julgar. Há telas de que deixei de gostar, e acontece-me pensar que deveria ter destruído muito mais do que destruí, do meu trabalho.

— *Os elogios não lhe deixam um sentimento de segurança?*

— Os elogios... mas que provam eles? Não se sabe, eis tudo. Para se saber, são precisos anos e anos. Estarei morto e bem morto antes de que se saiba verdadeiramente. Como saber o que vai durar, o que vale francamente a pena? Mesmo com Picasso, não sabemos. Penso que recordaremos os anos 30 e os primeiros passos do cubismo, em 1909-1910. É um período curto, não é? Mas depois de 1914, ele tornou-se decorativo.

— *Disse que as obras do último Picasso lhe interessam menos.*

— Sim, para mim são menos interessantes. Para o meu gosto, falta-lhes excessivamente rigor.

— *Rigor?*

— Gosto do rigor na pintura. Na vida não, mas na pintura, sim.

— *Para além de Picasso, quem salva você?*

— Acho que Giacometti. Mais do que das suas pinturas e esculturas, eu gosto dos desenhos dele. Foi nos desenhos que ele disse o que tinha a dizer. Acho que Giacometti é o maior desenhador do século XX.

— *Maior que Matisse?*

— Eu não gosto de Matisse, detesto a sua linha. É sempre muito decorativo, seja lá o que for. Ele tem quadros muito belos, evidentemente, mas muito poucos: os que se aproximam do cubismo, essencialmente. Fala-se sempre muito das suas *découpages*...

— *Os guaches recortados.*

— Isso. Ora há dois ou três bons, se tanto. Matisse tem pouca força. Instintivamente, aprecio-o pouco.

— *Voltemos à sua própria obra: você tem pelo menos um ponto em comun com Matisse, que é o facto de ter começado a pintar tarde. Porquê tão tarde?*

— Eu nasci na Irlanda, onde não se aprende nada, a não ser a desenhar cavalos. Os irlandeses, como os ingleses, são, no fundo, escritores. Aliás, a maioria dos pintores interessantes deste país não é inglesa: Lucian Freud é alemão, Frank Auerbach é alemão... As artes plásticas vêm, verdadeiramente, do Sul da Europa, da Grécia, do Egipto. Os ingleses estão longe de mais.

— *Você diz que os seus compatriotas não gostam da sua pintura. Será por causa desse distanciamento?*

Francis Bacon

■ Nunca estudei pintura. Limitei-me a pensar: porque não hei-de eu fazer a minha própria pintura, em vez de passar a vida a olhar para a que os outros fazem?

— Não sei. Os ingleses não gostam da minha pintura, não a compram. E os americanos a mesma coisa. No Continente, é diferente... Da parte dos americanos, não é surpreendente: eles querem a sua própria arte, o expressionismo abstracto, e eu nada tenho de comum com isso. A arte abstracta não me diz nada, porque é decoração. Não posso viver junto de pintura abstracta, ela fatiga-me.

— *Toda a pintura abstracta?*

— Sim, sim.

— *Mas você comprou um Henry Michaux.*

— Porque não me pareceu absolutamente abstracto. Eu via ali homens num campo, seguindo por caminhos. No entanto acabei por o oferecer a um amigo, porque estava farto dele.

— *Bem: depois da Irlanda, você viveu em Berlim, onde foi* designer *e acabou por se aproximar da pintura como autodidacta.*

— Felizmente. Ou desgraçadamente, não sei. Nunca estudei pintura. Limitei-me a pensar: porque não hei-de eu fazer a minha própria pintura, em vez de passar a vida a olhar para a dos outros?

— *Para a pintura, ou para os desenhos?*

— Desenho, não. Nunca faço, não gosto de desenho. Eu trabalho directamente a tela com cores, desde o primeiro instante. Uma vez por outra, faço um desenho a pincel na tela, no máximo. Creio que não sou muito dotado para o desenho, e aliás não gosto dos desenhos dos outros.

— *Como trabalha você quando está a pintar uma tela?*

— Com a cor, directamente.

— *É tudo?*

— É tudo. Não se pode dizer mais, é uma coisa misteriosa, e depois há o acaso. Além disso as palavras não servem para nada, é preciso é ver e sentir. Tudo o que se pode dizer é inútil, muito exterior, superficial. Veja o caso dos auto-retratos de Rembrandt, que se pode dizer acerca do modo como ele os fez? Nada, ou quase. Vemo-los, e isso chega. As palavras e a pintura são duas linguagens diferentes.

— *E no entanto, você publicou dois volumes de entrevistas com David Sylvester.*

— Não o farei mais. Que dissemos nós de sério acerca da pintura propriamente dita?

— *A propósito da génese dos seus quadros, deixe-me insistir: você diz que ataca a tela directamente com a cor. Mas não desordenadamente. Com um princípio de composição.*

— Sim, em certo sentido, visto que se trata quase sempre de representações do corpo humano... Está a ver, uma das minhas telas que prefiro é o *Torso*, que está no Centro Pompidou. Aí, eu soube reduzir o corpo humano ao essencial, dispensando a cabeça. Vou recomeçar a pintar dessa maneira, espero. Esse essencial é o que eu procuro na pintura. Creio que, no fundo, é um gosto muito clássico. Em todo o caso, é o meu.

— *Na maior parte das suas telas, são abundantes as referências à realidade. Vêem-se lavabos, bicicletas, mobiliário, lâmpadas penduradas dos seus fios... Não acha que, desse modo, você está perto da estética da pop arte?*

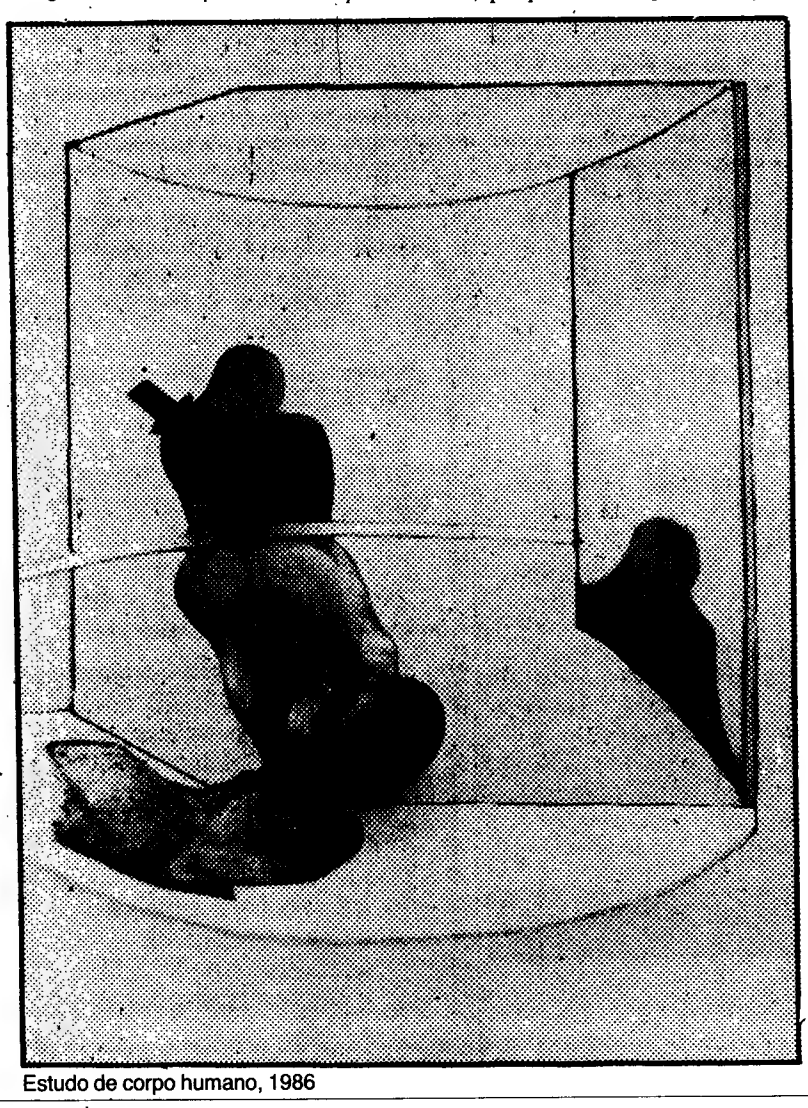
— Nunca pensei nisso dessa maneira, mas não sei... Todos pertencemos a uma época, estamos aqui, agora, pintamos o que vemos. Giacometti, nos seus desenhos, também mostrava cadeiras, objectos de cozinha, porque não podia deixar de o fazer.

— *Esse realismo está ligado a imagens quase sempre trágicas. Os corpos têm feridas, chagas, mutilações. Será você, à sua maneira, um pintor trágico?*

— Penso que não. Isso é a vida de todos os dias... basta olharmos para o que acontece. Não acha?

Entrevistador
Philippe Dagen
Exclusivo Le Monde/DL

Estudo para o retrato de John Edwards, 1986



Estudo de corpo humano, 1986

■ Francis Bacon, trabalhos recentes, Galeria Lelong, Rue de Téhéran 13, Paris.

Noronha da Costa

Porque não exponho «paisagens portuguesas»

O pintor Luís Noronha da Costa não aceitou o convite que lhe foi feito pelo Casino Estoril para participar no «Salão de Outono» deste ano, subordinado ao tema *Paisagens Portuguesas*. Numa carta a que o *Sete Ponto Sete* teve acesso, e que dirigiu ao responsável por aquele certame, Noronha da Costa explica as razões da sua recusa. Aqui deixamos o texto, na íntegra, porque ele constitui um assinalável momento de reflexão sobre o lugar da «paisagem» na pintura que hoje se fabrica.

Uma das telas da exposição de Maio passado, na galeria RT5

SENHOR Doutor e Grande Amigo,

«Nunca poderia deixar sem resposta o seu amável convite para participar no próximo 'Salão de Outono' do Casino do Estoril, submetido ao tema 'Paisagens Portuguesas'. Agradeço tudo isso porque foi o Senhor Doutor que o terá proposto.

«Dito isto, e reafirmando em relação ao Senhor Doutor a minha maior consideração e amizade, terei contudo que vir manifestar a minha total indisponibilidade para participar em tal acontecimento. E passo a explicar as minhas razões.

«I — Para mim *há* Portugal, não há 'Paisagens Portuguesas', tal como não há (em termos de arte que se quer do século XX), paisagens holandesas, ou americanas, ou russas, ou mesmo inglesas. 'Há', ou pode haver nostalgia, ou, como em português se diz, saudade. Saudade de uma 'identidade perdida', que um internacionalismo progressista dos anos 30 da Bauhaus, de um Gropius e de um Kandinsky teria só aparentemente comprometido, movimento de saudade que tem sido o esforço de toda uma 'Arte do Ocidente', em particular, a partir da Segunda Guerra Mundial. E compreende-se porquê: se a 'paisagem' é abstracta, é interior, como na pintura de Kandinsky, ou só íntima, a partir dos panos de vidro de Gropius; se assim é, então a paisagem perdeu para sempre o seu 'passaporte', deixando de ser 'motivo' de pintura para ser apenas 'pintura sem motivo'. Tal como para Wright a arquitectura não tinha causa ou como para Nicholas Ray e para James Dean se era 'rebelde sem causa': ou sem *motivo*.

«Sem *motivo* e sem Passaporte eram já as 'paisagens' de Cézanne, e, muito partieularmente, as últimas 'Saintes-Victoires'.

«É que o 'motif', para Cézanne seria tudo menos uma 'Causa' a defender, e, por isso, ao longo destas linhas eu tanto me lembrava de Wright e de Ray, seu discípulo, não com certeza por acaso. Não por acaso também, eu vou omitindo ao longo destas linhas Aquilo que é o seu 'objecto' mesmo, ou será apenas que nada disto tem 'objecto'? A resposta pode variar, mas o sentido da pergunta é este. Como será um dia possível, se a burguesia perder (e virá a perder) a sua arrogância, aliás inútil, se tudo isto acontecer (e está a acontecer todos os dias) que significado poderá então ter a 'paisagem', senão o do mais puro retorno de nós sobre nós, não no sentido autofágico do neofascismo dito «liberal», mas no mais profundo sentido do que nós *somos*, vendo tudo no instante e o instante em tudo.

«II — Procurei ser claro naquilo que disse. Agora terei que explicar o porquê daquelas considerações, e quais as razões que mais intimamente as ligam àquilo a que eu continuo a chamar (e a ter o pleno direito de chamar) o meu trabalho. Acontece que, recentemente, tive a honra de em colaboração com Vasco Graça Moura e a Galeria R75, voltar a expor na Casa da Moeda-Imprensa Nacional. Muito, ou tudo, do que eu tentei explicar atrás estava escrito no meu texto de introdução à exposição, se é que um trabalho còm o sentido que (malgré eux), o meu terá, precisa de tantas explicações. Parece, neste instante, que estarei fazendo uma auto-apologia da minha pintura ou do que eu penso: o que para mim é o mesmo. Mas não. Trata-se apenas da atitude cívica de quem recusa a falsa pertença em relação àquilo a que se não pertence. Num momento da profunda 'colonização cultural' de que Portugal é vítima; num momento em que a consciência nacional (se é que a expressão ainda tem sentido) deserta, na altura em que todas as questões que levantei já não 'merecem' resposta, num momento destes só me resta dizer que: A) A minha pintura recente não é um retorno ao realismo como um tal A. P. do 'Expresso' cobardemente diz. B) Que os meus trabalhos têm a ver com o puro 'prazer de pintar' e que sou eu (e não eles!) a dizer que pinto hoje o que me apetece. (Ou como dizia Hellmut Woll: que estas pinturas recentes eram comida!, que se *comiam*. C) Que esta minha *démarche* é a mais radical pergunta em relação às famosas 'novas tendências' — a saber, se de uma *bad-painting* se pode fazer, tal como eu pretendo, uma *bad-bad-painting*', ou seja uma *good-painting?*»

Estoril, 20 de Setembro de 1987

Luís Noronha da Costa

Nota

Para uma melhor compreensão da carta de Luís Noronha da Costa, aqui fica, em anexo, o texto introdutório que ele próprio escreveu para a sua exposição na Galeria R75, da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, que esteve patente ao público de 7 a 19 de Maio passado.

«A FINAL, se a arte, ocidentalmente entendida, é devir, importará ainda pensar donde vem e para onde vai. Ou se não vai para lado nenhum, desejo profundo da aela própria no seu mesmo contemplar-se, ou Desígnio, numa transparência total da História, ou seja, no seu próprio *tornar-se* Imagem. Imagem de si própria, e transparência de todos os tempos historiais no Instante, seria este o desejo expressamente romântico de um Schelling. Esse desejo, hoje, ou se encontra adormecido na chamada «crise do modernismo», ou então denega-se apenas no puro frenesim do «actualizar-se», unindo-se assim «actualização» e «modernização» num renegado espaço esquecido de que a vontade e a representação nos abriram o caminho do moderno, e nos perguntam ainda.

»... Assim, que poderá o «Instante» *projectar?* Nada; pelo menos no sentido do que *é*, do que *subsiste*. *Mas, se a Imagem é na sua essência inútil*, para quê utilitarizá-la, se utilizá-la mesmo seria inútil? Se a sua inutilidade tem que ser mais «inútil» que o seu suporte?

»... Na tão famosa «crise do modernismo», ou da inutilidade da História, seremos nós homens ainda o único *suporte* real, para quem «modernização» sem uma consciência é puro utilitarismo, ou destruição a seu tempo, não da Imagem, mas de nós próprios, como responsáveis de uma cultura que nos foi Origem. Só assim, talvez, possamos passar da clássica pergunta do Espaço a um pós-clássico espaço da Pergunta.

»... Recitando Schelling:

«Convém reconhecer ao homem um princípio superior e exterior ao mundo; de outro modo, como seria ele capaz, único entre todas as criaturas, de refazer em sentido inverso o longo caminho que separa o presente da mais profunda noite do passado. Como poderia ele, único entre todas as criaturas, voltar ao começo dos tempos, se não trouxesse em si mesmo um princípio do começo dos tempos?»

«Estoril, 17 de Abril de 1987.
Luís Noronha da Costa»

A «rentrée» nas galerias parisienses

Distância e reflexão

Vedetas, ilustres desconhecidos e quase desconhecidos partilham as grandes e as pequenas salas do bairro do Beaubourg e da margem esquerda, na «rentrée» parisiense das galerias de arte.

HOUVE-AS sobretudo americanas, sobretudo italianas ou alemãs. Mas a «rentrée» deste ano é sobretudo francesa, nas galerias do bairro Beaubourg, que mantêm a tradição de abrir todas ao mesmo tempo. Francesa e muito sensivelmente animada por uma vontade de calma, de ponderação, de reflexão, até de distância em relação às figuras e modelos dominantes na cena internacional destes últimos anos.

Isso permite o restabelecimento de contacto com artistas que não têm feito parte da festa. Por exemplo Martin Barré, cuja geometria sensível inspira grande respeito, especialmente entre esses jovens artistas mordidos pelo desejo de voltar ao bom caminho e à dignidade de uma pintura sem ênfase, onde o *pouco* e o *menos* podem dizer *muito* e *mais*.

Mas a opção não está ganha à partida e implica uma certa abnegação (coisa a que as gerações actuais não estão forçosamente habituadas), muita concentração, um extremo domínio dos meios, uma aprendizagem paciente do traço, das cores, do espaço, a fim de deles extrair notas e ideias pessoais.

Foi o que conseguiu fazer Martin Barré, esse quase minimalista silencioso nascido em 1924, que sabe ser rigoroso embora dispensando máquinas teóricas e manifestos e cuja especialidade, no fundo, é o branco e a sua respiração infinitamente suspensa do equilíbrio de triângulos de cores doces. Uma raridade.

Alberola expõe na *Templon*, Garouste na Durand-Dessert e Rousse na Farideh Cadot. Poder-se-ia imaginar melhor conjunção de artistas de geração dos anos 80? Todos os três surpreendem, cada um a seu modo, pela maneira como fazem evoluir a relação complicada e passional com a pintura. A fotografia que, no caso de Rousse, ainda conserva traços dos seus secretos encontros pictóricos em armazéns abandonados de Roma (ele acaba de estagiar na Villa Médicis), ou alhures, não se parece com o seu trabalho de há um ano, quando ele ajustava espelhos e figuras geométricas aos ângulos das paredes, criando desse modo uma arquitectura fictícia e inquietante. Agora, ele já não retém dos seus rituais nocturnos mais que um «excerto» de parede cujas asperezas se revelam no claro-escuro e cuja fonte — velas — não está no campo de visão. Aliás, ele passou a integrar no seu trabalho longos monólogos que andam em torno de sonhos monocromáticos e de luzes transcendentes — um pouco aborrecidos, verdade seja dita, como se lhe fosse indispensável agarrar-se a palavras para preencher o vazio, a ausência de figuras, a sua solidão.

Alberola, que parecia dispor-se cada vez mais a enterrar os pincéis num buraco e a não mostrar senão documentos, textos e velhos postais ilustrados, regressa, ao que parece, anunciando «Susana e os velhos» (Suzanne et les Vieillards), tema geral da sua pintura — uma história de olhares e de interditos — que ele explora do avesso e do direito e logo começando pelo princípio, com Diana e Actéon.

Ele apresenta, assim, cinco pinturas de diferentes formatos, tão diferentes que aceitam dificilmente a proximidade uns dos outros, e, em forma de aviso, declarou-os, «inacabados» no dia da *vernissage*.

Como ler este gesto? Como *constat* de que nos pertence a nós fazer, acabar o trabalho, procurando num jogo das esscondidas as imagens que faltam? Como uma nova recusa de submeter os quadros ao olhar, e sobretudo ao juízo dos contemporâneos — como quis fazer na sua primeira exposição no Beaubourg, ao suspender os seus quadros demasiado alto? Ou ainda como tentativa para marcar a sua autonomia face ao circuito das obras, do seu *marchand?* Há de tudo isto, sem dúvida, na declaração de «inacabamento». No entanto, ei-lo que endurece, mais do que nunca, um comportamento de artista conceptual, neodadaísta, mas fundamentalmente *pintor*, que faz obra com as suas contradições.

Curiosamente, Garouste evolui em sentido oposto. Melhor falador do que pintor nos seus inícios, partido como Alberola tendo na sua paleta uma boa crise do estilo e do assunto por resolver, a procura de si próprio conduziu-o a coisa que tinham o aspecto de pintura clássica. Não faltavam então álibis intelectuais à sua necessidade de alimentos antigos. Mas, nestes anos da descodificação, não terá ele entretanto aprendido a compor, a «esfregar o tombadilho»? De tal modo que estamos tentados a reconhecer que ele a controla hoje, a *sua* pintura, e que se tornou, claramente, num pintor. Algo mudou na *maneira*, libertada de uma forte dose de empastelamento. Ele próprio reconhece que essa longa série de quadros em torno da *Divina Comédia*, que agora expõe, é o

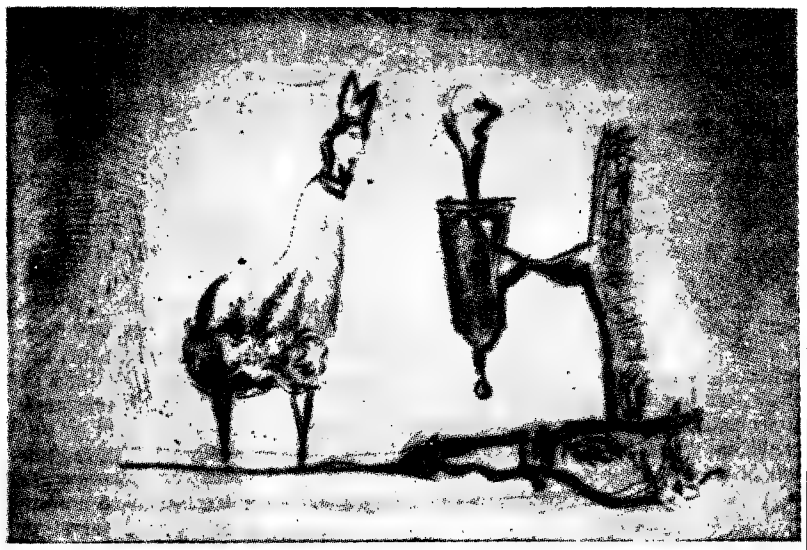
Distância e reflexão

começo da aventura, a sua libertação do sistema que ele instalara. O gesto alargou-se, os assuntos fundiram-se em volutas, fumos, nuvens, reposteiros, colorações e posturas de personagens, de modo a fazerem um todo, criando um clima de efusão, de mistério, de estranheza simbólica pelo qual nos podemos deixar cativar.

Geneviève Breerette
Exclusivo «Le Monde«/«DL«

Exposições:

- Martin Barr, pinturas recentes, galeria: Laage-Salomon, Rue du Temple 27, até 20 de Outubro.
- George Rousse, novos trabalhos, galeria Farideh Cadot, Rue des Archives 77, até 17 de Outubro.
- Jean-Michel Alberola, «Suzanne et les Vieillards», galeria Daniel Templon, Rue Beaubourg 30, até 17 de Outubro.
- Gérard Garouste, galeria Durand-Dessert, Rue des Haudriettes 3, até 24 de Outubro.



Gérard Garouste, gravura

Um toque de Novo

HÁ as celebridades, aqueles cuja exposição de Outono é esperada e inevitavelmente muito comentada, e há os outros, jovens artistas em busca de um começo de notoriedade ou artistas menos jovens, discretos natureza ou forçados a sê-lo. Reconhecem-se as «suas» galerias, num dia de *vernissage*, e especialmente no dia da grande *vernissage* de Outono, através de sinais pouco equívocos: o público não aparece em aglomerado, nem diante da porta, nem no pátio ou no passeio fronteiro, nem no interior, na sua forma de assembleia admirativa.

Exemplo: a galeria bizarramente apelidada *L'Aire du Verseau*. Dois artistas estão ali expostos pela primeira vez, um pintor e um escultor. O pintor, Hung Rannou, vem de Quimper, onde executa grandes telas abstractas, azuis-e-negras, percorridas por borbotões e salpicadas, aqui e ali, de um pouco de amarelo ou de rosa. A sua matéria é sedutora, mesmo se faz pensar ora em Olivier Debré, ora em Autard. Os desenhos, onde emprega têmperas e guaches, têm amplitude e elegância.

O escultor, Alain Leonesi, vem de Arles, onde ensinou a si próprio como reunir vidros, chumbo faianças e cores. Com os seus pratos partidos e bocados de vidro, as suas canecas consideravelmente destruídas, ele constrói paisagens e naturezas mortas. E, como o vidro imita a água de modo convincente, Leonesi acrescenta-lhe a barbatana de um peixe ou o quiosque de um submarino — e dá por concluída a *marinha*. O humor e a variedade das misturas faz com que se olhe com prazer para estes trabalhos inesperados.

Inesperadas também são as esculturas de Peter Briggs, que pertence à escola britânica donde saiu o hoje célebre Flanagan.

Briggs foi seu assistente, e sem dúvida que correu o risco de não conseguir desembaraçar-se facilmente de modelo tão dominante. Mas Briggs não parece tentado a seguir Flanagan na via da fantasia animal. A sua inspiração quer-se mais séria e erudita, fundada na evocação, ora discreta ora pesada, de algumas formas simbólicas, do arbusto ardente da Bíblia às criaturas serpentiformes do hinduísmo. A síntese é engenhosa, mas as peças são escolares, de uma graça tão visivelmente montada que se sente o maneirismo próximo.

Um outro caso: o do artista que esteve na moda e já não está, envelhecido com menos de trinta anos. Não podemos esquecer, diante das obras recentes de Rémy Blanchard, que o seu autor foi um dos heróis da efémera *Figuração Livre*. Foi há quatro anos, e a desenvoltura de Blanchard, o seu modo de associar animais, homens e motivos decorativos, espantava. Ele mantém essa desenvoltura, mas ela envelhece mal, e espera-se, ao ver o seu trabalho actual, que o artista tenha com que se renovar.

Os franceses da *Figuração Livre* tiveram, aliás, mais sorte que os seus primos dos *graffitti* de Nova Iorque, alguns dos quais, passada a sua hora, tiveram de abandonar a pintura e de procurar empregos mais lucrativos, como o de paquete e de estafeta. Foram substituídos pelos «néo-géo» e pelos «néo-dada». Mel Bochner foi um deles. Ele faz, agora, alternar diagramas geométricos e pinturas deles. Ele faz, agora, alternar diagramas geométricos e pinturas de cubos em perspectiva, estriados de bandas coloridas. Não podemos deixar de suspeitar da longevidade de uma fórmula tão sumária.

Philippe Dagen
Exclusivo «Le Monde«/«DL«

- Alain Leonesi, L'Aire du Verseau, Rue Vieille-du-Temple, até 14 de Outubro
- Peter Briggs, galeria Zabriskie, Rue Quicampoix 37, encerrou a 1 de Outubro
- Rémy Blanchard, Galeria Krief, Rue Mazarine 50, até 6 de Outubro
- Mel Bochner, Galeria Montenay, Rue Mazarine 31, encerra a 4 de Outubro

Peter Briggs, escultura

Vídeo

John Cage, de Eco a Narciso?

Cage desmantelou os hábitos tradicionais da composição ao estabelecer o silêncio e o som ao mesmo nível de material musical. A contradição que, aparentemente, assim surge, exige uma nova definição do silêncio. E, se o silêncio, antes da remodelação cagiana pontuava apenas a frase musical, se era considerado como uma espécie de apoio invisível em forma de *pausa*, John Cage, ao deixar «ser» os sons, promove uma nova audição. Cada som deve ser ouvido unicamente em função do seu próprio valor, sem depender da posição que possa ocupar adentro de um sistema de sons.

Cage repete a «proeza» dodecafónica de Schoenberg e introduz o *happening* no mundo da arte.

Isolar um som num *gesto* em que se imbrica o espaço visual e o espaço sonoro reduplica a extensão do mundo musical, adia a demarcação dogmática entre um espaço construído e um espaço vivido.

O mundo é, terminantemente, sonoro e oferece-se igualmente à percepção visual. O silêncio é pura quimera. Cage cita a sua própria experiência ([1]) levada a cabo numa câmara *anecóide* — espaço que elabora um silêncio tecnológico — durante a qual continua a ouvir dois sons: o dos seus sistemas nervoso e circulatório.

Musicalmente resulta que as *pausas* convencionais não são inferidas a partir do meio ambiente mas designadas como silêncio resultante de uma *intenção* musical. É a vida, o mundo *todo* do som que é silêncio. A música não é um parêntesis aberto de vez em quando na duração quotidiana. A imbricação da vida no espaço musical gera e significa perturbação, ruído, barulho. Para Cage, a natureza presente da música «desponta da aceitação de todos os fenómenos audíveis como material específico musical».

Por outro lado, podemos, também, acrescentar que o silêncio assim deduzido ocupa uma pseudo-posição transcendental, ao «apresentar-se-nos» *inantingível* e resolvido em termos de *artifício*. Esta atitude *minimalista,* presente em toda a «obra» de Cage, equivale contraditoriamente, ao tempo de inacção do executante. Gesto e inacção são duas vertentes do som-silêncio que constituem o princípio de funcionamento que vai servir a esclarecer, não os factos mas os *eventos* e fundamentar o que se tornou quase espontaneamente o *happening,* o que está a acontecer.

Em vez de penetrar a artificialidade sonora constituída pela massa temporal das notas musicais, Cage deixa aparecer o som, o que possa surgir após a escolha de um «lugar» tal como o que Gilles Deleuze propõe ao comentar Lewis Carrol: «Lá onde os acontecimentos, na sua diferença radical com as coisas, já não são procurados em profundidade, mas à superfície, nesse vapor ténue e incorporal que se escapa do corpo (...) E seguindo a fronteira, é percorrendo a superfície que se passa do corpo ao incorporal». ([2])

Deste excerto deleuziano surgem, por sua vez, propósitos que excedem também a nossa intenção à partida. Todavia, tentaremos, ainda que breve, dar seguimento a certas questões que daí nos acenam. A primeira concerne a leitura que a maior parte dos críticos franceses fazem da «obra» de John Cage, tornando-o mais conhecido que compreendido. Pois é, com certeza, «o que escapa», a problemática excessiva desembainhada por John Cage que nos interessa, a metamorfose do *liso* a *friável*, «do corpo ao incorporal». É um *hífen virtual* que continua a ser «lido» por uma certa crítica francesa como *aparência* e *profundidade* ([3]), impondo à obra cagiana uma temática heideggeriana. Cage, se transgride ou fenomenaliza, prossegue, de preferência, a contundência dos pontos limítrofes, ostenta um percurso *à flor* da neblina que se situa nas zonas fronteiriças das práticas.

Pela familiaridade que Cage teve com Marcel Duchamp, há tendência em qualificar a sua atitude de anarquista, anartística: um ponto de vista europeu que pretende totalizar «humildemente» a desenvoltura de um norte-americano cuja incidência no quotidiano se *trama*, sem verosimilhança, através de um nomadismo que excede o ponto de vista centralizador, isto é, metafísico, do radicalismo crítico francês.

O «sistema» cagiano não é nenhum cavalo de Tróia, nem se aproxima, de maneira nenhuma, do «acto» surrealista. Mas reivindica ou está próximo dos surrealistas no sentido que os franceses designam por «tarte à la crème», escapando, precisamente, pela ausência do precioso *automatismo* — a escrita automática dos Surrealistas, por exemplo — ao abismo metafísico. Cage tende ao que se pode imputar aos filmes de factura europeia do chileno Raul Ruiz, uma potência de intermutabilidade dos elementos de cada uma das séries que «compõem» a *OBRA*. Daqui resulta que «uma obra» desta estirpe nem pode ser considerada como *aberta*, mas arroga-se as características do *não-finito,* fragmentos deixados em suspenso.

Rafael Godinho

Notas

([1]) John Cage, Silence, Wesleyan University Press, Middletown, Connecticut, 1973.

([2]) Gilles Deleuze, Logique du sens Paris, Minuit, 1969.

([3]) Jean-François Lyotard, Plusieurs silences, Musique en jeu, 9, 1972.

Na próxima semana:
Imagens minimalistas

Figuras atópicas

Reis, chefes e totalidades

O surgimento da realeza sagrada operou, definitivamente, a acoplagem do modelo à ordem social, a fusão da ordem dos deuses com a ordem dos homens. Ao dotar-se de um rei sagrado, uma sociedade afirmava a sua supremacia quer face à natureza quer face às outras sociedades.

Que se dê início ao desenvolvimento do tema pela sua delimitação e problematização: tratar-se-á a realeza sagrada de um dispositivo iminentemente político, que asseguraria privilégios e direitos a um determinado grupo, através de um discurso mitológico e ritual, uma dramaturgia onde o trágico encobriria a farsa, uma nuance ideológica que, em dadas condições históricas, emergiria como armadilha legitimadora de uma situação efectiva de dominação?

Ou, pelo contrário, como pretende Evans-Pritchard (1), lidamos com uma instituição que, na sua potência extrema, inibe precisamente a detenção do poder por um grupo específico mantendo, por tal meio, a fragmentação das linhagens e uma fraca diferenciação dos órgãos políticos face ao tecido social?

Os dados etnográficos vêm demonstrar que nenhuma destas hipóteses se revela plenamente satisfatória: se, por um lado, encontramos formações sociais, dotadas de realeza sagrada, onde não se verifica a efectivação de relações de poder por parte de uma linhagem ou clãs específicos, onde «o rei reina mas não governa» (2), surgindo até como um mecanismo que produz a segmentarização na medida em que não se identifica com nenhum dos segmentos em particular; por outro lado, são também abundantes os exemplos de realezas sagradas, onde funcionando como autênticas megamáquinas (3) que, agora estabelecidas as coordenadas territoriais, engendram relações de domínio e exploração, dando ocasião a que, de um modo absoluto, ocorra uma divisão irreparável no tecido social.

Operador excelente

O que se passa é que as duas hipóteses nos levam a encarar de forma idêntica, se bem que contraditória: a realeza sagrada seria a sacralização de determinadas relações políticas. Este ponto de vista empobrece atrozmente o problema na medida em que estipula que a realeza sagrada é um produto de certo tipo de relações de poder.

a) A realeza sagrada deverá então ser encarada não como dependente da qualidade do poder temporal daquele que a incarnar (ou daqueles que o rodeiam) ou como expressão superestrutural de uma determinada formação (4), *mas como um fenómeno que se situa para lá de qualquer situação efectiva e concreta, inscrevendo-se na ordem das representações simbólicas que cada sociedade tece acerca de si própria bem como do Cosmos englobante.*

O fenómeno terá de ser analisado tomando em consideração os seus resultados, os efeitos produzidos por tal dispositivo, isto é, *interrogar a sua eficácia simbólica como operador excelente,* discernir nos seus mecanismos a estratégia que preside à sua formação, o carácter do laço que sociedade e rei sagrado entretecem.

b) Por outro lado, é a questão do Estado que se vem inscrever, quer no horizonte quer em filigrana, na problemática da realeza sagrada: esta surge, com a sua panóplia de seduções, ligada ao aparecimento do Estado na medida em que se constata que todos os proto-Estados a apresentam como dispositivo essencial ao seu funcionamento.

Seguindo o pensamento de Clastres (5) relativamente à chefia índia, emerge imediatamente a ideia segundo a qual a impotência daquela instituição deriva do posicionamento, relativamente à cultura, que é atribuído ao poder: o chefe índio ocupa um lugar incómodo, para lá dos códigos: um modo subtil de o excluir da própria ordem da cultura e por meio desse procedimento esconjurar do seu seio a cristalização de um tipo de relação que a exterminaria.

Horror ao descodificado

O «socius» primitivo tem horror ao descodificado, vive uma espécie de histeria de codificação: isto torna-se límpido se pensarmos, por exemplo, no modo como os Guayaki encaram diferencialmente dois tipos de ambiguidade sexual (6), uma homossexualidade masculina que assume os signos da feminilidade (Krebengi) é tolerada na mediada em que se inscreve, sem ambiguidades, num código conhecido; um comportamento ambíguo como o de Chachubutawachugi, que vacilava entre dois códigos, masculino e feminino, tornava-se introdutor de desordem, sendo portanto alvo de troça e de maus tratos.

Do capítulo VI de «A sociedade contra o Estado» ressalta algo de equivalente relativamente ao xamane. Esta personagem situa-se num lugar especial: ele é o transdutor dos códigos, isto é, opera atribuindo significantes aos significados desconhecidos, codificando deste modo os fluxos incontroláveis como as doenças, por exemplo. Ao atribuir a doença à acção de um espírito maléfico ou qualquer outro elemento do código, o xamane encontra-se então dotado, com o auxílio da comunidade e do paciente, de controlo sobre o mal, na medida em que este se encontra desde então traduzido, inteligível. O xamane constrói então diversas constelações explicativas através de uma viagem operada no exterior da cultura e do próprio corpo (7); posicionando-se no exterior dos códigos. Torna-se, então, como resultado da sua intermitência entre interior e exterior, conhecido e desconhecido, um personagem singular, marginal, temido na sua especificidade, na medida em que a cultura sente dificuldades em controlá-lo.

Daí que existam mecanismos simbólicos (caso dos mitos descritos por Clastres) e políticos (assassínio, exílio, desqualificação) que limitem o seu poder: o xamane vive na incerteza da manutenção do cargo, tal como o chefe, na medida em que *cada hierofania constitui um jogo onde a permanência do seu poder, a sua capacidade de se relacionar com o sagrado são postas à prova.*

Venerado e impotente

Como vemos, as sociedades selvagens vivem no terror dos fluxos descodificados, numa luta constante contra a entropia que as ameaça de morte. Existe como que uma incompletude, uma exterioridade não dominada, uma natureza e uma ordem sagrada que fora da ordem da sociedade (8) a esta se opõe e ameaça.

A opulência material do chefe índio espelha, enquanto signo, não a nostalgia de um tempo mítico, como quer Clastres (9), onde não teria lugar a troca, um tempo sem normas, mas para além disso, o próprio domínio exercido pela cultura sobre esse tempo na medida em que o seu representante não detém o poder, é apenas venerado enquanto impotente e oficiante da própria norma através das palavras. A sociedade coloca ao seu serviço um fluxo descodificado, revertendo o jogo encena uma dramaturgia: a da submissão da natureza à cultura, condição primeira da sobrevivência do seu regime.

Se bem que o chefe índio não seja sagrado como o rei, sendo certamente tal facto um *sine qua non* da sua impotência, o seu posicionamento singular relativamente aos códigos e o seu paradoxal desempenho suicidário enquanto oficiante da norma, institui-o como mecanismo que simboliza um determinado controlo que a sociedade exerce sobre o poder, que é como quem diz natureza. Poderemos, então, ser na chefia índia uma figura que se assemelha ao rei sagrado na medida em que o sistema de representações e rituais da realeza sagrada é um meio através do qual «uma sociedade arroga a um poder sobre a natureza»? (10)

A ausência de sacralidade da pessoa do chefe é o índice, o fragmento da significação, que nos ajudará a discernir uma resposta: com efeito, o chefe índio não controla os elementos naturais, ele é o transdutor dos fluxos de poder que emanam as linhagens, *o lugar da morte do poder,* nada mais. Nada de culto do chefe, nada de carácter vitalício do cargo, por tal nada de «mise-à-morte» ritual do chefe e, principalmente, nada de totalização. O chefe é um simulacro, não é o modelo, esse encontra-se longínquo, radicalmente separado da ordem social pelo tempo e pelo espaço. O modelo não coabita com a sociedade, pertence ao tempo da instauração, o tempo mítico de ordenação do caos pelos antepassados. (11)

O chefe como simulacro na medida em que o simulacro apresenta uma relação de dissemelhança com o arquétipo (12), ele não é modelo nem cópia, mas um falso pretendente e enquanto tal é necessário ser mantido sem poder. É, deste modo, enquanto parcialidade, que a chefia é concebida e vivida; o chefe não é a fonte, esta encontra-se no exterior; também não incarna a regra visto que esta é imutável. (13)

A emergência da realeza sagrada vem precisamente operar, definitivamente, a acoplagem do modelo à ordem social, fusão da ordem dos deuses com a ordem dos homens. Ao dotar-se de um rei sagrado uma sociedade afirma a sua supremacia quer face à natureza quer face às outras sociedades.

Antecipando um pouco o fluir da demonstração, poder-se-á dizer que o poder é sempre encarado como existente para além dos limites da cultura, onde se esbate a norma e reina o desconhecido. O seu fascínio e consequente eficácia engendram-se no Medo primordial, um estado singularmente humano que a consciência produz nas suas margens, o limite do corpo, o limite do pensamento.

A fonte e o sustentáculo de qualquer poder é, indubitavelmente, *o segredo*, a referência a um centro inantingível (14), o indizível.

Rei, cultura e indivíduos, actores de uma representação que, por detrás da máscara sedutora da morte, cessa de ser limite ou se torna condição de reversibilidade, oculta a transformação do Tempo e a submissão dos corpos.

Carlos José

Na próxima semana:
A visitação do Uno

Notas

(1) Evans-Pritchard; The Frazer Lacture; Cambridge, 1948.
(2) Alfred Adler; La mort est le masque du roi; Payot, 1982.
(3) Lewis Mumford; La première mega-machine; Diogène, 1966.
(4) Adler; idem, 266-267.
(5) Pierre Clastres; Asociedade contra o Estado; II, Afrontamento, 79.
(6) idem, V.
(7) Harner; Alucinogéneos y chamanismo; Guadarrama, 1976.
(8) Marcel Gauchet; Le désenchantement du monde; Gallimard, 1985.
(9) Clastres; idem, pág. 45.
(10) Adler; idem, pág. 266.
(11) Gauchet; idem, págs. 18-21.
(12) cf. Deleuze, Logique du sens; Minuit e cf. Platão; Sofista, XXIII.
(13) Gauchet; idem, pág. 20.
(14) René Guenon; O rei do mundo; Vega.

Congresso luso-espanhol de teatro em Coimbra

Da realidade ao sonho

A primeira das conclusões aprovadas na sessão final do I Congresso Luso-Espanhol de Teatro (ICLET) sublinha a importância que resulta da oportunidade e do facto da realização, em si mesmas, do ICLET.

Infelizmente, a importância que teve o mero facto, que será histórico, de se ter conseguido conceber, planificar, organizar e realizar este Congresso não teve o eco que merecia e que teria ajudado a tornar mais proveitosos os resultados de uma manifestação que exigiu muito esforço, muita capacidade organizativa e algum dinheiro.

O facto pode comprovar-se por vários sintomas claros: ausência da secretária de Estado da Cultura ou de um funcionfio superior da SEC, além do delegado regional presente (o mesmo se poderia dizer em relação ao Ministério da Cultura de Espanha); ausência dos órgãos de Informação com algumas excepções, em especial dos meios audiovisuais (aqui ainda com excepções que não tinham a ver com a informação). No que se refere ao primeiro e lamentável caso, tenha-se em conta que na mesa da sessão inaugural do Congresso a mais alta autoridade política presente, não me refiro a personalidades representadas, foi o embaixador de Espanha, o que parece ser significativo do desinteresse das nossas autoridades políticas em relação a uma realização cultural que, repete-se, ficará na história das relações culturais dos dois países e ficará também, pelo menos, na história do teatro português, isto para além do apoio financeiro que a SEC concedeu. Diga-se que este facto foi devidamente assinalado na intervenção de José Martins.

Uma outra coisa a reter, esta positiva, tem a ver com as declarações do representante diplomático de Espanha que revelaram a vocação do actual embaixador para a concretização de medidas de aproximação entre os dois países na área da Cultura.

Diga-se que além da Embaixada de Espanha estiveram na mesa da sessão inaugural do Congresso: o reitor da Universidade de Coimbra, também em representação do Presidente da República, o reitor honorário, professor Ferrer Correia, o delegado Regional da SEC, também em representação da secretária de Estado da Cultura; o representante do presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; a presidente do Conselho Científico da mesma Faculdade, professora Maria Helena da Rocha Pereira; o vereador do Pelouro da Cultura da Câmara M. de Coimbra.

Este ICLET foi uma organização da Faculdade de Letras a partir de um projecto do professor José Oliveira Barata que obteve, desde logo, a colaboração do dr. Juan António Hormigón, da Faculdade Complutense de Madrid, constituindo ambos o Secretariado do Congresso.

Como declarou José Oliveira Barata, no discurso de abertura, deve ser assinalado e reforçado o «significado que foi o facto de este I Congresso Luso-Espanhol de Teatro ter nascido e ser patrocinado pela Faculdade de Letras da Universidade». Para além dos discursos de circunstância, e que não foram tanto como isso, saliente-se nessa sessão a homenagem prestada à memória de Paulo Quintela a pretexto da atribuição, a título póstumo, pela secretária de Estado da Cultura, da medalha de Mérito Cultural ao insigne professor que foi também um grande homem de Teatro.

Palavras e palavras

Decorreram as sessões do Congresso, plenários e reuniões paralelas no auditório da Reitoria, num anfiteatro da Faculdade de Letras e no Teatro Paulo Quintela da mesma Faculdade.

Durante quatro dias, de 23 a 26 de Setembro, centenas de pessoas (mais de 600), teatrólogos, artistas e estudantes de teatros, professores e assistentes anónimos, ligados ou não à prática teatral, participaram de manhã e de tarde, das 10.00 a cerca das 14.00 (plenários), e das 16.00 às 20.00/20.30 horas, à exposição e debates de temas cuja selecção, aliás, devia, a meu ver, ter sido revista. Os encontros continuavam à noite em espectáculos apresentados no Teatro Gil Vicente ou no Teatro Paulo Quintela, o que significa que a maior parte dos presentes não saíram, a não ser para dormir, da zona universitária, com uma descida nocturna à Pr. da República, ou seja, estavam lá metidos, porque lá almoçavam e jantavam, constantemente martelados por torrentes incessantes de palavras, das 10.00 até perto das 24.00.

Foi obra!

Em termos estatísticos poderá dizer-se que foram gravadas cerca de 50 horas de discursos e debates, o que significa que várias dezenas de pessoas estiveram a falar o equivalente a mais de dois dias seguidos, isto só nas sessões do Congresso.

Como actividades paralelas regista-se, além dos espectáculos, uma exposição bibliográfica realizada na Biblioteca Geral abrangendo o período 1950-1980, e dois pequenos mercados de livros de teatro, um de livros usados e outro de livros novos. Os espectáculos apresentados foram os seguintes: *D. Quixote,* de António José da Silva, na adaptação de Norberto Ávila, pelas Marionetas de Lisboa; *Auto da Ciosa,* de António Prestes, encenação de Vítor Zambuja, pelo Centro Cultural de Évora; *Os Dois Corcundas e a Lua,* de Richard Démarcy, encenação de João Mota, pela Comuna; *O Diabinho da Mão Furada,* de autor anónimo, adaptação e encenação de Hélder Costa, pela Barraca.

Síntese não; mas...

Não me é possível fazer uma síntese do que foram estes quatro dias de conferências e debates que abrangeram temas que iam das relações do teatro português e espanhol, «presenças e ausências», a problemas de organização e gestão, problemas editoriais (publicações especializadas), crítica, o ensino do teatro na Universidade, a Docência teatral, a crise da escrita cénica.

No entanto, talvez possamos apanhar algumas linhas gerais das discussões travadas. A primeira ideia que se apanhou ao longo dos quatro dias foi a de que o ICLET estava a ser cenário para um debate parcelar que interessava exclusivamente aos portugueses, o que retirava ao debate a projecção ibérica que lhe era inerente. Isso foi tão evidente que o secretário português viu-se obrigado a chamar a atenção para o facto de haver absoluta necessidade de os intervenientes portugueses terem em consideração a presença dos colegas espanhóis, advertência que contribuiu,

Continua na pág. 7

Espectáculos

NÃO foram apenas as palavras solenes, as palavras chistosas, as palavras decumentadas, as palavras monótonas, as palavras vivas — foram também durante quatro dias, nocturnamente, as palavras teatrais.

Na primeira noite, as Marionetas de Lisboa mostraram simbolicamente a figura emblemática de *D. Quixote* na adaptação de Norberto Ávila da peça de António José da Silva (O Judeu).

Na última noite, como lembrou José Oliveira Barata, surgiu uma outra figura emblemética (em todos os congressos!) o diabo em pessoa, com a adaptação e encenação de Hélder Costa de *O Diabinho da Mão Furada,* que há quem diga que é do Judeu, há quem diga que não, parece que com razão. Um diabinho propriamente celestial, com a Maria do Céu Guerra e a Barraca.

A Comuna contou uma outra história celestial, de luas e outras redondezas, em *Os Dois Corcundas e a Lua,* o texto de Richard Démarcy encenado por João Mota.

Em compensação a história contada, pelo Centro Cultural de Évora, era bem terrena: *Auto da Ciosa,* de António Prestes, na encenação de Victor Zambuja.

- De como durante quatro dias gente do teatro de fala portuguesa e castelhana trocaram experiências e sonhos.
- As diferenças dos números entre Portugal e Espanha ajudam a explicar as outras diferenças. Espanha: 12 000 milhões de pesetas anuais para o teatro. E Portugal?
- Primeiros protocolos à margem do Congresso: entre estruturas sindicais, entre as revistas «Primer Acto» e «Teatruniversitário».
- Lançado o projecto da primeira pedra do Instituto Luso-Espanhol de Teatro que facilitará as trocas entre os dois países.
- Outras ideias: uma revista de teoria, investigação e criação; intercâmbio de espectáculos, de documentação, de cursos.
- Impõe-se a continuação do plano de intercâmbio de mostras do teatro espanhol e do teatro português iniciado em 1984. A bola no campo português.
- Alguns apanhados de 50 horas de palavras em fita magnética. Um autêntico teatro da palavra.
- De como se chegou à conclusão, implícita, de que é mais do que urgente organziar o I Congresso do Teatro Português.

Vinte suspeitas iniludíveis

1. Se o teatro fosse só literatura nunca teria subido a um palco.

2. Se o teatro não tivesse uma parte de literatura nunca teria sido publicado.

3. Se o teatro nunca tivesse subido a um palco e nunca tivesse sido publicado, a história da civilização não teria sido interrompida. Só que — isso sim — teria sido outra.

4. Se um excesso de literatura é mau, uma escassez de literatura é lamentável.

5. Se os homens sentem a necessidade de comunicar uns com os outros, parece lógico que teatro — como os outros meios de comunicação — exista e mesmo sobreviva. O problema surge quando aparece a necessidade de averiguar se essa comunicação deve ter — ou não — uma determinada qualidade.

6. Se o teatro não tivesse superado o seu nível primário de urgência instintiva, misteriosa, aterrada e suplicante, certamente teria sido sempre um espectáculo arrebatador, mas, sem dúvida, pouco literário.

7. Se o teatro se dirige principalmente aos olhos e ouvidos dos espectadores — como portas do raciocínio, como janelas do espírito, como varandas da inteligência — é natural que nele intervenha a palavra. Tão natural como a intervenção, também, da música.

8. Se o teatro com palavras é drama, o teatro com música é melodrama. Pode fazer-se teatro não dramático e teatro não melodramático. O que não se pode é fazer teatro sem uma presença física.

9. Se o longo tempo decorrido entre o coro grego e Lawrence Olivier — passando por Gordon Craik — tivesse acabado na raio laser, nada do que aconteceu teria valido a pena.

10. Se os actores se tivessem certificado a tempo de que são a medula do teatro, é de supor que se teriam sindicalizado antes.

11. Se não é possível representar uma obra sem que haja alguém que a represente, pode-se aventurar a ideia de que a obra é a literatura e aqueles que a representam o teatro.

12. Se as obras não fossem escritas para serem representadas, os autores seriam uns embusteiros que mentiriam a si mesmo. Com a agravante, além disso, de que não receberiam da Sociedade dos Autores — que foi criada, como se sabe, para que recebam — e, ainda por cima, de todas as formas, continuaria a haver teatro.

13. Se a palavra escrita não fosse uma coisa e a palavra falada outra diferente não seria necessário escrever ou não seria imprescindível falar.

14. Se os autores de teatro se consideram os únicos depositários da realidade é porque ainda não descobriram que em arte — como na vida — a realidade não existe.

15. Se a vida — como a arte — não fosse uma traição contínua, é possível que tudo fosse melhor mas, ao mesmo tempo, mais aborrecido.

16. Se no teatro não tivessem aparecido os encenadores, os autores e os actores teriam acabado mal.

17. Se os autores e os actores tivessem acabado mal e não tivessem aparecido os encenadores, o horizonte vital dos críticos teria ficado sensivelmente reduzido.

18. Se os encenadores não traíssem os autores se os intérpretes não traíssem os encenadores e se todos — cenógrafos, iluminadores, figurinistas, etc. — não traíssem os espectadores, por que razão iria o público ao teatro?

19. Se o teatro fosse apenas êxito, não valeria a pena fazer teatro.

20. E, finalmente, se o teatro fosse apenas fracasso, não estaríamos agora aqui, neste Congresso.

Adolfo Marsillach

I Congresso Luso-Espanhol de Teatro/Coimbra 1987.

Continuação da pág. 6

em parte, para a rectificação do tiro. Isto, diga-se de passagem, ficou a dever-se ao facto de nós não discutirmos os nossos problemas, de nem sequer termos sabido organizar o Congresso do Teatro Português, o que eu considero uma vergonha, e de que me sinto envergonhado.

Outra verificação, aliás óbvia, e já conhecida, foi a da superioridade, quase incalculável, de manobra dos trabalhadores espanhóis no campo do teatro, tanto no que se refere à sua formação, como à sua organização (estruturas, apoios, planificação, etc.), e criação. Este desfasamento entre as capacidades de actuação dos dois países (as várias comunidades espanholas e Portugal) no campo do teatro não podia deixar de provocar algumas dificuldades na equação e discussão de problemas comuns. Nem por isso, e curiosamente, deixaram de surgir inesperadas tensões entre os ou alguns dos participantes espanhóis, provavelmente reflexos de conflitos antigos em que, aliás, o teatro é fértil.

Duas outras pistas possíveis do Congresso, aliás, negativas, tiveram a ver com a própria elaboração do respectivo programa. Houve dois temas que relativamente se sobrepunham e podiam por isso ter sido fundidos: a Docência Teatral e o Ensino do Teatro na Universidade enquanto não surgiram temas mais variados para a prática teatral, o que se evidenciou pela quase ausência nas várias mesas de representantes do trabalho teatral, encenadores, actores, técnicos, privilegiando-se sectores de carácter mais especulativo: professores, críticos, dramaturgos (estes num sector intermédio). Também discutível o esvaziamento no temário do Congresso de pistas de discussão das mutações que se têm verificado na prática teatral.

Nem por isso, como se calcula, deixou de ser importante o que se passou no Congresso, em termos concretos. Se algumas das prestações dos congressistas e dos participantes em mesas-redondas, bem como de intervenientes do público, revelaram debilidades teóricas, fragilidades argumentais, reduzindo-se a meras banalidades, que de assembleias como estas raramente estão ausentes, nem por isso deixou de haver presenças bastante fortes sob o ponto de vista do levantamento de problemas e propostas de soluções. A presença de personalidades com sólida formação cultural e grande experiência não podiam deixar de resultar em debates frequentemente estimulantes. Entre essas presenças citem-se nomes como os de José Monleón, Ricardo Doménech, António Gala, Ricard Salvat, Adolfo Marilhach, César Oliva, Enrique Llovet, Guillermo Heras, Pilar Vásquez Cuesta, Antoni Bartomeus, António Andrés Lapeña, Guillem-Jordi Graells Andreu, Jaume Melendres, José Ares Montes, Juan António Quintana, da parte espanhola, e Luís Francisco Rebello, João Mota, Vítor Pavão dos Santos, Luís Varela, Hélder Costa, Jaime Salazar Sampaio, Ricardo Pais, Norberto Ávila, Teresa André, Maria Helena Serôdio, Eugénia Vasques, António Augusto Barros, Braz Teixeira, etc. Citemos ainda as intervenções, entre outras, de Deniz-Jacinto, Mário Jacques, Jorge Listopad, José Mascarenhas, Jaime Gralheiro, Avelino Almeida, José Valentim Lemos, Maria do Céu Ricardo, Tomás Ribas, Joaquim Benite, Nuno André, José Júlio Lopes, Arlete de Sousa, Carlos Fragateiro, David de Carvalho, Carlos Guimrães, Ildeberto Gama, João Grosso, Joan Sanchez, Leandro Vale, Line Mota, Maria do Céu Guerra, Maria Aparecido Ribeiro, Natércia de Campos, etc.

Entre as participações salientemos, pelo seu interesse imediato, a de José Martins, em representação da Comissão Instaladora do Centro Dramático Intermunicipal que está a ser criado em Loures com o apoio dos municípios da Amadora, Sobral de Monte Agraço e Vila Franca de Xira, projecto de grande importância de que falaremos numa outra oportunidade, e ao qual, aliás, já me referi. Dessa Comissão estavam também presentes Mário Barradas, José Peixoto e Mário Alberto.

Entre as várias mesas-redondas, a dedicada à crítica foi das mais concorridas e participadas. Estiveram na mesa, Eugénia Vasques, Maria Helena Serôdio e Carlos Porto, Guillerme Heras e Jaume Melendres. O mais curioso em relação a este debate foram as reiteradas declarações dos participantes espanhóis presentes na sala que elogiavam a coragem(?) dos críticos portugueses acedendo em debater publicamente a sua actividade, o que seria impensável em Espanha, o que por sua vez foi motivo de grande espanto para os críticos portugueses. Diga-se que o debate decorreu desprovido de aspectos de agressividade de parte a parte, o que pareceu provar, por um lado, a necessidade e por outra a viabilidade de se criarem espaços de diálogo e até de confronto entre os nossos artistas de teatro e aqueles que têm por função a crítica dessa actividade. Mas também a discussão dos problemas docentes, as dificuldades que o teatro português conhece, o interesse, ou não, da universidaderização do ensino do teatro, os problemas levantados pela situação do teatro na escola no nosso país, os vazios das relações neste campo dos países ibéricos, o problema da dramaturgia, problemas editoriais, devem ser sublinhados, tanto pela qualidade de algumas intervenções como pelo interesse suscitado.

É claro que um congresso como este tem duas fases: o da prestação e debate das teses propostas, os projectos que de umas e outras saem. Isto é, a realidade e os sonhos.

Conclusões

Passemos, pois, às conclusões do ICLET:

1 — Importância que resulta da oportunidade e do facto da realização, em si mesmas, do ICLET.

2 — A necessidade de intensificar as relações culturais e teatrais entre os dois países, que se deveriam concretizar, por um lado, na representação mútua de reportórios teatrais dos dois países e, por outro lado, no estabelecimento de formas reforçadas de intercâmbio ao nível intra e intersectorial de encenadores, autores, actores e críticos, sem esquecer o necessário intercâmbio de professores de arte dramática, bem como a publicação de textos ensaísticos e estudos em revistas portuguesas e espanholas.

Este intercâmbio inter e intra-sectorial deveria privilegiar as trocas de conhecimentos tanto a nível teórico como a nível prático e tecnológico e deveria incluir também relações específicas de natureza sindical.

3 — Lamentando-se que ainda se não tivesse concretizado, foi sugerida a realização próxima de uma amostra do teatro português em Espanha de modo análogo ao que aconteceu em 1984 com a amostra de teatro espanhol em Portugal.

4 — Foi aprovada a criação de um Instituto Luso-Espanhol de Teatro cuja comissão instaladora ficará encarregada de estabelecer a respectiva estrutura e definir os objectivos.

Além destas conclusões a mais importante das quais foi, evidentemente, a criação do Instituto do Teatro comum aos dois países, ao qual caberá pôr em prática os projectos saídos deste e de futuros congressos, surgiram propostas que foram aceites, desde a publicação de uma revista especializada de carácter ibérico, à criação de um banco de dados, intercâmbio de vídeos de teatro, cursos e seminários, etc. Foram muitos os sonhos — alguns deles acabarão por ser realidade. Para já, a grande realidade foi a realização deste Congresso e será a realização do próximo, provavelmente em Salamanca em 1988.

Entre as comunicações apresentadas, atrevemo-nos a transcrever na íntegra por ser breve e sobretudo pelo seu sabor, assina-a um dos grandes nomes do teatro espanhol actual, Adolfo Marsillach.

Resta saudar a realização deste I Congresso Luso-Espanhol de Teatro; resta saudar aqueles que o tornaram possível e em primeiro lugar, necessariamente, José Oliveira Barata, e a sua equipa de óptimas e óptimos colaboradores, mas também Juan António Hormigón e os participantes espanhóis e portugueses e o magnífico público que seguiu estes quatro dias de debates.

E dizer, por último, que Jorge Listopad fez com a sua equipa de «Não Faça Cenas» uma reportagem do Congresso que será apresentada no 2.º canal no dia 26 de Outubro. Mais vale tarde do que nunca.

Carlos Porto

Ecologia no mundo

Jornal da Serra número único

A experiência da natureza é hoje inseparável da experiência da sua destruição.

Bernard Charbonneaux

A perspectiva ecológica não desemboca apenas em protextos antinucleares e em campanhas antipoluição. Digamos que esses são apenas trabalhos preliminares. O ponto de vista ecológico comporta em si uma mudança profunda de orientação para as sociedades contemporâneas, que já está a operar-se, embora a uma lentidão que dificilmente a torna perceptível à superfície.

Essa mudança de orientação tem como eixo uma subordinação da actividade económica ao contexto ecológico, local, regional e planetário em que qualquer economia se inscreve. Não se trata de uma simples harmonização, de uma política correctiva de obviar a desmandos ou a exageros, ou uma operação cosmética assente na vaga palavra de ordem de um «desenolvimento sem destruição».

Com efeito, aquilo a que na generalidade se chama «desenvolvimento» é, por mais cosmética que se aplique, o próprio processo de destruição, esgotamento e inquinamento de recursos naturais que lhe servem de suporte. A amálgama que a economia corrente estabelece entre esse processo e objectivos humanísticos indeclináveis como a luta contra a fome, a miséria e a doença, apenas contribui para tornar a situação mais confusa.

A conservar a palavra «desenvolvimento» teremos que atribuir-lhe um conteúdo muito diferente se quisermos que o conceito se torne compatível com as exigências da conservação dos recursos naturais sem os quais nenhuma economia, seja ela a de hoje ou a do futuro, será possível.

Esse novo conceito de desenvolvimento (e é de perguntar se é útil conservar uma palavra velha para um conceito novo) vai já sendo posto em prática um pouco por todo o mundo. Um dos aspectos mais evidentes dessas práticas reside na importância dada à fixação das populações rurais e á sua dignificação. Ao contrário da perspectiva económica dominante, que tudo subordina aos interesses da indústria, essas populações não são vistas como um travão ou um atraso, antes como sujeitos prioritários do processo económico e agentes actuais ou potenciais privilegiados de uma relação harmoniosa com o ambiente natural, base de uma economia vista como um ciclo renovável e perpetuável à escala histórica, e não, como acontece com a actual economia dominante, como um processo de esgotamento acelerado de recursos. Acelerado e irreversível.

A publicação do *Jornal da Serra* no seu número único vem redordar-nos que existe já em Portugal quem trabalhe na perspectiva de uma economia e de um desenvolviemento (chamemos-lhe assim...) que tem como premissa implícita uma consciência ecológica esclarecida.

«Existe uma serra no Algarve que o visitante das praias, quando a atravessa, mal suspeita. Lá nessa serra cansada e esquecida, os hbitantes dizem «ir ao Algarve» sempre que se têm de deslocar ao litoral. É a região à qual este jornal se dedica».

A serra algarvia, empobrecida, e raiando a miséria, desertificada e exaurida, e, em especial, a região do Nordeste algarvio, são o assunto deste belo jornal agora publicado (Agosto deste ano) pelo Projecto Radial, precisamente um projecto de dignificação e promoção de populações rurais marginalizadas que tem vindo a ser implantado desde há cerca de três anos.

Apoiado pelo Instituto Politécnico de Faro e pela Fundação Bernard Van Leer, a alma deste projecto tem sido uma pequena equipa de educadores e animadores culturais dinamizada pelo saber, pela competência, pela dedicação e pelo entusiasmo discreto de um dos nossos raros técnicos de educação de adultos, com larga experiência como técnico de educação na Unesco, e professor na Escola Superior de Educação de Faro, o dr. Alberto Melo.

É dele o editorial deste jornal, que surge na continuação de alguns números do boletim *Rede*, ele também fruto do trabalho do Projecto Radial, e em cujas páginas têm vindo a ser registadas algumas experiências fecundas de dignificação das gentes da serra Algarvia.

«Porque acreditamos no futuro da serra, a ela dedicamos a presente publicação» — escreve Alberto Melo. »... Esta zona — que se desdobra entre o Atlântico e o Guadiana, por cerros, vales e planaltos — não tem sido capaz de criar a necessária riqueza para fixar os seus naturais. Zona marcada por uma forte identidade de 'serrenho' que se não submete às divisões administrativas convencionais: nem Alentejo, nem Algarve, mas a serra».

O Projecto Radial, de que este «Jornal da Serra» é testemunho, tem vindo desde Outubro de 1985 a prestar apoio à criação de Centros de Animação Infantil, ao lançamento de Cursos de Formação para o Desenvolvimento, à constituição de associações locais. «Tem este projecto apostado na revitalização social, cultural e económica da serra. Este número único do «Jornal da Serra» é mais uma das inúmeras facetas deste trabalho de intervenção socioeducativa» — pode ler-se no mesmo editorial.

Bonecos de juta e novos bordados na oficina A Flor da Agulha, em Martinlongo, os teares de A Lançadeira, do Cachopo, o atelier de confecção A Linha Serrana, a panificação Serralgarve, uma rádio de Amigos da serra na aldeia de Balurcos, o centro de animação infantil do Azinhal, são alguns dos temas deste jornal amplamente ilustrado com magníficas fotografias em quase todas as suas dezasseis páginas em formato tablóide.

Mas «as características e potencialidades humanas e naturais da Serra não podem caber nas imagens e textos de uma dúzia de páginas impressas» — previne Alberto Melo. Essas só se revelam de facto a quem as vive quotidianamente, como ele e a sua equipa as têm vivido.

José Carlos Costa Marques

A propósito de uma época da música

A exaltação dodecafónica sem perdas nem danos

O espaço sonoro quotidiano é preenchido por uma pletora de elementos que o ouvido selecciona constantemente. Ouvir, além da acuidade bio-psico-fisiológica própria do órgão, também consiste na organização de certos grupos sonoros que atravessam o ambiente. Um som não nos instala nunca numa situação isolada, exige e conserva sempre uma relação, transmite-nos uma *combinatória* de elos imediatos e outros possíveis. Consequentemente, ressoa de uma maneira fonemática, tende à formação de unidades que prevalecem no hábito e se instalam como unidades significativas.

A música ocidental, tonal, domina, significativamente, o nosso ouvido, percorre e constitui o espaço sonoro de uma cultura (musical) até à instauração de uma nova ordem: as funções tonais clássicas serão suspensas *conscientemente* no Segundo Quatuor, opus 10, por Arnold Schoenberg em 1908.

A tonalidade, ao organizar o discurso sonoro europeu, estrutural e funcionalmente, outorgou-se uma decidida legitimação, sobrevém como uma espécie de língua universal adentro da qual o compositor se encontra constrangido a imiscuir-se. O sistema tonal foi uma evidência estética para a maior parte dos compositores dos séculos XVIII e XIX ao ponto de produzir um princípio de equivalência implícito entre a estrutura tonal e a ideia de espaço sonoro.

Schoenberg é o elo fundamental entre a tonalidade e a música contemporânea. Iannis Xenakis afirma que «a emancipação das funções tonais realizada pelo 'dodecafonismo' e a música serial foi apenas relativa. Arnold Schoenberg e a escola de Viena atrelaram-se e voltaram a manipulações de tipo polifónico introduzidas pelo Renascimento» (Correio da Unesco, Abril 86). Tal afirmação revela e sublinha o «encontro» *quiasmático* que Arnold Whittall põe em exergo no seu livro: «La musique de chambre de Schoenberg», recentemente editado por Hubert Nyssen — Actes Sud.

A chave, dissimulada, aparece-nos na insistência que o autor manifesta em demonstrar, quase apaixonadamente, que Schoenberg, ao investir, repetidamente, a forma-Sonata, nunca tentou separar-se voluntariamente da tradição tonal. A admiração por Strauss e Mahler — compositores que dominavam no momento das suas primeiras composições — não só o protege de qualquer atitude vindicativa, edipiana, mas traduz também o apego inevitável aos mestres da tonalidade.

A emancipação da dissonância reverte na expansão da tonalidade, atinge de certo modo o que Schoenberg conceptualizou como «pantonalidade»: a metamorfose das sete notas em 12 sonos realizada numa escrita musical altamente concentrada. Lamentamos que Whittall não revalide uma tal pujança de escrita em termos de pulsionalidade convertida ou subvertida na necessidade de uma escrita-relâmpago. A facilidade de composição exigiu de Schoenberg um acto breve, dotado mesmo de uma «ligeireza» que transparece no humor de certas obras: «Não houve combate nem renúncia súbitos em relação à tradição» (pág. 33) e a forma-Sonata sempre foi o melhor veículo do conceito tradicional de material sonoro. «Um som é um ruído ligado, relacionado a uma articulação do contínuo sonoro (a escala), a um dispositivo de produção (instrumentos de cordas), a uma sintaxe (o contraponto), a uma retórica (o género sonata)» (Lyotard). A equação assim lançada atingirá o auge no «Sprechgesang» ou canto-falado de certas composições como na «Ode a Napoleão Bonaparte». O que muitas vezes foi interpretado como acto redibitório reduz-se, para Arnold Whittall, a uma incompreensão. Compor é se não um trabalho de des-sensibilização (Adorno), «imagem *terapêutica* que ronda na obra de Schoenberg» (Lyotard) e re-enforça o discurso, a relação silêncio-lei. Nesta propensão a atonalidade erige-se em «regra para quase tudo» (p. 44). O labor da composição repete o que na ideia de composição vem ocupar a necessidade de estabelecer o equilíbrio que a primeira nota perturbou, ao executar-se.

Se Schoenberg não hesitou ao descobrir o dodecafonismo, se resistiu ao passo melancólico que se lhe deparou, foi simplesmente porque o compositor pensou o sistema dos doze sons como «alternativa positiva ao princípio de tonalidade, alternativa feita de 'regras' precisas e compreensíveis». Nada que desconvenha! Apenas uma absolutização do espaço sonoro que a tradição tonal continha num âmbito exíguo. Schoenberg sempre maridou as formas tradicionais às suas descobertas seriais, antigos preceitos e inovações técnicas. O erro foi pressupor que o dodecafonismo se atribuía a revelação e a substituição total daquilo que o precedera. O aspecto técnico foi assim descurado, recalcado. A exploração do serialismo era de uma certa maneira inseparável da reintegração dos processos clássicos de composição. Não se tratou nunca de uma forma de extremismo.

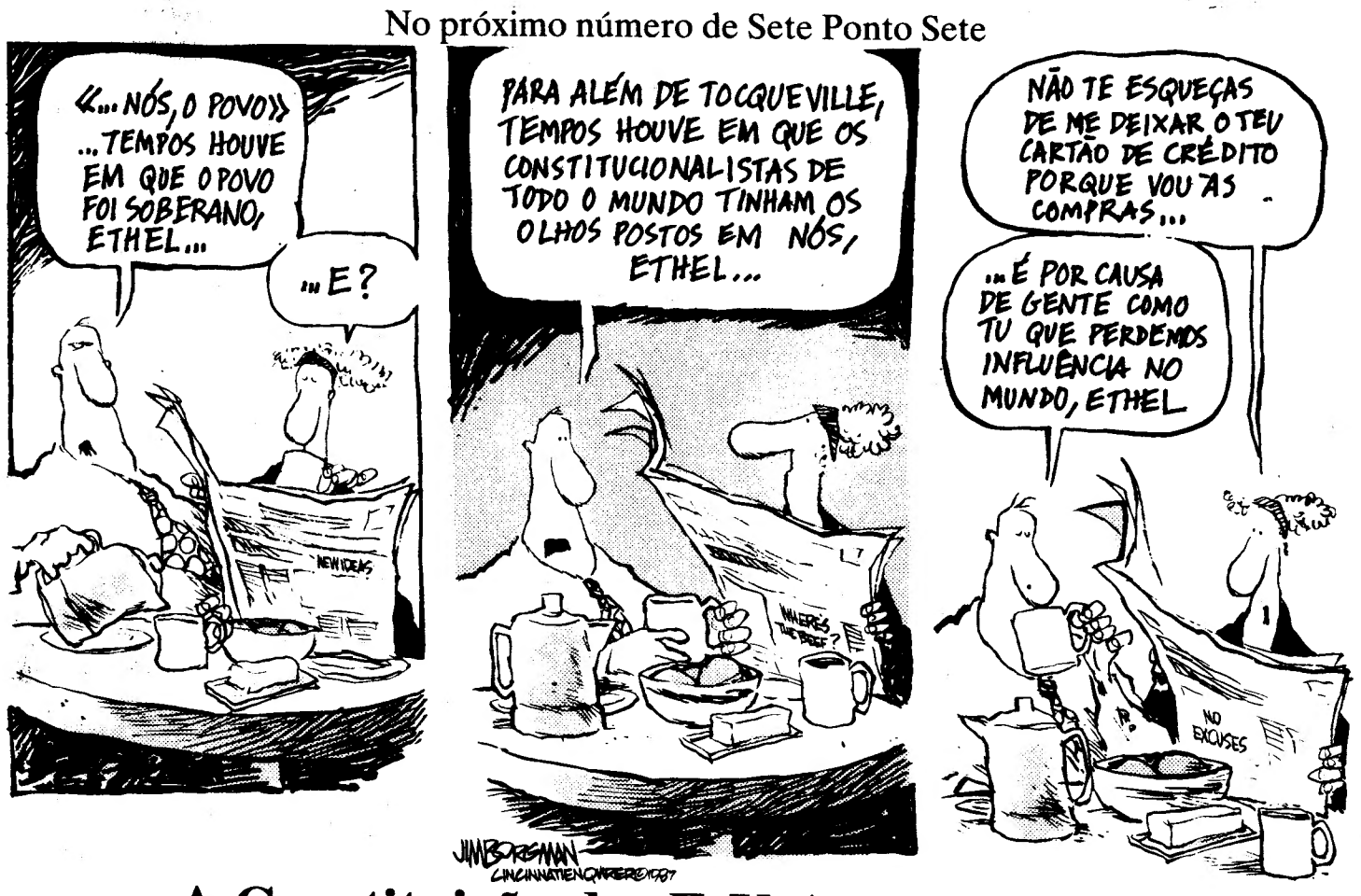
A composição dodecafónica aproxima-se curiosamente do que Raymond Roussel exigia da literatura, uma expansão do espaço inusitado, erotização generalizada do som, esforço excessivo do que, ainda não ouvido (in-ouï), toma a forma quase paradigmática do *calembur*. A consequência desta atitude «resolveu-se» em atematismo que no «Quinteto de sopro» reveste a dificuldade máxima e talvez o ponto *nodal* do dodecafonismo de Schoenberg, a impossibilidade de memorizar os temas.

Nesta arrogância benévola, em que Arnold Whittall não usou insistir, reside a duplicidade coercitiva do efeito composicional que consiste em leitura e escuta, confunde visualidade e a cegueira respectiva que se repete, ausente, na audição.

Há uma metamorfose contínua que evidencia melhor o pânico e a virulência de esquecer que a necessidade imperiosa de relembrar.

RG

No próximo número de Sete Ponto Sete



A Constituição dos E.U.A. como modelo para constitucionalistas estrangeiros

«A Constituição dos Estados Unidos da América é o seu maior produto de exportação», diz Albert Blaustein, co-autor de *Constitutions of the Countries of the World*, uma anše comparada que se encontra publicada em 18 volumes. No seu artigo, que editamos no *Sete Ponto Sete* da próxima terça-feira, Blaustein, que é professor de Direito na Universidade de Rutgers, analisa a influência que o célebre documento — cujo bicentenário acaba de passar — exerceu nos constitucionalistas de todo o mundo. Para ele, o que terá havido de fundamentalmente revolucionário no gesto dos fundadores foi o facto de eles se terem assumido (... «Nós, o Povo...») como formuladores e promulgadores de uma Constituição. Até então, ninguém imaginava o «Povo» dotado de poderes constituintes, e até mesmo na subsequente Revolução Francesa a ideia se desenvolveu mais vagarosamente: já muito depois do juramento do *Tennis Court*, membros da Assembleia Nacional Francesa continuaram a sentir que a Constituição que estavam a elaborar, para ser válida, tinha de ser aceite pelo rei como uma espécie de parceiro com quem a nação tinha de negociar...

A Constituição americana «venceu a prova do tempo» como costuma dizer-se, e o seu sucesso está associado ao facto de também ter sido a *primeira* a ser redigida como tal, encontrando-se disponível para estudo, crítica e análise há dois séculos. Era, assim, inevitável que ela viesse a ter importância determinante, como modelo e ponto de referência, em toda a história do constitucionalismo mundial. Uma leitura a não perder, no próximo *Sete Ponto Sete*.

Graça dos Santos em «Mulher ao Mar»

Cá e Lá voltam a Portugal

DECIDIDAMENTE, o início desta temporada teatral mostra-se agitado; festivais, colóquios, grupos estrangeiros e agora, um tipo muito especial de grupo estrangeiro: é que são quase todos portugueses.

A Troupe de Théâtre **Cá e Lá** está sediada em França onde trabalha há oito anos, intensamente num projecto teatral extremamente rico, que inclui criações para as quais é muitas vezes Graça dos Santos, uma das actrizes, que escreve os textos. Textos esses que são escritos directamente em Francês, já que não se trata de um grupo que trabalhe para público português em França, mas sim um grupo de portugueses que trabalham em França. Para todos os públicos. Filha de emigrantes, Graça dos Santos traz pela segunda vez um espectáculo do grupo a Portugal, pelo que, tal como da primeira vez (Sudexpress), foi preciso fazer uma adaptação, e neste caso traduzir o texto, que assim terá a sua estreia em português no país dos pais de muitos destes apaixonados que andam há anos, de terra em terra, mostrando teatro que concebem para tentar que algo seja pensado e diferente em seu redor.

Neste aso, a peça chama-se *Une Femme à Lá Mer*, tendo como título português *Mulher ao Mar*. É um monólogo, escrito e interpretado pela própria Graça dos Santos, e conta a história de uma mulher que é encontrada numa aldeia, tem setenta anos, a vida atrás de si, e nós o futuro. Sobre o qual estará a marca deste espectáculo se o formos ver.

Alerto desde já os curiosos de coisas curiosas como esta de que a peça estará apenas alguns dias, na Barraca, Rua Alexandre Herculano, em Lisboa, após o que partirão em «tournée», percorrendo o nosso país de alto a baixo, sem se cansar (isto digo eu porque é mentira).

Mas que esse cansaço, se o houver, seja o melhor de todos!

Manuel Cintra